

Luiz Flávio Neubert

DESIGUALDADE OCUPACIONAL E O USO DO TEMPO:

um estudo sobre os determinantes do tempo de trabalho remunerado e do tempo livre entre indivíduos adultos inseridos no mercado de trabalho em uma cidade brasileira e nas regiões metropolitanas norte-americanas.

Belo Horizonte

2011

Luiz Flávio Neubert

DESIGUALDADE OCUPACIONAL E O USO DO TEMPO:

um estudo sobre os determinantes do tempo de trabalho remunerado e do tempo livre entre indivíduos adultos inseridos no mercado de trabalho em uma cidade brasileira e nas regiões metropolitanas norte-americanas.

Trabalho de Tese apresentado ao Curso de Doutorado em Sociologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais como pré-requisito para aquisição do título de Doutor em Sociologia.

Orientadora: Neuma Figueiredo de Aguiar.

Belo Horizonte

2011



Universidade Federal de Minas Gerais
 Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
 Programa de Pós-Graduação em Sociologia
 Av. Antônio Carlos, 6627 - Pampulha
 31.270-901 - Belo Horizonte - MG

ATA DA DEFESA DE TESE DE LUIZ FLÁVIO NEUBERT DO CURSO DE DOUTORADO EM SOCIOLOGIA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

Aos 18 (dezoito) dias do mês de fevereiro de 2011, às 14:00 horas, reuniu-se a Banca Examinadora da Tese do Curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Sociologia, composta pelos professores doutores Márcio Ferreira de Souza (UFU), Jerônimo Oliveira Mauiz (SOA-UFMG), Sadi Dal Rosso (UNB), Antônio Augusto Pereira Prates (SOA-UFMG), Danielle Cirino Fernandes (SOA-UFMG) e Neuma Figueiredo de Aguiar (Orientadora-SOA-UFMG), para defesa de Tese de Doutorado intitulada "Desigualdade ocupacional e os usos do tempo: um estudo sobre os determinantes do tempo contratado e do tempo livre entre indivíduos adultos inseridos no mercado de trabalho em uma cidade brasileira e nas regiões metropolitanas norte-americanas, do doutorando Luiz Flávio Neubert. Após a apresentação, a banca reuniu-se, decidido pela:


aprovação)

aprovação com recomendações ()


reprovação ()

da tese. Para constar, foi lavrada a presente ata que será assinada pelos membros da banca. Belo Horizonte, 18 de fevereiro de 2011.

Banca Examinadora:

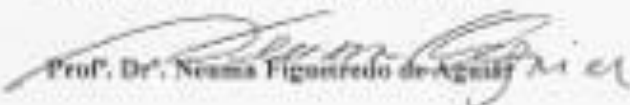

 Prof. Dr. Márcio Ferreira de Souza


 Prof. Dr. Jerônimo Oliveira Mauiz


 Prof. Dr. Sadi Dal Rosso


 Prof. Dr. Antônio Augusto Pereira Prates


 Prof. Dr. Danielle Cirino Fernandes


 Prof. Dr. Neuma Figueiredo de Aguiar

Dedico honrosamente este trabalho à Professora Neuma Aguiar.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho de tese somente foi possível de ser realizado porque muitos foram generosos ao doar parte do seu próprio tempo a este aprendiz. Por esse motivo, agradeço profundamente...

... à Profa. Neuma pela possibilidade de realizar este estudo e, também, pelas oportunidades de aprendizado e crescimento profissional que me ofereceu ao longo destes anos em que trabalhamos juntos.

... ao Prof. Jerônimo Muniz, pelas contribuições valiosas que ofereceu, as quais são responsáveis por orientar os rumos das análises realizadas neste estudo.

... ao colega e amigo Arnaldo Mont'Alvão Neto, o qual promoveu generosos esforços no sentido de auxiliar na organização das informações utilizadas e das análises realizadas neste estudo.

... aos estimados Professores Márcio de Souza, Antônio Augusto Prates e Danielle Fernandes, pelo aprendizado ao longo deste anos e pelas contribuições em relação ao projeto inicial deste estudo.

... à FAPEMIG e ao Departamento de Pós-Graduação em Sociologia da Fafich/UFMG pela concessão de bolsa de estudos ao longo do curso de doutorado.

... à minha família pela paciência, compreensão e, principalmente, motivação para completar esta caminhada.

“[...] como valores, as mercadorias são apenas dimensões definidas do tempo de trabalho que nelas se cristaliza.”

Karl Marx, *O Capital* [1867].

RESUMO

Este estudo teve como objetivo principal realizar uma análise quantitativa da relação entre a organização das atividades de trabalho remunerado e de tempo livre ao longo da semana e a dimensão da desigualdade ocupacional com base em informações oriundas de pesquisas de usos do tempo. Mais especificamente, foi realizado um teste sobre os achados relativos a um estudo anterior (NEUBERT, 2006) com base em novos modelos de regressão e no uso de um conjunto mais diverso de variáveis relativas às características ocupacionais. A mesma estratégia foi utilizada para analisar dois casos empíricos: a cidade de Belo Horizonte (Brasil) em 2001 e as regiões metropolitanas dos EUA em 2003. Os achados mais importantes dizem respeito à importância da discussão sobre a abrangência da seguridade social no mercado de trabalho brasileiro e ao acentuado processo de flexibilização do mercado de trabalho norte-americano. Estes mesmos achados corroboram a hipótese mais geral que orienta o estudo, qual seja, de que a divisão da semana entre dias dedicados ao trabalho e dias sem trabalho é um tipo de organização do tempo cotidiano restrito a grupos ocupacionais que apresentam determinadas características.

Palavras-chave: *tempo de trabalho remunerado; tempo livre; estratificação social; Brasil; EUA.*

ABSTRACT

This study aims to carry out a quantitative analysis of the interplay of the work and the free time activities and the dimension of occupational inequalities. More specifically, the results found by Neubert (2006) were tested using new regression models, with a broader number of occupational variables. The data is drawn from time use studies in: the metropolitan area of Belo Horizonte, Brazil, in 2001, and the United States metropolitan areas in 2003. The main findings indicate the need to discuss the social security issues in the Brazilian labor market, as well as the process of labor flexibilization in the US. These results corroborate the general hypothesis of this study, which argues that the general organization of the week, in which working days differ from non-working days, is a kind of management of time that only applies to specific occupational groups.

Key-Words: *working time; free time; social stratification; Brazil; US.*

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1	Agrupamento dos códigos de 2 e 3 dígitos nas categorias de atividades de John Robinson (1999)	p.86
QUADRO 2	Categorias das atividades diárias (códigos de 2 e 3 dígitos agrupados em códigos de 1 dígito) da Pesquisa de BH (2001)	p.198
QUADRO 3	Categorias das atividades diárias (códigos de 2 e 3 dígitos agrupados em códigos de 3 dígitos) da Pesquisa de BH (2001)	p.199
QUADRO 4	Relação entre os códigos de 2 e 3 dígitos das atividades diárias da Pesquisa de BH (2001) e os códigos de 6 dígitos dos ATUS-2003	p.201

LISTA DE TABELAS

TAB.1	Jornada média semanal dos assalariados, por setor da economia, em cinco regiões metropolitanas e no Distrito Federal em 1999 (em horas)	p.58
TAB.2	Assalariados que trabalharam mais do que a jornada legal, por setor da economia, em cinco regiões metropolitanas e no Distrito Federal em 1999 (%)	p.59
TAB.3	Jornada de trabalho semanal dos indivíduos de 16 anos ou mais em atividades rurais e não-rurais nos EUA em 2003 (em milhares)	p.60
TAB.4	Informações sobre composição amostral	p.78
TAB.5	Distribuição dos indivíduos por sexo para a amostra dos dias de semana da Pesquisa dos Usos do Tempo em BH (2001)	p.107
TAB.6	Distribuição dos indivíduos por sexo para a amostra dos dias de fim de semana da Pesquisa dos Usos do Tempo em BH (2001)	p.107
TAB.7	População economicamente ativa, segundo sexo no Brasil e nas grandes regiões em 1999 (em números absolutos)	p.108
TAB.8	Distribuição dos indivíduos por faixa de idade para a amostra dos dias de semana da Pesquisa dos Usos do Tempo em BH (2001)	p.109
TAB.9	Distribuição dos indivíduos por faixa de idade para a amostra dos dias de fim de semana da Pesquisa dos Usos do Tempo em BH (2001)	p.110
TAB.10	Distribuição dos indivíduos por faixa de escolaridade para a amostra dos dias de semana da Pesquisa dos Usos do Tempo em BH (2001)	p.110
TAB.11	Distribuição dos indivíduos por faixa de escolaridade para a amostra dos dias de fim de semana da Pesquisa dos Usos do Tempo em BH (2001)	p.110
TAB.12	Distribuição das pessoas residentes com 10 anos de idade ou mais em Belo Horizonte no ano 2001 por grau de instrução (anos de escolaridade)	p.111

TAB.13	Distribuição dos indivíduos por número de ocupações remuneradas exercidas para a amostra dos dias de semana da Pesquisa dos Usos do Tempo em BH (2001)	p.111
TAB.14	Distribuição dos indivíduos por número de ocupações remuneradas exercidas para a amostra dos dias de fim de semana da Pesquisa dos Usos do Tempo em BH (2001)	p.112
TAB.15	Distribuição dos indivíduos de acordo com a formalidade da ocupação principal para a amostra dos dias de semana da Pesquisa dos Usos do Tempo em BH (2001)	p.112
TAB.16	Distribuição dos indivíduos de acordo com a formalidade da ocupação principal para a amostra dos dias de fim de semana da Pesquisa dos Usos do Tempo em BH (2001)	p.113
TAB.17	Trabalho com carteira assinada no Brasil e nas grandes regiões em 1999	p.113
TAB.18	Distribuição dos indivíduos de acordo com a situação na ocupação principal para a amostra dos dias de semana da Pesquisa dos Usos do Tempo em BH (2001)	p.114
TAB.19	Distribuição dos indivíduos de acordo com a situação na ocupação principal para a amostra dos dias de fim de semana da Pesquisa dos Usos do Tempo em BH (2001)	p.115
TAB.20	Estrutura da ocupação no Brasil em 1999	p.115
TAB.21	Distribuição dos indivíduos de acordo com a natureza da ocupação principal para a amostra dos dias de semana da Pesquisa dos Usos do Tempo em BH (2001)	p.116
TAB.22	Distribuição dos indivíduos de acordo com a natureza da ocupação principal para a amostra dos dias de fim de semana da Pesquisa dos Usos do Tempo em BH (2001)	p.116
TAB.23	Médias diárias (min.) das atividades de Tempo de Trabalho Remunerado incluindo todos os indivíduos de cada amostra (dos dias de semana e dos dias de fim de semana) da Pesquisa dos Usos do Tempo em BH (2001)	p.119

TAB.24	Médias diárias (min.) das atividades de Tempo Livre incluindo todos os indivíduos de cada amostra (dos dias de semana e dois dias de fim de semana) da Pesquisa dos Usos do Tempo em BH (2001)	p.123
TAB.25	Matriz de correlação do Modelo 1	p.125
TAB.26	Informações sobre a variável “Trabalho Remunerado” da amostra dos dias de semana da Pesquisa dos Usos do Tempo em BH (2001) por quartil (Modelo 1)	p.126
TAB.27	Resultados dos modelos da regressão linear e quantílica para a variável dependente “logaritmo natural do tempo de trabalho remunerado em um dia de semana (min.) para a amostra da Pesquisa dos Usos do Tempo em BH (2001)	p.129
TAB.28	Matriz de correlação do Modelo 2	p.131
TAB.29	Informações sobre a variável “Tempo de Trabalho Remunerado” da amostra dos dias de fim de semana da Pesquisa dos Usos do Tempo em BH (2001) por quartil (Modelo 2)	p.132
TAB.30	Resultados dos modelos da regressão linear e quantílica para a variável dependente “logaritmo natural do tempo de trabalho remunerado em um dia de fim de semana” (min.) para a amostra da Pesquisa dos Usos do Tempo em BH (2001)	p.133
TAB.31	Matriz de correlação do Modelo 3	p.135
TAB.32	Informações sobre a variável “Tempo Livre” da amostra dos dias de semana da Pesquisa dos Usos do Tempo em BH (2001) por quartil (Modelo 3)	p.136
TAB.33	Resultados dos modelos da regressão linear e quantílica para a variável dependente “logaritmo natural do tempo livre em um dia de semana” (min.) para a amostra da Pesquisa dos Usos do Tempo em BH (2001)	p.139
TAB.34	Matriz de correlação do Modelo 4	p.141
TAB.35	Informações sobre a variável “Tempo Livre” da amostra dos dias de fim de semana da Pesquisa dos Usos do Tempo em BH (2001) por quartil (Modelo 4)	p.142

TAB.36	Resultados dos modelos da regressão linear e quantílica para a variável dependente “logaritmo natural do tempo livre em um dia de fim de semana” (min.) para a amostra da Pesquisa dos Usos do Tempo em BH (2001)	p.144
TAB.37	Distribuição dos indivíduos por sexo para a amostra dos dias de semana do ATUS-2003	p.148
TAB.38	Distribuição dos indivíduos por sexo para a amostra dos dias de fim de semana do ATUS-2003	p.148
TAB.39	Distribuição dos indivíduos por faixa de idade para a amostra dos dias de semana do ATUS-2003	p.149
TAB.40	Distribuição dos indivíduos por faixa de idade para a amostra dos dias de fim de semana do ATUS-2003	p.149
TAB.41	Distribuição dos indivíduos por faixa de escolaridade para a amostra dos dias de semana do ATUS-2003	p.150
TAB.42	Distribuição dos indivíduos por faixa de escolaridade para a amostra dos dias de fim de semana do ATUS-2003	p.150
TAB.43	Proporção de pessoas residentes com 25 anos de idade ou mais nos EUA no ano 2003 de acordo com o último grau completado com sucesso (em milhares)	p.150
TAB.44	Distribuição dos indivíduos por número de ocupações remuneradas exercidas para a amostra dos dias de semana do ATUS-2003	p.151
TAB.45	Distribuição dos indivíduos por número de ocupações remuneradas exercidas para a amostra dos dias de fim de semana do ATUS-2003	p.151
TAB.46	Distribuição dos indivíduos de acordo com o tipo de dedicação à ocupação principal para a amostra dos dias de semana do ATUS-2003	p.152
TAB.47	Distribuição dos indivíduos de acordo com o tipo de dedicação à ocupação principal para a amostra dos dias de fim de semana do ATUS-2003	p.152

TAB.48	Distribuição dos indivíduos de acordo com o setor da ocupação principal para a amostra dos dias de semana do ATUS-2003	p.153
TAB.49	Distribuição dos indivíduos de acordo com o setor da ocupação principal para a amostra dos dias de fim de semana do ATUS-2003	p.153
TAB.50	Estrutura da força de trabalho da população civil não-institucionalizada de 16 anos ou mais de idade em 2003 nos EUA (em milhares)	p.154
TAB.51	Estrutura da ocupação nos EUA em 2003 (em milhares)	p.154
TAB.52	Distribuição dos indivíduos de acordo com a natureza da ocupação principal para a amostra dos dias de semana do ATUS-2003	p.155
TAB.53	Distribuição dos indivíduos de acordo com a natureza da ocupação principal para a amostra dos dias de fim de semana do ATUS-2003	p.155
TAB.54	Médias diárias (min.) das atividades de Trabalho Remunerado incluindo todos os indivíduos de cada amostra (dos dias de semana e dos dias de fim de semana) do ATUS-2003	p.158
TAB.55	Médias diárias (min.) das atividades de Tempo livre incluindo todos os indivíduos de cada amostra (dos dias de semana e dos dias de fim de semana) do ATUS-2003	p.161
TAB.56	Matriz de correlação do Modelo 5	p.163
TAB.57	Informações sobre a variável “Tempo de Trabalho Remunerado” da amostra dos dias de semana do ATUS-2003 por quartil	p.164
TAB.58	Resultados dos modelos da regressão linear e quantílica para a variável dependente “logaritmo natural do tempo de trabalho remunerado em um dia de semana” (min.) para a amostra do ATUS-2003	p.167
TAB.59	Matriz de correlação do Modelo 6	p.169

TAB.60	Informações sobre a variável “Tempo de Trabalho Remunerado” da amostra dos dias de fim de semana do ATUS-2003 por quartil (Modelo 6)	p.170
TAB.61	Resultados dos modelos da regressão linear e quantílica para a variável dependente “logaritmo natural do tempo de trabalho em um dia de semana” (min.) para a amostra do ATUS-2003	p.172
TAB.62	Matriz de correlação do Modelo 7	p.174
TAB.63	Informações sobre a variável “Tempo Livre” da amostra dos dias de semana do ATUS-2003 por quartil (Modelo 7)	p.175
TAB.64	Resultados dos modelos da regressão linear e quantílica para a variável dependente “logaritmo natural do tempo livre em um dia de semana” (min.) para a amostra do ATUS-2003	p.178
TAB.65	Matriz de correlação do Modelo 8	p.180
TAB.66	Informações sobre a variável “Tempo Livre” da amostra dos dias de fim de semana do ATUS-2003 por quartil (Modelo 8)	p.181
TAB.67	Resultados dos modelos da regressão linear e quantílica para a variável dependente “logaritmo natural do tempo livre em um dia de fim de semana” (min.) para a amostra do ATUS-2003	p.184

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ATUS – *American Time Use Survey*

BH – Belo Horizonte

CATI - *Computer-assisted telephone interviewing*

CNPq – Conselho Nacional de Pesquisa

DIEESE – Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos

EUA – Estados Unidos da América

EUROSTAT - Gabinete de Estatísticas da União Europeia

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ISE – Índice de status socioeconômico

ONU – Organização das Nações Unidas

RMQO – Regressão dos Mínimos Quadrados Ordinários

RQ – regressão quantílica

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

SUMÁRIO

1. Objeto do estudo	p.19
2. Justificativa	p. 24
3. Marco Teórico	p.27
3.1. O conceito de “tempo” no pensamento sociológico	p.28
3.2. Thorstein Veblen e a teoria da classe ociosa	p.32
3.2.1. Sobre Thorstein Veblen	p.32
3.2.2. Emulação pecuniária e o surgimento da classe ociosa	p.34
3.2.3. O ócio conspícuo	p.37
3.2.4. As mudanças no contexto moderno	p.38
3.2.5. A teoria da classe ociosa revisitada	p.40
3.3. As pesquisas sobre usos do tempo	p.41
3.3.1. A metodologia dos diários de usos do tempo	p.41
3.3.2. Tendências dos usos do tempo em sociedades desenvolvidas	p.42
3.3.3. Os usos do tempo em sociedades em desenvolvimento: o caso do Brasil	p.47
3.4. O contexto contemporâneo do mundo do trabalho	p.51
3.4.1. A nova ética do mundo do trabalho	p.51
3.4.2. O desenvolvimento histórico da jornada de trabalho	p.56
3.4.3. Informações sobre a jornada de trabalho em BH e nos EUA	p.57
3.5. Notas sobre desigualdade ocupacional	p.60
4. Metodologia do estudo	p.69
4.1. Fontes de informação	p.69
4.2. Amostras probabilísticas de BH e dos EUA	p.73
4.2.1. Amostra probabilística de BH e seleção dos casos	p.74
4.2.2. Amostra probabilística dos EUA e seleção dos casos	p.76

4.3.	Instrumentos e estratégias de coleta de dados	p.78
4.4.	Quadro operacional do estudo	p.82
4.4.1.	Variáveis dependentes: a duração das atividades	p.82
4.4.2.	Variáveis independentes: as características dos indivíduos	p.87
4.5.	Modelos de regressão	p.89
4.6.	Hipóteses do estudo	p.100
5.	Análise dos dados	p.106
5.1.	Análise dos dados da Pesquisa de Usos do Tempo em BH (2001)	p.106
5.1.1.	Descrição das amostras	p.106
5.1.2.	Descrição das médias de tempo	p.116
5.1.3.	Análise do Modelo 1	p.124
5.1.4.	Análise do Modelo 2	p.130
5.1.5.	Análise do Modelo 3	p.134
5.1.6.	Análise do Modelo 4	p.140
5.1.7.	As hipóteses e os dados sobre BH, Brasil	p.145
5.2.	Análise dos dados do ATUS-2003	p.147
5.2.1.	Descrição das amostras	p.147
5.2.2.	Descrição das médias de tempo	p.155
5.2.3.	Análise do Modelo 5	p. 162
5.2.4.	Análise do Modelo 6	p. 169
5.2.5.	Análise do Modelo 7	p. 173
5.2.6.	Análise do Modelo 8	p. 180
5.2.7.	As hipóteses e os dados sobre os EUA	p.186
6.	Conclusão do estudo	p.189
	Referências	p.193
	Apêndices	p.199

1 OBJETO DO ESTUDO

O presente estudo teve como interesse mais geral refletir sobre as diversas formas pelas quais as pessoas utilizam o próprio tempo com base em informações oriundas de pesquisas de usos do tempo, as quais possuem a característica distinta de coletar os dados através da metodologia dos diários de atividades. Foi pressuposto que a forma como os indivíduos utilizam as 24 horas diárias (ou os 1.440 minutos diários) disponíveis depende, dentre outras coisas¹, das características das atividades remuneradas que exercem, as quais têm sua carga de importância na organização da jornada semanal de trabalho e, como consequência, nas possibilidades de locação das demais atividades diárias entre os sete dias da semana. Nesse sentido, o objetivo principal foi tratar a relação entre a dimensão dos usos do tempo e a dimensão da estratificação social. Mais especificamente, procurou-se abordar a relação entre a desigualdade ocupacional e a organização semanal do tempo de trabalho remunerado e do tempo livre.

Em discussão recente (NEUBERT, 2006)², este tema foi tratado com base em informações da Pesquisa dos Usos do Tempo em Belo Horizonte realizada em 2001. A partir deste estudo foi possível concluir que os indivíduos adultos (18 a 64 anos) e ocupados (ou seja, que exerciam alguma atividade remunerada quando a pesquisa foi realizada) em Belo Horizonte possuíam características semelhantes às dos indivíduos que vivem em países desenvolvidos quando se

¹ Michael Bittman (1998) afirma que a idade e o sexo são, de longe, os principais determinantes dos usos do tempo. Entretanto, o presente estudo tem como objetivo específico destacar o papel da dimensão da desigualdade ocupacional na organização das atividades diárias.

² Apesar de haver algumas semelhanças entre a análise empírica atual e aquela realizada no estudo anterior a este, o presente estudo apresenta uma mudança de foco teórico do lazer para o trabalho remunerado e, também, substitui a categoria “lazer” pela categoria “tempo livre”, mais abrangente do que a primeira. Essas alterações são mais bem detalhadas à frente.

trata de analisar a desigualdade ocupacional inscrita na alocação de tempo nas atividades diárias.

A coincidência se deve ao fato de que entre os indivíduos ocupados, aqueles que exercem ocupações de maior *status* (que envolvem, portanto, maiores investimentos em educação e treinamento) tendem a despendar mais tempo em atividades de trabalho remunerado do que os indivíduos que exercem ocupações de menor *status*. Tal tendência, segundo a interpretação realizada por Jonathan Gershuny (2005a, 2005b, 2009), é comum em países pós-industriais, nos quais as credenciais oferecidas pelos sistemas de educação formal e o capital incorporado pelos indivíduos ao participarem destas instituições são os elementos mais valorizados para a aquisição de uma determinada posição no sistema de estratificação social contemporâneo³. O autor chama atenção para as idéias de Daniel Bell (1977), ressaltando o fato de que nas sociedades capitalistas mais avançadas o intenso desenvolvimento tecnológico retira a mão-de-obra do setor primário e secundário e a transfere para o setor terciário (serviços). Por outro lado, essa transferência caminha juntamente com uma valorização cada vez maior do conhecimento formal.

Ainda segundo Gershuny (2009, 2005b), nos países mais desenvolvidos do sistema capitalista encontra-se uma situação inversa àquela que Thorstein Veblen (1965) descreveu quando tratou do seu famoso objeto de estudo, a classe ociosa. Se até o século XIX poderia se falar na existência de uma *leisure class*, a partir do século XX há o surgimento de uma *working class*, um

³ O aumento na produção de bens e serviços depende do desenvolvimento tecnológico e científico, portanto, depende do aumento do conhecimento técnico, profissional e especializado. Neste contexto, o capital incorporado (*embodied capital* ou *economic capability*) se torna o bem mais requerido e mais facilmente vendável como força de trabalho sendo, a partir de então, o melhor investimento para assegurar ganhos econômicos. Quanto mais avançada a esfera econômica de uma sociedade, mais o capital incorporado se torna elemento fundamental para estabelecer a posição social e econômica dos indivíduos adultos e para garantir a reprodução dessas posições às gerações seguintes (GERSHUNY, 2005b, 2009).

grupo social de *status* superior para o qual o símbolo de honra passa a ser não mais a ociosidade, mas, sim, o trabalho e o mundo dos negócios.⁴

Contudo, apesar da análise dos dados sobre usos do tempo em Belo Horizonte também ter convergido neste sentido, um detalhe importante se configurou como um dos principais achados da análise desenvolvida por Neubert (2006): a importância da tradicional divisão da semana de sete dias em dois períodos distintos, quais sejam, os “dias de semana” (segunda, terça, quarta, quinta e sexta-feira) e os “dias de fim de semana” (sábado e domingo). Deixando-se um pouco de lado a discussão sobre a duração total da jornada semanal de trabalho, os resultados das análises demonstraram que a divisão entre os dias considerados “úteis” e os dias dedicados ao descanso parece ter se tornado um privilégio de alguns grupos ocupacionais, já que quanto maior o *status* ocupacional, maior é a probabilidade de organização das atividades diárias na forma mais comum, qual seja, uma maior concentração do tempo de trabalho remunerado nos dias de semana (segunda, terça, quarta, quinta ou sexta-feira) enquanto que os dias de fim de semana (sábado ou domingo) ficam mais liberados para a realização de outras atividades, dentre elas, as atividades de lazer. Entretanto, entre as ocupações de menor *status* a situação é a oposta, pois os indivíduos tendem a diluir a jornada de trabalho semanal ao longo dos sete dias da semana, o que resulta no desaparecimento da fronteira que tradicionalmente separa os dias de trabalho e os dias de descanso.

⁴ Por esse motivo, o presente estudo apresenta uma mudança de foco, em termos teóricos, ao ressaltar a importância do tempo de trabalho remunerado na organização semanal das atividades de indivíduos inseridos no mercado de trabalho (em detrimento do tempo de lazer, foco principal do estudo realizado por Neubert em 2006). Contudo, em termos de operacionalização empírica do problema de pesquisa, os estudos se assemelham bastante, com exceção das inovações que foram introduzidas no atual.

Este achado abriu espaço para outros questionamentos, os quais, por sua vez, formaram os fundamentos deste estudo. Assim, foi proposto tanto o uso de ferramentas estatísticas mais sofisticadas para analisar os mesmos dados de Belo Horizonte sobre os usos do tempo, com vistas a confirmar as tendências outrora identificadas na análise realizada em 2006, quanto uma ampliação do escopo, ao testar a mesma hipótese de estudo sobre outro contexto empírico, qual seja, os EUA.

Dessa forma, além de testar novamente a hipótese sobre a importância da divisão semanal de acordo com os dados de Belo Horizonte com base em novos modelos de regressão, esta mesma estratégia foi replicada para o conjunto de dados sobre os usos do tempo nos EUA em 2003, sem, contudo, ter sido realizada uma comparação direta entre estes dois casos. Esse cuidado se justificou pelo fato das pesquisas diferirem bastante entre si em aspectos importantes, tais como os instrumentos e estratégia de coleta de dados, as populações de referência, etc. (ver capítulo 4), impossibilitando a comparação direta entre os dois conjuntos de informações. Para que fosse utilizada a mesma estratégia de análise em ambos os contextos empíricos, as informações sobre os EUA em 2003 foram adaptadas de acordo com o sistema de classificação das atividades diárias utilizado na pesquisa realizada em BH.

Sobre a organização das seções deste estudo, a seguinte estratégia foi adotada: o segundo capítulo foi dedicado a apresentar as justificativas para a realização do estudo; o terceiro capítulo foi dedicado à discussão teórica; o quarto capítulo foi dedicado às notas metodológicas, as quais incluíram comentários sobre as fontes de informação, as amostras e os critérios para seleção dos casos, os instrumentos e estratégias de coleta das informações, o conjunto de variáveis dependentes e independentes, a hipótese do estudo e os modelos de análise; o quinto capítulo foi dedicado à análise dos dados para cada conjunto de informações em separado, incluindo para cada contexto

empírico a descrição das amostras, a análise descritiva das médias de tempo das variáveis dependentes, os resultados dos modelos e a discussão sobre a hipótese. As considerações finais foram realizadas no sexto e último capítulo.

2 JUSTIFICATIVA

Como foi dito no capítulo anterior, no presente estudo foram propostas inovações na forma de abordar o tema em questão, qual seja, a relação entre desigualdade ocupacional e os usos do tempo. Tais inovações têm relação, basicamente, com aspectos metodológicos e analíticos. O primeiro deles diz respeito aos modelos estatísticos que foram utilizados. No estudo anterior (NEUBERT, 2006) foi utilizado o método de Regressão dos Mínimos Quadrados Ordinários (RMQO), para o qual o tempo das atividades em um dia, como variável dependente, apresentou uma série de problemas devido às exigências do próprio modelo⁵. No presente estudo foi proposta uma estratégia para se ajustar o próprio modelo linear, além de se produzir outros resultados com base na regressão quantílica (KOENKER, BASSET, 1978; KOENKER, HALLOK, 2001)⁶. Isso permite, além de resultados mais confiáveis, a comparação da eficiência entre os dois tipos de regressão (as quais são calculadas de forma independente, porém, os resultados são apresentados em conjunto) para a análise da variável dependente em questão.

Além do uso de um modelo linear mais bem ajustado e de outro método de regressão mais robusto, este trabalho pretendeu dar um passo à frente com relação à operacionalização da dimensão da desigualdade ocupacional. Entre as análises de usos do tempo sobre países desenvolvidos que são tomadas aqui como referência⁷ são comumente utilizadas diversas variáveis como *proxy* da dimensão do *status* social os indivíduos adultos, dentre as mais comuns: o

⁵ Como o requisito da homocedasticidade, da normalidade da distribuição amostral e da linearidade do modelo.

⁶ Esta mesma estratégia foi utilizada por Tomás, Xavier e Dulci (2007) para analisar a variável de rendimentos dos indivíduos a partir de informações coletadas sobre uma amostra probabilística da Região Metropolitana de Belo Horizonte.

⁷ Gershuny (2005a, 2005b, 2009); Robinson e Godbey (1997); Robinson e Martin (2009); Aguiar e Hurst (2006); Sullivan e Gershuny (2000); Bittman (1998).

status no trabalho (empregado/desempregado), a escolaridade (geralmente como variável dicotômica) ou o tipo de dedicação à ocupação remunerada principal (*full-time* ou *part-time job*), tomados isoladamente em conjunto com outras variáveis demográficas (estado civil, idade, sexo, composição familiar, etc.). No estudo anterior realizado por Neubert (2006) foi utilizado, também de forma isolada, o índice de *status* socioeconômico (ISE) elaborado por Pastore e Valle Silva (2000) como variável representante do *status* ocupacional para os indivíduos inseridos no mercado de trabalho, além de sexo e idade para fins de controle dos modelos. No presente estudo, entretanto, o ISE como *proxy* do *status* ocupacional foi abandonado e um conjunto de variáveis foi introduzido para operacionalizar a dimensão da desigualdade ocupacional. A principal razão para esta mudança foi o reconhecimento da necessidade de se levar em conta os diversos aspectos relativos ao indivíduo e à ocupação principal que este exerce para se interpretar, de forma mais profunda, a relação entre desigualdade ocupacional e a organização das atividades diárias ao longo da semana.

Dessa forma, a segunda inovação correspondeu à elaboração de modelos de análise que fossem capazes de levar em conta diversas características do *status* ocupacional simultaneamente. Foi proposto, portanto, um reconhecimento da importância e uma tentativa de operacionalização da perspectiva multidimensional de Max Weber sobre a dimensão da estratificação social (1977; HALLER, 2009; GRUSKY, 2001), com ênfase especial aos privilégios relativos às posições de classe e aos grupos de *status*. Desta forma, a hipótese da divisão semanal (NEUBERT, 2006) pôde ser testada com base em múltiplas referências no que diz respeito à dimensão da estratificação social.

As variáveis independentes oriundas do conjunto de informações sobre Belo Horizonte que foram incluídas são: a situação na ocupação, a formalidade, o número de ocupações remuneradas exercidas, a escolaridade e a natureza da ocupação principal (caso seja manual ou não-manual). Para o conjunto de dados sobre os EUA, a situação na ocupação foi substituída pela variável que classifica o setor da mesma, assim como a formalidade foi substituída pela variável que caracteriza o tempo de dedicação (caso a ocupação seja *full-time* ou *part-time*). As variáveis de sexo e idade foram introduzidas em todos os modelos para efeitos de controle.

A terceira inovação diz respeito a verificar se a hipótese de Neubert (2006) sobre a divisão semanal como um privilégio de alguns grupos ocupacionais se mantém tanto com relação ao conjunto de informações sobre BH quanto para o outro conjunto de informações sobre os EUA, tendo em vista as mudanças metodológicas que foram propostas na primeira e na segunda inovação.

3 MARCO TEÓRICO

As questões que orientaram este estudo, apesar de expressarem uma preocupação direta com a dimensão empírica, suscitaram discussões que perpassam o plano teórico no que diz respeito ao conceito sociológico de “tempo”, às tendências do uso do tempo em países desenvolvidos e em desenvolvimento e, por fim, às características contemporâneas do mundo do trabalho. Por sua vez, a atenção voltada para o conjunto de atividades particularmente ligadas ao mundo do trabalho revela a importância contemporânea da mudança de foco das classes sociais superiores para as atividades produtivas e para a venda do tempo de trabalho (em detrimento do ócio e da vida contemplativa) como forma de sobrevivência (GERSHUNY, 2005a, 2005b, 2009). A perspectiva da “inversão” da teoria da classe ociosa (GERSHUNY, 2009), nesse ínterim, corresponde a uma tentativa de interpretar este fenômeno contemporâneo.

Já que este estudo propõe uma investigação em dois contextos diversos, qual seja, um país desenvolvido (EUA) e um país em desenvolvimento (Brasil), por vezes se fará uso do conceito de pós-modernidade para se referir a determinadas características que surgiram em alguns dos países desenvolvidos. Por esse motivo, é necessário salientar que se reconhece a discussão ampla e indeterminada sobre o alcance da era moderna e seus desdobramentos mais recentes.

Quanto a este tema, Giddens (1991) afirma que ao invés de acreditar-se que se vive em uma nova era pós-moderna é mais adequado pensar que o período

contemporâneo é marcado pela radicalização e universalização do estilo de vida moderno. Portanto, não faria sentido a referência a uma nova era. Bauman (2001), por seu turno, entende que a modernidade do século XXI é bastante próxima da modernidade do século XX principalmente na ênfase que ambas dão ao processo de *modernização*, na mudança como um valor inquestionável. Apesar disso, estes dois períodos se difeririam em duas características primordiais: atualmente não haveria mais a crença inexorável sobre a idéia de “progresso” e estaria ocorrendo um processo de “[...] desregulamentação e privatização das tarefas e deveres modernizantes.”, como sugere Bauman (2001).

3.1 O conceito de “tempo” no pensamento sociológico

Nesta breve revisão sobre o conceito de tempo no pensamento sociológico, pretende-se tratar da dimensão da temporalidade e de sua relação com os conceitos e definições entre autores clássicos e contemporâneos.

Durkheim (1981), por exemplo, discute o tempo como categoria do pensamento, porém, em contraposição às soluções apriorística e empirista, desenvolvidas principalmente por Kant e Hume, respectivamente. Neste ponto, Elias (1998) dá continuidade à idéia durkheimiana de que a percepção e a experiência com relação ao mundo somente são possíveis porque certo número de noções essenciais domina a mente humana. Essas noções não são fruto da experiência nem de um atributo transcendental da natureza humana, mas, sim, são aprendidas pelas crianças no processo de socialização ao qual estão submetidas em sua rede de relações sociais. Tais noções são símbolos e, como tais, são parte integrante da estrutura mental dos indivíduos adultos.

Além desta abordagem, Durkheim (1981) trata da dualidade conceitual do tempo que pode ser dividido entre o *tempo profano* e o *tempo sagrado*, de acordo com características específicas das atividades que são realizadas pelos indivíduos. Tal dualidade é ricamente desenvolvida por Zerubavel (1985), segundo o qual o tempo é um grande demarcador social. Os atos e situações sociais podem expressar realidades diversas, dependendo da sua inserção em diferentes domínios de tempo. Daí a idéia de que a vida social humana é pautada por uma série de “ritmos” que, na maioria das vezes, permanecem desconhecidos para o próprio indivíduo que os vivencia, pois estão incorporados à sua vida prática.

Diferentemente desta última perspectiva, para Karl Marx (1975) o tempo, como o conhecemos hoje, é fruto de uma necessidade oriunda da forma como se organizam a produção e a divisão do trabalho nas sociedades modernas. A idéia de que a medição e o controle do tempo devem ser cada vez mais precisos corresponderia à necessidade cada vez maior de organização entre as atividades do trabalho, altamente fragmentadas e interdependentes. Além disso, a relação entre os possuidores dos meios de produção e os possuidores da mão-de-obra livre deveria ser pautada por algo neutro, que facilmente se converteria em capital. O trabalho, desde então, não mais é pautado pelas tarefas, mas, sim, por uma disciplina ditada pelo relógio, pelo *tempo de trabalho*. Daí a tão famosa frase de Benjamin Franklin, que serviu de inspiração a Max Weber: “*time is money*”. Tal relação entre tecnologia a serviço do capital e o surgimento de uma disciplina do trabalho foi analisada, de forma minuciosa, por E. P. Thompson (1998), o qual descreveu os vários fatos históricos que contribuíram para a formação do que hoje se chama de “trabalho” no capitalismo industrial (como, por exemplo, o advento dos relógios públicos e de pulso, do relógio de ponto, da ética do trabalho e a renúncia ao ócio, etc.)

Próximo da abordagem marxista (apenas em alguns sentidos) se encontra a concepção weberiana de tempo. Para Max Weber (1969), um dos pontos mais importantes do processo de racionalização do mundo ocidental moderno é a separação entre o local de moradia e o local de trabalho. A separação entre estas duas dimensões foi necessária para que os objetivos de impessoalidade e disciplina, próprios do sistema administrativo das burocracias, fossem possíveis de ser realizados. Somente desta forma que as organizações, privadas ou públicas, poderiam garantir o distanciamento de certos aspectos das relações humanas (como os vínculos pessoais e as relações de parentesco) considerados nefastos para um arranjo racionalmente planejado, como são as burocracias (Giddens, 2003, p.180). Se o processo de racionalização, por um lado, possibilitou direitos mais democráticos e maior liberdade individual (quando o domínio público se sobrepõe ao domínio privado), ele também impôs ao indivíduo certas obrigações que têm por função coordenar as suas atividades de modo coletivo.

Para Giddens (2003, 1991), mais do que a predominância do aparato burocrático, a modernidade tardia se caracteriza pelo alto nível de organização entre as atividades individuais e as instituições, o que somente foi possível devido às formas de desencaixe do tempo-espaço, as quais permitem que o senso organizacional se desvincule do contexto localizado da ação. Na verdade, Giddens percebe que uma peculiaridade da modernidade, o fato de ser possível estabelecer relações sociais entre pessoas distantes umas das outras tanto no tempo como no espaço, tem conseqüências nunca antes vistas, tanto para as identidades sociais e individuais, como para a experiência com relação ao mundo. Segundo esta concepção, as categorias de tempo e espaço não são meros ambientes de ação, mas, sim, estruturam o modo como os sistemas sociais são constituídos. A noção de *tempo geografia*, elaborada pelo sueco T. Hägerstrand e incorporada no esquema teórico-conceitual de Giddens (2003), tem como princípio geral o caráter rotinizado da vida cotidiana. O ser humano, como “projeto biográfico”, como um “eu” aberto e em constante

construção, é analisado de acordo com as características do corpo físico e dos meios de mobilidade e comunicação.

O que há de comum entre as perspectivas apresentadas acima é o fato de todos os pensadores postularem que a temporalidade é uma *categoria social*. Para além dos fenômenos físicos, biológicos e subjetivos que compõem a dimensão da temporalidade, os aspectos sociais são postos em evidência pelos mesmos. A concepção sociológica do tempo, portanto, pode ser compreendida de acordo com o grau de desenvolvimento das forças produtivas e da reprodução do capital (como para Marx e Thompson); de acordo com os sistemas de dominação que organizam as sociedades e as relações sociais, levando-se em conta o grau de racionalização das instituições sociais (como para Weber e Giddens); ou de acordo com as representações coletivas que derivam da morfologia social e da rede de relações sociais que compõem um determinado grupo (como para Durkheim e Elias).

Outro elemento em comum entre as diversas perspectivas é o fato de basearem sua própria concepção sobre a formação da temporalidade moderna na dimensão da coordenação e da organização das atividades entre indivíduos que habitam sociedades altamente diferenciadas internamente. E, por fim, todas fazem jus à preponderância do *trabalho* na formação da temporalidade moderna (obviamente, o conceito de trabalho varia entre os pensadores, mas guarda semelhanças no sentido de ser a principal atividade humana que influenciou a formação da temporalidade moderna).

3.2 Thorstein Veblen e a teoria da classe ociosa

3.2.1 Sobre Thorstein Veblen

A sociologia norte-americana foi marcada, no fim do século XVIII e início do século XIX, por uma forte orientação reformista do mundo social com base no conhecimento científico como ferramenta para a transformação. Apesar da maioria dos pioneiros terem sido embalados por orientações religiosas, estes acreditavam que a ciência cumpria um papel importante para resolver os problemas que surgiam na sociedade de sua época. Assim nascia uma ciência basicamente empírica e com um forte sentido pragmático no momento mesmo em que se expandia o sistema de ensino superior naquele país (COSER, 1980).

Apesar do período glorioso que a sociedade norte-americana experimentava à época, uma segunda geração de sociólogos apresentaria uma visão mais crítica deste contexto de fervor moral e reformismo. Thorstein Veblen [1857-1919] foi um dos maiores representantes deste posicionamento. Diferentemente de outros colegas sociólogos, manteve-se por um bom tempo totalmente afastado da esfera política e da discussão pública. Surpreendentemente, mesmo se afastando do centro dos debates, ele demonstrou-se profundamente crítico em relação à sociedade de sua época, mais do que os próprios reformistas.

Com uma orientação voltada mais para o pensamento econômico, boa parte de suas idéias tinham como objetivo contrariar a própria teoria econômica clássica. Para tanto, buscou inspiração no pensamento de Karl Marx e no Darwinismo, rejeitando, entretanto, as interpretações normativas que este

último sofreu por parte de alguns de seus contemporâneos. Dessa forma, o comportamento econômico para Veblen deveria ser explicado, basicamente, por dois conceitos: instituições e evolucionismo. De acordo com sua abordagem, a ação econômica deveria ser considerada do ponto de vista evolucionário como forma de adaptação seletiva ao ambiente, processo pautado pelo desenvolvimento tecnológico (COSER, 1980).

Assim, surgia uma dicotomia crucial no pensamento de Veblen, o qual entende a estratificação da sociedade como baseada nas diferenças entre atividades industriais e atividades pecuniárias, as quais cumprem o papel de diferenciar aqueles que realmente “fazem as coisas” daqueles que se aproveitavam desses primeiros. O termo “industrial”, no que tange a esta discussão, não significa o mesmo que a moderna forma de produção da sociedade industrial. Refere-se, isso sim, a um tipo de trabalho dedicado à subsistência e à reprodução da vida. Este tipo de atividade tem como característica principal ser rotineiro, repetitivo e enfadonho, pois não exige nenhum tipo de proeza, criatividade, façanha ou habilidade especial (GERSHUNY, 2005b). A classe ociosa, portanto, garantiria sua sobrevivência e sua distância social através de mecanismos de parasitismo, principalmente através do sistema de preços. Isso também foi apontado por Veblen como um entrave para o desenvolvimento livre das atividades industriais, responsáveis pelo verdadeiro progresso social (COSER, 1980).

A ênfase no controle através do sistema de preços, por sua vez, é que geraria a necessidade permanente dos indivíduos se compararem com os outros, criando uma atitude de reconhecimento de si mesmo profundamente dependente do olhar alheio. Como consequência, haveria um grande abismo entre a dimensão tecnológica (adaptativa e evolutiva) e a dimensão institucional (comparação odiosa, distanciamento social e emulação) da

sociedade. Este modelo, como afirma Coser (1980), é fortemente marcado por uma valorização excessiva das atividades industriais ligadas à sobrevivência em detrimento das outras, consideradas como simplesmente artificiais e supérfluas, certamente revelando a adesão de Veblen a um *ethos* do tipo puritano.

3.2.2 Emulação pecuniária e o surgimento da classe ociosa

Uma interessante questão para investigação diz respeito à relação que se estabelece entre a dimensão da estratificação social e os usos do tempo. A *teoria da classe ociosa* (1965) de Thorstein Veblen pode ser interpretada dessa forma, já que ele examina como certa classe de pessoas vive e se relaciona com as outras classes existentes na sociedade. Mais precisamente, ele tinha como referência empírica a cultura burguesa norte-americana do fim do século XIX. Contudo, a teoria proposta por Veblen é repleta de exageros e preconceitos os quais seriam, no século XX, destruídos à luz dos achados mais recentes da historiografia e dos estudos antropológicos. Mesmo assim, para os interesses deste estudo, a teoria vebleniana foi apresentada mantendo as características originais, tendo-se o cuidado de lê-la apenas como um registro de idéias que são reconhecidamente ultrapassadas. Posteriormente, entretanto, será realizada uma interpretação do contexto contemporâneo que tem inspiração nas idéias ultrapassadas de Veblen, estando esta última em consonância com o conhecimento atual e sendo de interesse direto para a análise empírica que foi proposta.

Voltando-se, então, à teoria de Veblen, pode-se afirmar que as formas de diferenciação interna que se desenvolveram nos grupos sociais ao longo da

história tem como base a emulação pecuniária. A história mostra que a evolução dos processos econômicos envolve uma luta entre homens pelos produtos destes mesmos processos, que tem início com as atividades básicas de subsistência, porém, se desenvolve com o surgimento da propriedade, da produção de excedente e o estabelecimento da riqueza como signo de honra. O início da propriedade privada coincide com o surgimento da classe ociosa, composta exclusivamente por homens. Esta estabelece a primeira forma de propriedade sobre os escravos, mulheres e os dependentes. Posteriormente, estabelecem a posse sobre o produto do trabalho dos últimos. Com o aumento do trabalho do tipo industrial, a acumulação de bens corresponde cada vez mais à posse de riqueza adquirida através do trabalho de outros. Por outro lado, as oportunidades de distinção social através da manifestação direta de força são cada vez menos freqüentes e aceitáveis. A propriedade se torna, portanto, a base convencional da estima social e da auto-satisfação, o que Veblen chama de “honorabilidade pecuniária”.

A aquisição e acumulação de bens, de acordo com este mecanismo de distinção, não se justificam pelo consumo simplesmente, mas, sim, pela emulação. A posse confere honra e, conseqüentemente, uma divisão injusta, diferenciadora. O objetivo real da posse sempre foi, segundo Veblen, a distinção odiosa entre os que possuem e os que não possuem. Como que desvendando uma realidade escondida à primeira vista, Veblen afirma, com base nos motivos acima descritos, que o desenvolvimento da propriedade não guarda relação com a subsistência dos seus possuidores.

Portanto, pode-se dizer que, segundo a teoria de Veblen, a classe ociosa não é um dado permanente da história humana, surgindo em um ponto do processo de evolução da diferenciação social nos grupos humanos. Entre os selvagens e primitivos não existia uma classe ociosa. Esses grupos possuíam um estilo de vida pacífico, eram sedentários e a propriedade individual era precariamente desenvolvida enquanto uma instituição social. Nos estágios inferiores da

barbárie, a classe ociosa também não era tão definida, mas já era possível perceber a diferenciação de funções como base da estratificação social. A distinção mais marcante nesse estágio se dá entre homens e mulheres. Os primeiros se dedicam às atividades da guerra, à caça e pesca, aos esportes e aos rituais de devoção. Por outro lado, as mulheres se dedicam à criação dos descendentes, ao preparo dos alimentos, etc., ou seja, boa parte das atividades que garantem a subsistência do grupo.

A classe ociosa surge nos estágios mais avançados da cultura bárbara, que institui um modo de vida predatório, baseado na guerra e na caça e na qual a maioria dos membros garantia a sobrevivência do grupo com o trabalho diário, liberando alguns membros para a realização de outros tipos de atividades. O desenvolvimento de signos de diferenciação teve início, então, com o surgimento da distinção entre um tipo de trabalho rotineiro, ligado à subsistência, e as atividades que envolvem algum tipo de façanha ou proeza.

Essa diferenciação se deu primeiro entre o que ele chama de ocupações industriais e ocupações honoríficas. No primeiro grupo de ocupações se enquadra todo o tipo de trabalho diário e rotineiro, que envolve principalmente a atividade manual e de subsistência, sendo comumente realizado pelos escravos, dependentes (criados, empregados, etc.) e pelas mulheres. O segundo grupo de ocupações corresponde às que não envolvem qualquer atividade produtiva ligada à subsistência, mas estão ligadas à realização de alguma proeza ou façanha. A guerra, o sacerdócio, a governança e os esportes são atividades típicas deste grupo de ocupações e são realizadas comumente pelos membros da classe nobre, sacerdotal e seus agregados.

O costume e o bom-senso proíbem os homens das classes superiores de exercerem qualquer tipo de atividade ligada à subsistência. Entre a classe ociosa e as classes inferiores estão os que exercem atividades honoríficas secundárias e que possibilitam a realização das atividades da classe superior, como a fabricação e cuidados com armas e instrumentos de guerra em geral, manejo e cuidados de cavalos, cães e outros animais, preparo de utensílios sagrados, etc. De toda forma, se estabelece um limite nítido entre as atividades desagradáveis e rotineiras e aquelas que envolvem proeza espetacular, exibição de força, habilidade ou sabedoria.

3.2.3 O ócio conspícuo

As ocupações que fornecem a subsistência do grupo eram a única forma pela qual as classes inferiores poderiam adquirir bens. Já a força pecuniária das classes superiores era ostentada através de outro tipo de atividade, aquelas que conferissem honra e demonstrassem a recusa notória pelo trabalho comum. O ócio surgiu, então, como a atividade pela qual as classes superiores dedicam grande parte do seu tempo e que, de forma direta, não apresentam nenhuma utilidade.

Certos tipos de atividades não-produtivas dependiam de uma árdua dedicação ao treinamento no ambiente privado, mas se tornavam públicas quando os membros das classes superiores expunham os resultados de tal esforço. O conhecimento de línguas mortas e de ciências ocultas, a ortografia correta, a preocupação com o vestuário refinado, com a mobília e a decoração da casa, a participação em jogos e esportes, a criação de animais puro-sangue, etc. são exemplos de atividade não-produtivas que envolvem, ainda, formas distintas de comportamento, como a boa educação, polidez, decoro, etc. Tudo o que era

realizado no ócio, de alguma forma, se tornava patente na tentativa dos membros das classes superiores em apresentar os resultados dos esforços não-produtivos.

Como outra forma de garantir a diferenciação social, as classes superiores impunham treinamento especial a certos tipos de empregados domésticos (mordomos, governantas, etc.) e àqueles ligados diretamente ao senhor (chefes do exército, clérigos, etc.). Eles também se abstinham de qualquer trabalho produtivo e demonstravam a capacidade pecuniária do senhor. Isso gerava uma distinção entre o empregado nobre e o empregado ignóbil.

3.2.4 As mudanças no contexto moderno

No passado, quando os grupos sociais eram pequenos, a notoriedade e a distinção poderiam facilmente ser reconhecidas pelos outros através tanto do ócio quanto do consumo conspícuo. Com o desenvolvimento e expansão da diferenciação social, da divisão do trabalho, da vida urbana, da individualização e da mobilidade espacial, o ambiente social se torna cada vez mais vasto e complexo, resultando em mudanças na forma como as classes se relacionam.

A lista abaixo, portanto, apresenta algumas das interpretações de Veblen e de outros sobre as particularidades do período moderno:

- a) *mudança nas formas de produção*: o desenvolvimento tecnológico desencadeado pela Revolução Industrial no século XVIII permitiu um aumento de produtividade e dos meios de subsistência com menos esforço humano. Porém, essa maior eficiência se converteu em mais trabalho para garantir maior capacidade de consumo. Ao invés de garantir maior conforto com a diminuição dos esforços realizado na atividade de trabalho, a maior eficácia da produção se converteu em maior busca pelos gastos conspícuos. Daí surge a equação “trabalhar mais para comprar mais”, ou o que Veblen chama de “desperdício conspícuo”. Isso deixa claro que o incremento da produção é comumente empregado para satisfazer a demanda de expansão do consumo (GERSHUNY, 2005a, 2005b);
- b) *surgimento do lazer*: no processo de nascimento da modernidade o ócio é transformado em tempo livre e, posteriormente, em lazer (DUMAZEDIER, 1979; 1975), o qual não é privilégio de poucos, mas um direito social que foi sendo ampliando ao longo do século XX. Todos teriam o direito de tomar para si parte do tempo livre para a auto-satisfação, possibilidade que surgiu juntamente com a instituição do individualismo do tipo qualitativo (SIMMEL, 2005);
- c) *importância do consumo*: nas grandes concentrações urbanas o ócio perde sua capacidade de expressar a força pecuniária de uma classe, pois tal efeito somente é garantido quando se vive em pequenos grupos nos quais todos se reconhecem e são visíveis entre si. No contexto urbano, no qual as pessoas são anônimas e mantém entre si uma atitude de reserva (SIMMEL, 1987), o ócio é substituído pelo consumo que, por sua vez, se torna a principal forma de expressão da posição social, honorabilidade e privilégio (VEBLEN, 1968);
- d) *distinção entre as ocupações*: a separação entre o trabalho do tipo produtivo e a realização de proezas e façanhas⁸ persistiu em meio ao processo de diferenciação e especialização que as ocupações sofreram quando houve a passagem do sistema feudal de produção para o sistema manufatureiro e industrial. A distinção mais notória que se pode

⁸ Estes conceitos, elaborados por Veblen (1968) e comentados por Gershuny (2005b), foram discutidos na seção 3.1.3, pp.31-2.

perceber é a divisão entre ocupações manuais (ligadas à rotina das fábricas, repetitivo e de mão-de-obra facilmente substituível) e não-manuais (como as tarefas de administração, supervisão, empreendedorismo, criação e desenvolvimento de tecnologias, etc.);

- e) *mudanças demográficas*: há uma gradativa diminuição do número de membros que compõem um grupo familiar e, conseqüentemente, uma concentração e um aumento dos gastos individuais em termos de consumo. Com o aumento da longevidade, não somente os indivíduos consomem mais, mas têm mais tempo de vida para tanto. Isso resultou em menores chances de as gerações vindouras desfrutarem de capital herdado (GERSHUNY, 2005b).

3.2.5 A teoria da classe ociosa revisitada

Staffan Linder (1970) desenvolveu uma adaptação da teoria da classe ociosa na qual ele previa que alguns indivíduos de sua época se tornariam por demais atarefados com relação às atividades do cotidiano, incluindo o lazer. Esta classe de indivíduos foi denominada como *the harried leisure class*⁹. Ele chegou a tal proposição sobre a alocação do tempo com base nos princípios da microeconomia, seguindo os passos de Gary Becker (1965).

Segundo Linder, por causa do grande desenvolvimento econômico experimentado pelas nações desenvolvidas, o tempo de trabalho aumentou substancialmente em relação ao passado, assim como a quantidade de bens à disposição para consumo. Como o tempo é, em si, um recurso escasso, ele deve ser alocado de forma ótima. E, assim como ocorre com o tempo de

⁹ Algo como “a classe do lazer atarefado”.

trabalho, o tempo de não-trabalho também deve ter um aproveitamento ótimo, já que os dias continuam tendo as mesmas vinte e quatro horas de antes.

De acordo com este argumento, o tempo de não-trabalho (que inclui o lazer) passa a tomar emprestado, do tempo de trabalho, sua forma e características. Por exemplo, o “nível de produtividade” do tempo de não-trabalho pode ser expandido incrementando-se as atividades de lazer através do consumo de uma quantidade maior de bens, o que é possível graças a uma alta renda derivada de longas horas de trabalho. Tragicamente, assim como os trabalhadores fazem seu tempo de trabalho render mais se utilizando de ferramentas, equipamentos e tecnologias, as pessoas passam a consumir certa monta de bens para fazerem cada unidade de tempo de lazer render tanto quanto. Esta teoria, portanto, diz respeito mais sobre a organização, segmentação e percepção do tempo sobre as atividades diárias do que propriamente sobre a duração das mesmas.

3.3 As pesquisas sobre os usos do tempo

3.3.1 A metodologia dos diários de usos do tempo

Nos estudos sobre os usos do tempo, o instrumento básico de coleta de dados é o *diário*, o qual tem como principal objetivo registrar algumas dimensões do comportamento humano (SOROKIN e CLARENCE, 1939). A técnica de pesquisa consiste em elaborar um questionário que permita ao respondente registrar as atividades que ele realiza durante as vinte e quatro horas do dia, assim como o tempo de duração de cada uma delas. Este tipo de abordagem remete ao início do século XX nos EUA e no Reino Unido, quando

Bevans (1913) e Pember-Reeves (1913) (*apud* HARVEY e PENTLAND, 1999) realizaram os primeiros usos da técnica de pesquisa em questão.

Como um mesmo indivíduo realiza várias atividades ao mesmo tempo (como passar roupa e ouvir música, ler jornal e deslocar-se de ônibus), o diário de usos do tempo deve possibilitar o registro diferenciado entre “atividades principais” e “atividades secundárias”. As atividades principais correspondem às que têm início anteriormente a qualquer outra, às que duram mais tempo e às que não são decorrência de nenhuma outra atividade (ROBINSON, 1999; HARVEY, 1999). Além disso, há ainda informações sobre o local em que as atividades são realizadas (em casa ou fora de casa) e a companhia (sozinho, com pessoas estranhas, pessoas conhecidas, pessoas adultas e crianças que co-habitam o mesmo domicílio). Estas informações são relacionadas a outras dimensões que caracterizam o indivíduo entrevistado, sendo possível traçar um quadro de usos do tempo entre os diversos segmentos da sociedade.

3.3.2 Tendências dos usos do tempo em sociedades desenvolvidas

Contemporaneamente, alguns estudos tentaram traçar um panorama mais recente sobre as tendências dos usos do tempo. A discussão resultou em um importante debate sobre se nas últimas décadas as pessoas teriam se dedicado mais ao trabalho (seja remunerado ou doméstico) ou ao lazer e, ainda, porque as pessoas teriam a sensação de que 24 horas são insuficientes para fazer tudo o que precisam em um dia.

¹⁰ BEVANS, G.E. *How working men spend their spare time*. New York: Columbia University Press, 1913.

¹¹ PEMBER-REEVES, M. *Round about a pound week*. London: Bell, 1913.

Juliet Schor (1992), em obra que se tornou bem conhecida, afirmou que a sociedade norte-americana se dedicou exageradamente ao trabalho remunerado na segunda metade do século XX. Diferentemente do que ocorreu nos países da Europa Ocidental, o tempo despendido pelos indivíduos nesta atividade não declinou no pós-guerra e ainda teria sofrido um acréscimo. Contrariamente, o estudo de Robinson e Godbey (1997) apontou que os norte-americanos teriam experimentando mais tempo livre no mesmo período sobre o qual Schor realizara sua investigação.

As diferentes interpretações sobre o mesmo fenômeno, neste caso, podem ter sido consequência do tipo de informação que foi utilizada (HARVEY e PENTLAND, 1999, p.9-10). Schor se valeu, principalmente, de informações oriundas de censos nacionais, *surveys* e pesquisas qualitativas. Já Robinson e Godbey se utilizaram de dados oriundos de pesquisas longitudinais sobre usos do tempo.

Igualmente com base em pesquisas de usos do tempo realizadas com cidadãos norte-americanos, Aguiar e Hurst (2006) chegaram a uma conclusão semelhante à de Robinson e Godbey (1997; ROBINSON e MARTIN, 2009). Descobriram que houve um aumento do tempo de lazer entre a década de sessenta do século passado e o início do século XXI, ao passo que o tempo de trabalho remunerado se manteve relativamente estável. Outro achado importante é que esta tendência geral varia fortemente de acordo com o nível de educação formal atingido pelos indivíduos, sendo que o aumento do tempo de lazer foi maior entre os menos educados.

Também com base em informações longitudinais sobre os usos do tempo, Jonathan Gershuny (2005a, 2005b, 2009) interpretou tal fato como sendo um sinal de que a relação entre a classe mais privilegiada da sociedade e as atividades diárias havia se invertido no século XX. Com a mudança no conteúdo do *status* social (a valorização do capital humano nas sociedades modernas) os indivíduos situados no topo da hierarquia passaram a dedicar uma maior quantidade de tempo ao trabalho remunerado e uma menor quantidade de tempo ao lazer. Isso quer dizer que os indivíduos que ostentam as posições mais importantes na sociedade têm como principal fonte de prestígio a atividade de trabalho remunerado que exercem, e não mais o ócio, como foi no passado. Gershuny denominou esse novo grupo de *the superordinate working class*.

Para explicar esta inversão, Jonathan Gershuny (2005b, 2009) utiliza, basicamente, argumentos da teoria neoclássica da economia, os quais são reproduzidos a seguir. Sua explicação gira em torno do fato de que nos países pós-industrializados a produção de bens e serviços tende a crescer devido ao uso da tecnologia, fazendo com que inevitavelmente o consumo também acompanhe tal tendência. Para que isso seja possível e evitem-se crises econômicas, o desejo de consumir deve ser instigado a cada aumento na capacidade produtiva. Por esse motivo, as atividades de consumo tendem a se intensificar neste contexto, já que há uma diversidade enorme de bens e serviços à disposição de uma massa de consumidores “ávidos” por novidades.

Os indivíduos, por sua vez, para conseguirem garantir a satisfação dos seus desejos de consumo, devem receber cada vez mais proventos, os quais são obtidos através da venda do próprio tempo de trabalho, retomando a idéia básica de Karl Marx (1975). Dessa forma, com base neste argumento circular, pode-se dizer que quanto mais cresce a produção de bens e serviços, maior

será a recompensa de se dedicar mais tempo ao trabalho remunerado, o que se justifica por causa do aumento do poder de compra e da grande quantidade de artigos de consumo disponíveis.

Como o aumento na produção de bens e serviços depende do desenvolvimento tecnológico e científico, esta tendência leva a uma maior dependência com relação ao conhecimento formal, técnico, profissional e especializado. Quanto mais complexa se torna a produção de bens e serviços, maior será o poder de barganha, no mercado de trabalho, das pessoas detentoras dos mais altos níveis de capital humano (como escolaridade, treinamento, experiência, etc.). Por esse motivo, principalmente a educação formal se torna algo muito valorizado e, portanto, o melhor investimento para se assegurar ganhos econômicos quando não se tem à disposição outras formas de ganhos, como a posse de capital fixo. Assim, pode-se afirmar que quanto mais se avança o desenvolvimento econômico, mais a educação se torna elemento fundamental para estabelecer a posição social dos indivíduos adultos e para garantir a reprodução dessas posições às gerações seguintes.

Em resumo, existem duas causas principais para tal mudança em torno da relação entre a classe dominante e a atividade que demonstra a capacidade pecuniária:

- a) o desenvolvimento tecnológico, o qual impõe a educação formal e o capital incorporado como principais requisitos para inserção dos indivíduos no mercado de trabalho;
- b) a mudança demográfica, especialmente o aumento da expectativa de vida dos indivíduos, processo que reduz as possibilidades das gerações seguintes herdarem grandes montas de capital fixo (posses, terras,

imóveis, investimentos financeiros, etc.), além do decréscimo no tamanho das famílias¹².

Com relação à segunda causa, pode-se dizer que devido ao processo de envelhecimento sofrido pelas populações de diversos países contemporaneamente, os herdeiros passam a receber o patrimônio bem mais tarde ou mesmo nunca, sendo obrigados a construírem o seu próprio desde o início da vida adulta. Portanto, os provedores contemporâneos são obrigados a traçar estratégias de reprodução da própria posição social que remetem à infância dos filhos, fazendo investimentos maciços em capital humano sobre os mesmos.

Isso tem uma conseqüência direta para a relação entre a atividade que representa um signo de poder e a formação da classe superior. Enquanto a herança composta pelo capital fixo garantia a reprodução da classe ociosa nas sociedades tradicionais porque os herdeiros podiam se recusar a uma vida dedicada ao trabalho, a ênfase moderna na educação formal só produz frutos na medida em que seu possuidor coloca em prática suas habilidades em alguma forma de trabalho remunerado.

As atividades distintivas, realizadas pela classe ociosa, se tornaram ocupações remuneradas no contexto industrializado. Assim, os indivíduos que possuem o tempo de trabalho mais valorizado possuem também mais incentivos no sentido de dedicar-se mais às atividades remuneradas. O resultado de tais movimentos é a inversão, como proposta por Gershuny (2009, 2005b), da

¹² A maior longevidade dos indivíduos resulta, dentre outras coisas, num maior montante de pessoas que sobrevivem com base em rendimentos de aposentadoria. Contudo, o escopo deste estudo excluiu os mesmos por meio da seleção por faixa etária, incluindo apenas aqueles que possuíam entre 18 e 64 anos de idade.

situação tradicional da classe ociosa: quanto mais empregável for um indivíduo, maior a probabilidade que ele se dedique mais intensamente ao trabalho remunerado em detrimento das outras atividades. Por esse motivo, a ociosidade se torna pouco significativa como signo de honra nas sociedades industrializadas, abrindo espaço para a atividade de consumo e ostentação de riqueza se instalar como a principal forma de demonstrar a própria posição de poder.

3.3.3 Os usos do tempo em sociedades em desenvolvimento: o caso do Brasil

A pesquisa sobre usos do tempo realizada por Amaury de Souza [197-] já apresentava indícios a respeito da importância da divisão semanal na organização da jornada de trabalho. Ao desmembrar a análise entre os dois períodos de referência da semana ele foi capaz de perceber que os indivíduos que exercem as ocupações de *status* superior (classificação que leva em consideração a renda e o grau de instrução) trabalham mais nos dias de semana do que nos dias de fim de semana porque conseguem gerar um fluxo de renda que permite dedicar menos tempo ao trabalho remunerado nos sábados e domingos. Este mesmo fluxo de renda também permite pagar por oportunidades de estudo que garantem retornos financeiros e por serviços que substituem o tempo que seria dedicado aos cuidados com a casa e a família. Além disso, é possível garantir um local privilegiado para moradia que permite menores gastos com deslocamentos, no caso do contexto urbano.

Neuma Aguiar (1998) também levantou informações com o uso de diários de usos do tempo em uma plantação canavieira, portanto, em um contexto rural, o que exigiu que certas estratégias fossem adotadas com relação à população analfabeta. Posteriormente, a mesma pesquisadora elaborou uma proposta de estudo mais abrangente, com base em uma amostra probabilística que

representasse a população de uma grande cidade brasileira, a qual foi realizada em 2001 (AGUIAR, 2000).

Estas informações foram utilizadas em diversas análises distintas entre si, dentre as quais, o estudo de Souza (2007) sobre o tema da masculinidade, a análise desenvolvida por Neto (2009) a respeito das atividades de deslocamento e a análise desenvolvida por Neubert (2006) sobre a dimensão da desigualdade ocupacional. Quanto a este último, a principal descoberta foi que a ocupação do indivíduo apresenta determinada influência sobre a organização das atividades ao longo dos dias que compõem a semana. Em outras palavras, a divisão entre dias de semana e dias de fim de semana não é a mesma entre os grupos ocupacionais. Quanto maior é o *status* da ocupação do indivíduo, maior a probabilidade do mesmo ter suas atividades de trabalho remunerado organizadas da forma tradicional. Já os indivíduos agrupados nos estratos ocupacionais inferiores experimentam uma fronteira bem mais tênue entre os dias de semana e os dias reservados ao descanso, assim como já foi constatado também por Amaury de Souza [197-] sobre a capital carioca.

Os resultados dos modelos de Regressão dos Mínimos Quadrados Ordinários (RMQO) foram a base para a análise. Eles confirmaram que a dimensão da estratificação ocupacional apresenta forte correlação com a quantidade de tempo despendido em atividades de trabalho remunerado e com a forma como elas são organizadas entre os diferentes dias da semana. Entretanto, quando se tem em conta as atividades de lazer, não há pistas que indiquem que a desigualdade ocupacional exerça grande influência sobre a quantidade de tempo despendido nesta atividade específica (NEUBERT, 2006).

Isso parece confirmar a idéia de que o tempo de trabalho é a base principal sobre a qual se debruçam as diferenças e as desigualdades entre ocupações remuneradas, ao contrário do que ocorre com o tempo lazer. De acordo com Becker (1965), se o tempo é um recurso escasso, e o tempo de trabalho remunerado é um dos meios para se obter dinheiro, então este último está fadado a ser calculado, realocado ou alterado conforme os recursos que os indivíduos dispõem para fazer as trocas no mercado de trabalho (como educação formal e o grau de experiência).

Não se pode esquecer, ainda com base em Becker (1965), que o tempo de trabalho não-remunerado e o tempo de consumo também são de suma importância para se entender a forma como os indivíduos organizam suas atividades diárias. O trabalho doméstico e o cuidado de crianças, por exemplo, são atividades que podem ser realizadas por um membro do domicílio ou podem ser substituídas pela compra de serviços. Caso seja esta última opção a escolhida, é provável que se compense o gasto com um aumento no tempo de trabalho remunerado.

Sobre as atividades de lazer, é curioso observar que as taxas de participação nas atividades são altas, independentemente do período de tempo examinado (se em dias de semana ou fim de semana). Isso pode ser interpretado como uma demonstração do fato de que o lazer se firmou como um direito, concedido a boa parte das pessoas, de ter um tempo para a satisfação própria (Dumazedier, 1975, 1979). A origem deste movimento, contudo, guarda profunda relação com o processo de regulamentação do trabalho remunerado e suas conseqüências na organização dos usos do tempo.

É importante fazer um último comentário que diz respeito à dedicação proporcionalmente desigual dos grupos ocupacionais em algumas atividades de lazer. Enquanto todos os indivíduos tendem a despende a maior parte do tempo de lazer disponível se relacionando com outras pessoas (vida social) ou utilizando diferentes meios de comunicação de massa, principalmente assistindo televisão, os grupos ocupacionais superiores apresentam uma maior dedicação (em termos de tempo e de participação) às categorias “hobbies e jogos” e “esportes e atividades ao ar livre”. Este fato, por sua vez, pode ser interpretado como uma busca por formas de diferenciação social (BOURDIEU, 1983), já que as atividades que envolvem algum tipo de proeza ou astúcia, como as últimas citadas, se distinguem fortemente daquelas que são comumente realizadas pela maioria das pessoas e podem envolver, portanto, traços de distinção que tornem evidente a posição social do indivíduo, assim como sua força pecuniária ou mesmo a exaltação de um determinado estilo de vida.

Os resultados do estudo realizado por Neubert (2006) mostraram, por fim, que a proposição mais abstrata da teoria de Veblen (a relação entre posição social e atividades diárias) se mantém, apesar do seu objeto específico, qual seja, a classe ociosa, não ser mais relevante no contexto contemporâneo. Os indivíduos mais valorizados pelas sociedades contemporâneas são aqueles mais instruídos e intensamente ligados ao mundo do trabalho. A eles são dadas as vantagens de se ter grandes montas de tempo de trabalho remunerado e maior autonomia para organizar o uso do tempo livre, apesar de se dedicarem relativamente menos às atividades de lazer. No entanto, tendem a fazer uso de sua capacidade pecuniária para desfrutar, de forma distinta, do tempo livre.

3.4 O contexto contemporâneo do mundo do trabalho

3.4.1 A nova ética do mundo do trabalho

David Riesmann *et al.* (1971) demarcam o período da primeira revolução moderna como aquele que começa com a Renascença, passa pela Reforma, Contra-Reforma, Revolução Industrial e Revoluções Políticas do século XVII, XVIII, XIX. Este período corresponde à era da produção, onde impera o tipo “orientado para si próprio”, voltado para o trabalho anônimo e para a elaboração interna de si mesmo. Esse tipo psicológico foi capaz de distinguir claramente as esferas do trabalho e da diversão, apesar da segunda ser sempre secundária em ordem de importância, já que há uma valorização extrema do trabalho autodisciplinado.

Riesmann *et al.* (1971) falam também sobre uma segunda revolução moderna, ocorrida, por sua vez, no século XX. Correspondente à era do consumo e da oferta de serviços, na qual impera o tipo “orientado para os outros”. Este tipo possui a mentalidade voltada para as pessoas, mantidas em relação por variados meios de comunicação de massa. Nesse contexto, a distinção entre trabalho e lazer se torna difusa, pois o mundo dos negócios é invadido por atitudes típicas da esfera do consumo e do divertimento. Assim, os processos de seleção para determinados cargos de trabalho podem envolver, dentre outras coisas, a desenvoltura e a postura individual frente a situações diversas, além de “brincadeiras” em grupo que têm como função trazer à tona as características das personalidades dos candidatos. Também, muitas ocupações ligadas à produção de bens imateriais envolvem em sua rotina momentos de descontração e de imprevisibilidade que pareceriam uma ofensa à ética do trabalho identificada por Weber em sua famosa obra sobre o tema.

Zigmunt Bauman (2001) definiu estes dois períodos distintos da era moderna como sendo o primeiro correspondente à “modernidade pesada” ou “modernidade sólida” em contraposição ao contexto contemporâneo da segunda fase, denominada de “modernidade leve” ou “modernidade líquida”. Desta forma, Bauman tentou evitar a dicotomia moderno/pós-moderno e as querelas ligadas a tal perspectiva. É importante destacar que na segunda fase

da modernidade não há uma ênfase em relações sociais constantes e duradouras, sendo estas tratadas como formas arcaicas de socialização no novo contexto, marcado, por seu turno, pelo traço da “fluidez” (BAUMAN, 2001). Tal invasão da fugacidade e do imediatismo na esfera do trabalho teve profundas conseqüências, principalmente na esfera da produção e das relações sociais.

Segundo Richard Sennet, o trabalho na modernidade clássica foi marcado pelo “[...] uso autodisciplinado do tempo e o valor da satisfação adiada.” (2003, p.117). Para tanto, fizeram-se necessárias instituições estáveis o bastante para garantirem a existência de tais práticas. Entretanto, “[...] o adiamento da satisfação podia tornar-se um prática profundamente autodestrutiva.” (2003, p.118). Esta atitude era inevitável àquela época, pois havia a crença disseminada de que apenas a prática nascida da vontade interna e auto-imposta serviria para reunir os esforços para controlar a natureza, um dos principais objetivos da cultura moderna.

Com base no sujeito “orientado para os outros” (RIESMAN *et al.*, 1971), o trabalho em equipe ganha certa projeção social e está, em muitos aspectos, em oposição à ética do trabalho identificada por Weber (SENNET, 2003). Por exemplo, enquanto a ética clássica do trabalho privilegiava a responsabilidade pessoal a todo custo (ascetismo leigo e a satisfação adiada), a nova ética do trabalho valoriza a responsabilidade mútua dos envolvidos no grupo (2003, p.126). Esta nova forma de poder, a partir da qual não é possível identificar claramente uma autoridade (como o “chefe”), está ligada a certo traço de

flexibilidade, mas, também, a uma forma mais “alienada” das relações de trabalho segundo a avaliação de Sennet (2003).¹³

Apesar das mudanças recentes, a importância do trabalho no contexto contemporâneo prevalece, como afirma Bila Sorj (2000), já que “[...] continua a ser um dos mais importantes determinantes das condições de vida das pessoas.”. Dentre as mudanças ocorridas, destacam-se o crescente processo de flexibilização, desregulamentação e “precarização” das relações de trabalho e as dificuldades relacionadas à definição do que é ou não trabalho no novo contexto. Tais novidades estão relacionadas ao declínio da importância das grandes fábricas, marcadas, por sua vez, pela produção em massa e pelo amplo quadro de trabalhadores empregados. As empresas atuais operam no nível internacional, promovendo uma grande mudança na espacialidade da produção de bens. Isso produziu, também, uma quebra do paradigma presente nas épocas gloriosas do industrialismo, já que houve uma descentralização das unidades produtivas aliada a uma proliferação crescente de novos tipos de vínculos de trabalho (SORJ, 2000).

Simultaneamente a este contexto de transformação dos processos de produção, ocorreu o crescimento da importância do setor de serviços de diversos tipos (transporte, comunicação, saúde, educação, administração, governo e serviços financeiros), já que esta é uma categoria residual, como afirma Ladislau Dowbor (2006). Apesar do fato do setor de serviços guardar muitos traços característicos da produção industrial¹⁴, sua expansão abriu o

¹³ Sennet, segundo ele mesmo, não tem como intenção produzir uma crítica que valorize o passado em detrimento do presente, pois ele reconhece os problemas que a velha ética do trabalho impunha (2003, p.140).

¹⁴ O que diferencia tanto o produto do setor industrial do produto do setor de serviços é o fato de que o interesse sobre o primeiro se concentra na própria mercadoria (para usar o termo

caminho para uma nova forma de produção, ligada a novos padrões de relacionamento interpessoal e de controle sobre os trabalhadores (SORJ, 2000).

Segundo Kalleberg (2009), houve uma preocupação crescente, desde a década de 70, a respeito da expansão das formas precárias de trabalho. O processo de desregulamentação se revela através de várias ocorrências, como o curto período de tempo em que um empregado é mantido em uma determinada empresa, o aumento do nível de desemprego em longo prazo, o surgimento de formas de contratação por tempo limitado e a terceirização, dentre outras coisas (KALLEBERG, 2009; DOWBOR, 2006). Quanto ao setor informal, apesar de ser difícil mensurar seu tamanho, pode-se estimar que ele seja relativamente grande nos países em desenvolvimento, muitas vezes sendo responsável por abarcar a maior proporção da força de trabalho (DOWBOR, 2006). Neste caso, a precariedade do trabalho é evidente, pois não há nenhum tipo de proteção social sobre o trabalhador.

Para Kalleberg (2009), assim como para Sorj (2000), o trabalho precário tem relação com a expansão do processo de globalização, aliado à ideologia neoliberal, que tem como pilar principal as novas tecnologias informacionais, além do enfraquecimento da influência dos sindicatos. Nos EUA, um marco importante sobre esta discussão foram as políticas promovidas por Ronald Reagan na década de 80, as quais permitiram grande liberdade aos capitalistas e às empresas para determinarem os rumos da economia e das formas de emprego. Um dos primeiros sinais deste processo foi o declínio do *Welfare-state* nos anos 90, o que limitou a abrangência da seguridade social na esfera

marxista) enquanto que, no segundo caso, é impossível separar a mercadoria da qualidade da relação entre o ofertante do serviço e o consumidor (SORJ, 2000).

do trabalho. Tais mudanças permitiram aos empregadores a possibilidade de imporem formas mais flexíveis de relações de trabalho.

Ainda segundo Kalleberg (2009), a expansão do trabalho precário no Brasil ocorreu um pouco depois do mesmo processo iniciado nos EUA nos anos 90, com fortes tendências à privatização e desregulamentação, em acordo com os ditames da ideologia neoliberal¹⁵. O crescimento econômico, lento neste período, aliado à reestruturação produtiva, tiveram como consequência uma profunda redução na participação da força de trabalho. Portanto, pode-se afirmar que o processo de internacionalização da economia brasileira, ocorrido na década de 90, não teve muitas consequências positivas, devido à forma como foi conduzido (POCHMANN, 2003).

Ainda segundo Pochmann (2003), o novo modelo econômico adotado pelo Brasil tinha como princípios a desregulamentação comercial e financeira, a redefinição do papel do Estado e uma desvalorização do modelo de trabalho formalizado. Tais medidas tinham como objetivo, dentre outras coisas, colocar o Brasil de uma vez por todas no sistema internacional de transações econômicas. Contudo, a maior dependência criada em relação ao capital estrangeiro e o despreparo do país para enfrentar a concorrência externa acabaram por solapar o mercado interno, demonstrando o insucesso de certas medidas que foram tomadas pelos sucessivos governos a partir dos anos 90.

Apesar da aparente contemporaneidade desta situação, a relação entre livre comércio e proteção social vem de longa data e poder ser remontada ao século

¹⁵ Sobre a abrangência deste processo, Maia (2006, p.34) afirma que “[a] informatização e reorganização das empresas afetam desde profissionais qualificados à massa operária, introduzindo a individualização e a fragmentação do trabalho no processo produtivo. Ao mesmo tempo, há uma expansão generalizada do trabalho temporário e do trabalho de meio-expediente.”

XIX como demonstrado pela análise promovida por Karl Polanyi (1980) sobre o assunto, segundo recorda Kalleberg (2009). Quanto às suas conseqüências, o trabalho precário afeta a vida dos indivíduos e das famílias, além de intensificar os processos de discriminação e exclusão no mercado de trabalho, o que reforça as desigualdades sociais que já existe anteriormente (KALLEBERG, 2009; SORJ, 2000).

3.4.2 O desenvolvimento histórico da jornada de trabalho

Sucessivos processos de transformação nas formas e na organização social da economia geraram conseqüências não somente para os vínculos empregatícios da força de trabalho (venda da força de trabalho), mas, também, para o próprio montante de tempo de trabalho que é vendido: a jornada de trabalho. De acordo com DAL ROSSO (2006), a história ou a “curva” da jornada de trabalho no mundo capitalista deve ser compreendida tendo como princípio três situações diferentes: o alongamento, a jornada máxima e a redução da jornada de trabalho.

O primeiro item diz respeito ao aumento do tempo de trabalho remunerado, o que ocorre comumente durante o processo de expansão do trabalho assalariado. Por sua vez, o segundo item diz respeito ao contexto histórico da revolução industrial capitalista no século XVIII, momento em que a jornada de trabalho atingiu seu limite máximo, evidenciando o alto grau de exploração sob o qual os trabalhadores foram submetidos naquele período. Por fim, o terceiro item está relacionado à redução do tempo dedicado ao trabalho remunerado, resultado das lutas sociais que a partir do século XIX tiveram o papel de criar

mecanismos que protegessem a força de trabalho da exploração sem limites (DAL ROSSO, 2006).

O Brasil do fim do século XIX passou a apresentar um quadro muito semelhante àquele que foi encontrado durante o processo de industrialização dos países mais desenvolvidos do sistema capitalista (DAL ROSSO, 2002). Até 1932, quando o Estado interveio nas relações de trabalho, as greves eram a única forma de contestar o aumento descomunal da jornada de trabalho. A partir daquele ano, contudo, a regulamentação promovida pela Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) definiria a jornada legal de trabalho em oito horas diárias e 48 horas semanais. A possibilidade de se aumentar duas horas em cada dia demonstrava que as novas regras, de certa forma, não privilegiaram apenas os trabalhadores (DAL ROSSO, 2006).

Um segundo movimento de redução da jornada de trabalho foi resultado das greves dos metalúrgicos em São Paulo em 1985, as quais foram responsáveis por diminuir a jornada semanal de 48 horas para 44, reivindicação concretizada pela Constituição brasileira de 1988. Apesar disso, muitos mecanismos foram utilizados (horas-extras, banco de horas, etc.), os quais limitaram o sucesso efetivo da nova lei (DAL ROSSO, 2002, 2006).

3.4.3 Informações sobre a jornada de trabalho em BH e nos EUA

Como este estudo se baseia em informações sobre os EUA e BH, esta seção apresenta alguns dados oficiais a respeito da jornada de trabalho de acordo com a época em que cada pesquisa foi realizada. A TAB.1 apresenta

informações sobre o tempo dedicado pelos trabalhadores assalariados às atividades remuneradas em cinco regiões metropolitanas e no Distrito Federal em 1999. A jornada média semanal é mais intensa no setor do comércio, mais próxima das tradicionais 48 horas semanais, regulamentada assim em 1932 e diminuída para 44 horas em 1988. A respeito de Belo Horizonte, a jornada média semanal de trabalho era de 43 horas no setor industrial, 46 horas no setor de comércio e 39 horas no setor de serviços em 1999. Em comparação com as demais localidades, esta região metropolitana apresenta médias relativamente mais baixas dentre aquelas relacionadas.

TABELA 1

Jornada média semanal dos assalariados, por setor da economia, em cinco regiões metropolitanas e no Distrito Federal em 1999 (em horas)

Regiões metropolitanas	Indústria	Comércio	Serviços*
São Paulo	43	47	42
Porto Alegre	44	47	42
Belo Horizonte	43	46	39
Salvador	45	46	40
Recife	46	49	42
Distrito Federal	42	46	37

Fonte: DIEESE/SEADE, MTE/FAT e convênios regionais . PED - Pesquisa de emprego e desemprego, 1999.

Nota: * Exclui serviços domésticos.

Obs.: A média de horas trabalhadas exclui os que não trabalharam na semana e é resultado das médias semanais durante o ano.

Com relação às mesmas localidades de referência em 1999, pode-se afirmar que o setor do comércio, além de apresentar uma jornada semanal relativamente maior entre os setores da economia (TAB.1), também apresenta a maior proporção de assalariados que trabalharam mais do que a jornada legal, seguido pelo setor industrial (TAB.2). Belo Horizonte destaca-se, por sua vez, quanto ao setor industrial. Nesta localidade, este setor apresenta a segunda maior proporção de assalariados (49,2%) que extrapolam a jornada

de trabalho legal em comparação com as demais. Quanto aos outros setores, a região metropolitana mineira não se destaca quando comparada às demais.

TABELA 2

Assalariados que trabalharam mais do que a jornada legal, por setor da economia, em cinco regiões metropolitanas e no Distrito Federal em 1999 (%)

Regiões metropolitanas	Indústria	Comércio	Serviços*
São Paulo	40,7	59,1	38,3
Porto Alegre	39,6	57,7	35,3
Belo Horizonte	49,2	58,1	33,2
Salvador	17,5	55,8	35,1
Recife	59,1	65,3	38,5
Distrito Federal	40,4	60,9	18,9

Fonte: DIEESE/SEADE, MTE/FAT e convênios regionais . PED - Pesquisa de emprego e desemprego, 1999.

Nota: * Exclui serviços domésticos.

Obs.: A média de horas trabalhadas exclui os que não trabalharam na semana e é resultado das médias semanais durante o ano.

A TAB.3, por sua vez, apresenta a jornada de trabalho semanal experimentada pelos indivíduos de 16 anos ou mais residentes nos EUA em 2003. Levando-se em conta todas as atividades econômicas (ou seja, agrícolas e não-agrícolas), 24,09% dos indivíduos ocupados apresentaram uma jornada de trabalho semanal inferior a 35 horas enquanto que a maioria (75,91%) apresentou montantes superiores a este. Ao se dividir os indivíduos ocupados entre o setor agrícola e o não agrícola, o mesmo resultado é encontrado quanto à prevalência de pessoas que trabalharam mais de 35 horas por semana em 2003, independentemente da atividade econômica. No entanto, os dois setores se diferenciam quanto ao tempo médio de trabalho semanal. No que diz respeito ao setor agrícola, a média de tempo é de 43,5 horas enquanto que no setor não-agrícola a média é idêntica à da população total de referência, qual seja, 39 horas semanais.

TABELA 3

Jornada de trabalho semanal dos indivíduos de 16 anos ou mais em atividades rurais e não-rurais nos EUA em 2003 (em milhares)

Jornada de trabalho semanal	Natureza da Atividade econômica					
	Todas as atividades		Atividades agrícolas		Atividades não-agrícolas	
	(n)	(%)	(n)	(%)	(n)	(%)
de 1 a 34 horas	31.869	24,09	583	26,87	31.286	24,05
35 horas ou mais	100.398	75,91	1.587	73,13	98.810	75,95
Total	132.267	100	2.170	100	130.096	100
<i>Média semanal em horas</i>	39,0		43,5		39,0	

Fonte: Employment and Earnings, January 2004 (Bureau of Labor Statistics)

3.5 Notas sobre desigualdade ocupacional

Comentadores do pensamento contemporâneo sobre estratificação social concordam entre si no fato de que existe uma tradição teórica que remonta aos séculos XIX e o início do século XX e uma tradição empírica surgida a partir da década de vinte do século XX (GRUSKY, 2000; CHERKAOUI, 1995; HALLER, 2001) no que tange à história do pensamento sobre estratificação social. O século XIX foi marcado pelo estabelecimento das conhecidas tradições teóricas que tinham como base as teorias de Karl Marx, Émile Durkheim, Max Weber, Robert Michels, Vilfredo Pareto, dentre outros que elaboraram as bases do pensamento moderno sobre a diferenciação e a desigualdade social.

No entanto, em um artigo mais recente, Haller (2009) realizou esforços no sentido de demonstrar como Max Weber, por sua vez, buscou inspiração nas idéias de Ibn Khaldun para desenvolver uma abordagem sobre a estratificação social mais condizente com os desafios da investigação moderna. Ibn Khaldun foi um pensador do século XIV oriundo da atual região da Tunísia (norte da África), o qual elaborou um trabalho pretensioso baseado em uma teoria da

organização humana, no conceito de poder absoluto e na dicotomia dominador/dominados. A base empírica para seu pensamento foi constituída a partir da observação da cultura árabe de sua época.

Pelo seu pioneirismo, Ibn Khaldun foi responsável por iniciar o tipo de abordagem que Haller (2009; 2001) convencionou denominar de “teoria empírica” da estratificação social. Corresponde a um tipo de construção teórica abstrata o bastante para ser utilizada em diferentes contextos e em diferentes épocas, porém, com a característica de permitir a operacionalização dos conceitos com vistas à verificação empírica de hipóteses. Ela se diferencia, portanto, dos esforços filosóficos e das visões de mundo denominados como “teorias”, cujos referentes empíricos não são tão evidentes (HALLER, 2009).

Dando um salto enorme na história entre o século XIV e XIX, o pensamento de Weber sobre estratificação social tinha como contexto histórico e social a Revolução Americana e a Francesa, as quais tornaram todos os indivíduos adultos daquelas sociedades iguais perante as leis civis, além da intensa onda de emancipação de escravos e servos na Europa e nas Américas à mesma época (HALLER, 2001). Com vistas às novas características das sociedades modernas e com base na expansão do conhecimento historiográfico de sua época, Weber propunha, simultaneamente, aperfeiçoar e criticar a teoria marxista sobre classes sociais ao reconhecer, através do seu arcabouço de tipos ideais, a multidimensionalidade do fenômeno da estratificação social moderna (GRUSKY, 2000).

Além das três *dimensões de conteúdo*¹⁶ de Weber expostas no conhecido artigo *Classe, status e partido* [1946 e 1958]¹⁷, quais sejam, partido (ordem política legítima), classe (ordem hierárquica do *status* socioeconômico) e estamento (grau de honra social e pertencimento da certos grupos), outras dimensões tais como educação, autoridade e relações de poder legítimas tiveram sua importância reconhecida por ele. Contudo, o ponto fraco de sua proposta, segundo Haller (2009), era a dependência com relação ao uso de tipos ideais, a qual limitou sua visão sobre o fenômeno da estratificação ao não dar conta das *dimensões estruturais*.

Por sua vez, o início do século XX foi marcado pelo pioneirismo de Pitirim Sorokin no que diz respeito ao pensamento moderno sobre estratificação social e, mais tarde, por Gerhardt Lenski [1966]¹⁸ e sua tentativa de conciliar a teoria funcionalista e a teoria do conflito. Eles correspondem aos pensadores “clássicos” do século XX, os quais trataram de determinar as dimensões principais da estratificação social (HALLER, 2001).

Sorokin é a principal referência dos estudos contemporâneos sobre desigualdades sociais (HALLER, 2001, 2009). Ele transformou as *dimensões de conteúdo* de Weber em variáveis, quais sejam, as hierarquias econômica, política e ocupacional. Também salientou a necessidade de se reconhecer as *dimensões estruturais*, as quais têm como objetivo descrever a variação vertical e horizontal das hierarquias entre sociedades e em uma mesma

¹⁶ Haller (2001), já na década de 70 havia proposto a divisão analítica entre dimensões de conteúdo e dimensões estruturais. O primeiro grupo reúne as várias formas e tentativas de estabelecer os critérios que diferenciam os indivíduos na hierarquia social e pelos quais as desigualdades sociais são geradas no nível individual. O segundo grupo corresponde às variáveis estruturais, responsáveis pela distribuição e pelo movimento de indivíduos ao longo da estrutura social.

¹⁷ WEBER, M. Classe, status e partido. In: *Estrutura de Classe e Estratificação Social*. Otávio Velho et al. (Org.) Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1977.

¹⁸ LENSKI, Gerhardt. *Power and privilege: a theory of social stratification*. New York: MacGraw Hill, 1966.

sociedade ao longo do tempo. A principal causa do sucesso e do pioneirismo da proposta de Sorokin se deve ao fato de que sua análise era baseada em estudos empíricos e, além disso, ela havia se adaptado bem às necessidades das análises quantitativas (HALLER, 2009).

Algumas proposições de Sorokin se tornaram referência em diversas perspectivas sobre a estratificação social. Como nos lembra Haller (2001), duas delas foram amplamente desenvolvidas pela própria teoria funcionalista. A primeira delas, amplamente aceita atualmente, é a afirmação de que todas as sociedades são estratificadas em algum grau. A segunda idéia ficou conhecida como “hipótese funcional”, definida assim por Haller: “[...] a vida comunitária organizada requer mecanismos e pessoas para coordenar as atividades essenciais e que tal coordenação demanda e premia a capacidade incomum.” (2001, p.73). Por fim, uma terceira proposição corresponde à idéia de que o grau de estratificação varia de sociedade a sociedade e ao longo do tempo na mesma sociedade (Sorokin, 2000), proposição esta que, contrariamente às outras duas primeiras, impõe desafios para a perspectiva funcionalista.

Como consequência desta última proposição, Sorokin nunca concordou com a idéia de que os processos de industrialização resultavam, inexoravelmente, em tendências como a abertura e flexibilização da estrutura social, aumento da mobilidade ascendente ou maior democratização das oportunidades. Segundo suas próprias palavras:

As far as the corresponding historical and other materials permit seeing, in the field of vertical mobility there seems to be no definite perpetual trend toward either an increase or decrease of the intensiveness and generality of mobility. This is proposed as valid for the history of a country, for that of a large social body, and, finally, for the history of mankind. [...] it is impossible to infer

a 'eternal historical tendency' on the basis of na experience only of some 130 years. (2000, p.304).

Implícito nesta afirmação está uma definição genérica de mobilidade social como correspondente a qualquer transição ou movimento de um indivíduo, objeto social ou valor (todos ligados à atividade humana) de uma posição social a outra (SOROKIN, 2000, p.303). Segundo o esquema de Sorokin, há dois tipos de mobilidade: a horizontal (transição entre grupos situados no mesmo nível) e a vertical (transição do indivíduo de um estrato para outro em uma das hierarquias de *status*). Esta última, por sua vez, varia entre dois tipos, quais sejam, ascendente e descendente e são de especial interesse para os estudos sobre sistemas de estratificação social.

Ainda segundo seu esquema, as sociedades podem ser classificadas como “imóveis” (estrutura hierárquica absolutamente fechada, rígida e impenetrável) e “móveis” (os movimentos na estrutura são intensos, demonstrando abertura e permeabilidade). Quanto às sociedades modernas, com o surgimento da sociedade civil e do sistema eleitoral, do sistema de produção industrializado e das inovações em transporte e comunicação, inspiraram muitas ilusões devido ao seu dinamismo (SOROKIN, 2000). Portanto, qualquer afirmação quanto a uma tendência de “desestratificação” da sociedade não deve ser aceita sem reservas.

Além de não haver nenhuma comprovação de uma tendência inexorável com relação à mobilidade vertical, as teorias sobre a modernização erraram ao não reconhecer os obstáculos impostos à circulação social dos indivíduos, ligados a processos de reprodução social (SOROKIN, 2000). Assim, nas sociedades modernas, assim como nas sociedades feudal e de casta, há a imposição de

obstáculos à circulação social, porém, estes são outros em relação aos tradicionais. Como ele afirma,

One kind of obstacle removed, others have been established. By this mean that the abolition of obstacles to an intensive vertical circulation [...] did not mean an absolute decrease of the obstacles, but only a substitution o fone sort of impediment for another. (2000, p.305).

Ele é talvez irônico ao afirmar que ainda é impossível se saber qual tipo de obstáculo, o novo ou os tradicionais, são mais eficientes em restringir a circulação social (SOROKIN,2000). Ademais, ele reconhece os traços diferenciais das sociedades modernas ao criticar o marxismo devido à sua definição de classe social como se fosse correspondente a uma “casta”. Segundo Sorokin (2000), há traços de fluidez na composição dos grupos ocupacionais modernos que permitem, inclusive, a ocorrência da mobilidade social.

Nas sociedades imóveis, por seu turno, os indivíduos são atados aos respectivos subgrupos de tal modo que as relações com indivíduos de outros subgrupos são improváveis. Por outro lado, entre indivíduos do mesmo subgrupo os laços de solidariedade são bastante intensos. Na modernidade, por sua vez, como os indivíduos pertencem a variados grupos sociais, ocorre uma difusão dos laços de solidariedade num processo que envolve indivíduos de variados subgrupos. Para cada indivíduo o compromisso com os respectivos subgrupos se torna menos intenso, um processo que resulta na “atomização” individual. Neste tipo de formação social, o que Sorokin denomina de “mapa da solidariedade e antagonismo” se torna mais complexo e dinâmico, assim como mais flexível e mutável (2000, p.306-7).

Outro pensador de grande influência no século XX, como foi dito anteriormente, foi Gerhardt Lenski. Ele foi responsável pela primeira tentativa de conciliar a teoria funcional e teoria do conflito, já que ambas estariam parcialmente corretas. Ele, assim como Sorokin, seguiu Weber ao estipular três dimensões de conteúdo: poder, privilégio e prestígio. Também como Sorokin, estipulou como as dimensões de conteúdo poderiam variar (HALLER, 2001).

Se esta abordagem da tradição teórica diz respeito às tentativas de estabelecer heurísticamente tanto as principais *dimensões de conteúdo* da estratificação social quanto às formas como elas variam em uma mesma sociedade ao longo do tempo e entre sociedades diferentes (*dimensões estruturais*), a tradição empírica surgida nos EUA no início do século XX dizia respeito às tentativas de desenvolver instrumentos válidos e confiáveis de mensuração do *status* das unidades de análise (ex. chefe de família, grupo familiar, domicílio) (HALLER, 2001).

Haller (2001) identifica, assim, que entre 1920 e 1930 ocorreram as primeiras tentativas de mensuração do *status* através de informações tais como o prestígio da ocupação principal do chefe de família e a qualidade da moradia. Implicitamente se encontravam várias suposições, dentre elas, de que era possível utilizar escalas para testar hipóteses envolvendo as classes sociais, que estas últimas poderiam ser distinguidas pela observação direta ou entrevista e que, por fim, as unidades de observação empírica poderiam ser o domicílio.

Entretanto, alguns problemas surgiram nesta empreitada. Um deles, de importância crucial para o desenvolvimento da área de pesquisa empírica comparada, pode ser destacado por ser uma limitação que fora transcendida

apenas algumas décadas mais tarde. Diz respeito à obsolescência das medidas e escalas construídas com base nas pesquisas exploratórias e indutivas, cujo uso se mostrava inadequado para outras comunidades que não aquelas para as quais foram calculados.

Esse problema foi resolvido com base na contribuição do que Haller (2001) definiu como uma terceira vertente, a qual inclui aqueles que tentaram realizar uma espécie de síntese entre as tradições teórica e empírica. Kaare Slavastoga¹⁹ (1965) Otis Duncan²⁰ (1968) e o próprio Haller²¹ (1970) (*apud* HALLER, 2009; 2001), respectivamente, foram responsáveis por chegar a um denominador comum a respeito das definições sobre as dimensões de conteúdo e as dimensões estruturais. É suposto que cada dimensão de conteúdo poderia ser empiricamente observada aplicando-se as dimensões estruturais por meio do uso de ferramentas estatísticas.

Assim, ficaram definidas as quatro dimensões principais de conteúdo, ou seja, os principais eixos formadores dos sistemas de estratificação: *política, econômica, social e informacional*. Esta definição foi dada por Svalastoga, o qual adicionou a última dimensão de conteúdo às outras três primeiras, as quais já haviam sido definidas por Weber, reiteradas por Sorokin e Lenski e utilizadas por Duncan e Haller. Para todas as dimensões de conteúdo, com exceção da dimensão “política”, há instrumentos de medida empíricos conhecidos e amplamente utilizados atualmente.

¹⁹ SVALASTOGA, Kaare. *Social Differentiation*. New York: McKay, 1964.

²⁰ DUNCAN, Otis Dudley. Social Stratification and Mobility: Problems in the Measurement of Trend. In: Eleanor Bernart Sheldon and Wilbert E. Moore. (pp. 675-719) *Indicators of social change: concepts and measurements*. New York: Russell Sage Foundation, 1968.

²¹ HALLER, Archibald O. Changes in the Structure of Status Systems. *Rural Sociology*, v.35, p.450-487, 1970.

As dimensões estruturais, enquanto formas de medir as variações na dimensão de conteúdo, foram estabelecidas como sendo as seguintes (HALLER, 2009; 2001): *grau de desigualdade ou de dispersão* (corresponde à variação nas distâncias entre as unidades menores de uma sociedade, podendo ser definida como desigualdade relativa ou absoluta); *crystalização* (corresponde ao grau de inter-correlação entre as dimensão de conteúdo); grau de *status herdado* (corresponde ao fenômeno da hereditariedade ou da transmissão intergeracional, com o objetivo de medir qual é o grau em que a posição de uma pessoa é devida ou dependente da posição dos pais em uma dada dimensão de conteúdo); *estrutura modal* (corresponde à quantidade, tamanho e localização das modas de cada distribuição de frequência das variáveis de conteúdo); *assimetria* (grau em que a distribuição de frequência é assimétrica).

4 METODOLOGIA DO ESTUDO

4.1 Fontes de informação

Com o intuito de esclarecer sobre as condições de construção das informações utilizadas e, de forma mais abrangente, sobre as limitações dos resultados das análises que foram realizadas, uma breve descrição de ambos os *surveys* que foram utilizados neste estudo é realizada a seguir.

A Pesquisa dos Usos do Tempo em BH (2001) foi idealizada pela Professora Emérita do Departamento de Sociologia e Antropologia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Neuma Figueiredo de Aguiar, quando ainda era Professora Titular no mesmo departamento. O objetivo principal do projeto foi construir uma pesquisa piloto, tendo em vista a realização de uma pesquisa nacional sobre usos do tempo posteriormente, com a finalidade de coletar informações que permitissem construir uma análise sobre a relação entre trabalho doméstico, trabalho remunerado e a dimensão de gênero. A pesquisa foi patrocinada pelo Conselho Nacional de Pesquisas (CNPq) e teve seus trabalhos iniciados em outubro de 2001.

Como a sua idealizadora já havia utilizado a metodologia dos diários de usos do tempo para estudar uma população rural (AGUIAR, 1998), em um segundo momento o interesse da mesma recairia sobre a construção de uma amostra probabilística que representasse a população de uma cidade brasileira (AGUIAR, 2000). Além disso, outra preocupação relacionada a esta experiência passada diz respeito à elaboração de instrumentos de pesquisa adequados para a população com baixo grau de instrução. Para tanto, ela

desenvolveu algumas estratégias para contornar o problema do analfabetismo funcional²², como o uso dos diários pré-codificados e do caderno de desenhos para aqueles entrevistados que assim preferissem. Por fim, utilizando-se de informações sobre outros estudos de usos do tempo realizados fora do país, a pesquisadora desenvolveu estratégias de coleta e codificação dos dados que permitissem que os resultados da pesquisa realizada em Belo Horizonte fossem comparáveis aos demais (AGUIAR, 2000).

No primeiro semestre de 2001 foram realizados os pré-testes dos instrumentos de dados, a elaboração e impressão dos instrumentos para o campo de pesquisa e o treinamento da equipe de entrevistadores. No segundo semestre daquele ano os entrevistadores coletaram as informações *in loco* sobre os setores censitários selecionados na amostragem para que fosse feito o sorteio dos domicílios que seriam convidados a participar da pesquisa. Finalizado o sorteio dos domicílios, cada entrevistador se dirigiu para a área específica na qual iniciaria o primeiro contato com os entrevistados, os quais eram avisados com antecedência por carta.

O processo de coleta das informações durou cerca de dois meses e foi finalizado antes das férias escolares do fim do ano, tendo ocorrido entre os meses de outubro a novembro de 2001. Foram convidados para participar da pesquisa todos os indivíduos com oito anos ou mais de idade que eram residentes no domicílio e que se encontravam presentes durante o período das entrevistas. Para cada grupo domiciliar foi amostrado um dia de semana e um dia de fim de semana, os quais representariam parte do cotidiano dos indivíduos residentes em cada unidade. Pela combinação e organização de todas as informações, portanto, tem-se disponível dados sobre todos os dias

²² CASTILHO, Juan J. Redefinición del analfabetismo: el analfabetismo funcional. *Revista de Educación*, no.338, pp.273-94. 2005.

da semana para uma quantidade razoável de indivíduos sem, contudo, obrigar cada indivíduo a preencher sete formulários de usos do tempo ao longo de uma semana. Característica importante deste tipo de estratégia, vale a pena ressaltar, é o fato do mesmo indivíduo registrar informações tanto para um dia de semana quanto para um dia de fim de semana.

O ano seguinte a 2001 foi dedicado a organizar o material de campo, treinar a equipe de codificação dos diários de usos do tempo, codificar os instrumentos de coletas de dados e construir os bancos de dados. Em 2003 os primeiros trabalhos de análise foram apresentados em eventos nacionais, assim como uma monografia foi defendida para obtenção do título de bacharel com base nas informações da pesquisa.

O ATUS-2003²³, por sua vez, corresponde a uma pesquisa periódica conduzida pelo *U.S. Census Bureau*. O patrocinador da mesma é o *U.S. Bureau of Labor Statistics* e o objetivo principal da pesquisa é desenvolver estimativas, representativas nacionalmente, sobre como as pessoas utiliza o próprio tempo. A pesquisa abrange todos os dias do ano de referência, ou seja, uma grande quantidade de indivíduos é entrevistada a respeito de um mesmo dia do ano e, assim, sucessivamente até cobrir todos os 365 dias. Isso é interessante, pois as estimativas cobrem variados períodos do ano, os quais se relacionam a padrões diferenciados de usos do tempo. As causas destas variações vão desde causas naturais, como a sucessão das estações do ano, até causas institucionais, como períodos de férias escolares ou feriados oficialmente estabelecidos pelas autoridades legais. A pesquisa de usos do tempo realizada

²³ Fonte: Os bancos de dados e a documentação relativa ao ATUS-2003 (guia de uso, questionários, regras de codificação das variáveis e livro de códigos das atividades) utilizados neste estudo possuem livre acesso através da página eletrônica do *U.S. Bureau of Statistics*. Este mesmo material está disponível, também, para todos os anos subseqüentes até 2009. Disponível em: <<http://www.bls.gov/tus/#data>>. Acessado em maio de 2010.

em Belo Horizonte, ao contrário, evitou aqueles períodos atípicos e buscou concentrar a coleta dos dados em um período do ano relativamente comum, no qual é esperado que os indivíduos apresentem uma organização típica do seu cotidiano.

Na década de 90 houve o primeiro teste piloto utilizando a coleta de informações por telefone, estratégia utilizada no ATUS até os dias atuais. No fim daquela década e início dos anos 2000, o *survey* foi elaborado pelo próprio *U.S. Bureau of Labor Statistics* e foi iniciado oficialmente em 2003. Desde esta época a pesquisa vem sendo realizada de forma continuada, com base em uma amostra nacional que é selecionada a partir do grupo de domicílios que completam com sucesso o oitavo mês de participação no *Current Population Survey (CPS)*²⁴.

O CPS inclui em seu universo amostral todos os indivíduos residentes nos EUA e que possuem 15 anos ou mais de idade. São excluídos do escopo, no entanto, os militares em atividade e as pessoas que vivem em hospitais, casas de saúde ou prisões. A amostra do CPS não é distribuída proporcionalmente igual entre todos os estados americanos. Para se manter a confiança das estimativas para todos os estados, para aqueles menos populosos é utilizada uma proporção maior da amostra nacional da CPS (*reliability requirement*). Contudo, a amostra do ATUS não possui este quesito. Ela é, por sua vez,

²⁴ Em 2003, 3.375 domicílios que foram excluídos da amostra do CPS foram selecionados para participar do ATUS cada mês, aproximadamente 40.500 domicílios anualmente. A partir do mês de dezembro de 2003 houve uma redução de 35% (de 3.375 para 2.194 domicílios selecionados por mês) para adequar-se ao orçamento anual disponível para a pesquisa. A amostra mensal do ATUS é dividida em quatro painéis selecionados randomicamente, um para cada semana do mês. A amostra também é dividida entre dias de semana (10% da amostra para cada dia de semana) e dias de fim de semana (25% para cada dia e fim de semana). É randomicamente eleito um dia da semana para que a pessoa selecionada reporte sobre as atividades realizadas, tarefa que é realizada no dia posterior ao dia de referência (estratégia também conhecida como “entrevista do dia seguinte”).

obtida de uma subamostra do CPS que é distribuída entre os estados aproximadamente igual à proporção da população nacional que cada qual representa.

O entrevistado é perguntado apenas uma vez sobre como utilizou seu tempo no dia anterior ao contanto telefônico, além de informar onde e na companhia de quem estava quando realizava as atividades. Como são escolhidos apenas os domicílios que participaram da CPS de forma continuada, espera-se uma maior adesão dos convidados, assim como menores custos com relação à composição amostral, resultando em uma capacidade de abrangência relativamente grande.

Ambas as pesquisas incluem estratégias não só de registro de informações sobre usos do tempo, mas, também, de informações acerca das características dos indivíduos. Para tanto, cada *survey* utilizou recursos diferenciados, os quais serão tratados com mais detalhe na subseção dedicada aos instrumentos de coleta de dados.

4.2 Amostras probabilísticas de BH e dos EUA

Primeiramente, é necessário esclarecer que ambas as pesquisas disponibilizam certas variáveis que correspondem a pesos amostrais utilizados na ponderação dos casos. Os pesos foram calculados para corrigir a distribuição amostral com base nos grupos demográficos e equilibrar o número

diferenciado de respostas entre os dias da semana, fazendo com que todos os sete dias sejam representados proporcionalmente de forma adequada. O peso amostral do ATUS-2003, por sua vez, além de corrigir a amostra, expande o número de casos para criar medidas mais confiáveis e representativas. Contudo, este tipo de peso é inadequado para utilização em métodos estatísticos inferenciais, sendo seu uso limitado às ferramentas da estatística descritiva.

No presente estudo, portanto, foram incorporados apenas os pesos amostrais nas análises estatísticas (tanto nas descritivas quanto nos modelos de regressão) referentes às informações da Pesquisa dos Usos do Tempo em BH (2001). No caso do ATUS-2003, contudo, os pesos amostrais tiveram que ser ignorados, sendo utilizado apenas o conjunto real de indivíduos que participaram da composição amostral, mantendo-se, assim, a coerência interna das análises estatísticas para este segundo conjunto de informações que foi analisado.

4.2.1 Amostra probabilística de BH e seleção de casos

A Pesquisa dos Usos do Tempo em BH (2001) foi realizada na cidade de Belo Horizonte²⁵, capital do Estado de Minas Gerais, Brasil. A cidade foi inaugurada em 1897 seguindo o modelo de cidades como Washington D.C. e Paris, quando contava com apenas cerca de 250.000 habitantes. A unidade federativa à qual pertence é o Estado de Minas Gerais, a quarta maior em extensão geográfica do Brasil, a segunda maior em termos de população e a

²⁵ A cidade cobre uma área de 331 Km² (Fonte: IBGE)

terceira maior economia, perdendo apenas para São Paulo e Rio de Janeiro. No quesito populacional, Belo Horizonte era composta por 2.238.526 pessoas em 2000, segundo a contagem do censo demográfico realizado pelo IBGE naquele ano²⁶.

Para a realização da Pesquisa dos Usos do Tempo em BH (2001) foram selecionados 400 domicílios. Dentre estes participaram da coleta de informações 378 domicílios e contabilizou-se a participação de 1.184 indivíduos ao todo, uma média aproximada de três pessoas por unidade domiciliar (ver TAB.4, p.77).

O número de casos original da amostra principal sofreu, por seu turno, recortes e filtros de acordo com os propósitos do estudo em questão. Foram selecionados apenas aqueles indivíduos adultos (18 a 64 anos de idade) que preencheram de forma adequada os diários de usos do tempo em pelo menos um dos períodos de referência (em um dia de semana ou em um dia de fim de semana).

Além disso, para o presente estudo foram selecionados apenas os indivíduos que deram informações a respeito de suas próprias características, requisito fundamental para as análises neste estudo. Dentre este, foram selecionados aqueles que declararam realizar alguma atividade de trabalho remunerado. Com base nisso foi possível caracterizar a ocupação principal do indivíduo e separar aqueles que se encontravam “ocupados” daqueles que se

²⁶ Fonte: IBGE, Censo de 2000.

Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/default.shtm>>. Acessado em junho de 2010.

encontravam “desocupados” (quais seja, os indivíduos caracterizados exclusivamente como donas-de-casa, estudantes, aposentados ou desempregados). Por fim, foram excluídos os trabalhadores rurais entre aqueles que se encontravam ocupados. O resultado final destes filtros foi a seleção de 573 diários na subamostra dos dias de semana e de 575 na subamostra de diários relativos os dias de fim de semana.

4.2.2 Amostra probabilística dos EUA e seleção de casos

Enquanto a amostra da Pesquisa dos Usos do Tempo em BH (2001) foi calculada tendo como referência a população da capital de uma determinada unidade federativa, a amostra do ATUS-2003 foi calculada com base na população civil norte-americana. Assim, o ATUS-2003 oferece informações sobre o distrito federal (Washington D.C.) e as cinquenta unidades federativas que compõem os Estados Unidos da América. Além de ser reconhecido como a principal nação desenvolvida a se destacar desde o período do pós-guerra, principalmente em termos econômicos e militares, os EUA se configuram como um dos maiores países em termos geográficos²⁷ e populacionais.

Em termos de contagem populacional, os EUA contavam com 290.809.777 civis²⁸ residentes em 2003, segundo o *U.S. Census Bureau*²⁹. Quanto à composição da amostra probabilística, o ATUS-2003 contabilizou a

²⁷ Cobrindo uma área total de 9,37 milhões de Km².

²⁸ Os militares em atividade e as pessoas que vivem em hospitais, casa de saúde ou prisões são excluídos da contagem.

²⁹ Fonte: *Population Division, U.S. Census Bureau*.

Disponível em: <http://www.census.gov/popest/archives/2000s/vintage_2003/2003s.html>. Acessado em junho de 2010.

participação de 20.720 indivíduos que responderam à entrevista por telefone a respeito do que fizeram em um determinado dia do ano de 2003 (ver TAB.4, p.77).

Com relação à seleção de casos do ATUS-2003, foi necessária uma quantidade maior de filtros devido à abrangência da amostra e a diversidade de casos que foram incluídos. Além do filtro de idade para selecionar apenas os indivíduos adultos (18 a 64 anos), foram selecionados apenas aqueles residentes em áreas metropolitanas. Foram excluídos os indivíduos que se encontravam afastados do trabalho, assim como os desempregados e aqueles que não eram participantes da força de trabalho, restando, apenas, os indivíduos ativos no mercado de trabalho. Também foram excluídos os indivíduos que se declararam como trabalhadores rurais. Como a pesquisa abrange todos os dias do ano, foi ainda necessário um filtro que excluísse aqueles indivíduos que responderam sobre um dia de feriado ou do período de férias.

O resultado das sucessivas seleções foi um número de 4.683 casos inclusos na subamostra com informações que cobrem os dias de semana e 4.819 casos inclusos na subamostra com informações que cobrem os dias de fim de semana. É importante frisar que ambas as amostras principais, tanto da pesquisa de BH quanto do ATUS-2003, foram baseadas em unidades domiciliares. Contudo, a pesquisa de BH incluiu todos os indivíduos acima de oito anos de idade (média de três indivíduos por domicílio), enquanto que o ATUS-2003 realizou o sorteio de apenas um indivíduo por domicílio amostrado.

A TAB.4 abaixo resume as informações descritas nas seções 4.2.1 e 4.2.2.

TABELA 4
Informações sobre a composição amostral em cada pesquisa

Pesquisa	Psq.BH 2001	ATUS 2003
Total de indivíduos na amostra principal	1.184	20.720
Total de domicílios inclusos na amostra principal	378	20.720
Média de indivíduos entrevistados por domicílio	3,1	1,0
Total de diários na subamostra dos dias de semana (seg-sex) *	573**	4.683
Total de diários na subamostra dos dias de fim de semana (sab/dom) *	575**	4.819

Fontes: Pesquisa dos Usos do Tempo em BH (2001) e ATUS-2003.

* Cada indivíduo incluído na amostra do ATUS-2003 respondeu à entrevista sobre apenas um único dia de referência. Diferentemente, cada entrevistado da Pesquisa de Usos do Tempo em BH (2001) preencheu os diários de usos do tempo em dois períodos de referência (dias de semana e de fim de semana).

** Como em alguns poucos casos os indivíduos responderam apenas a um diário ao invés dos dois requeridos, há uma pequena variação entre o tamanho das subamostras e a relação dos indivíduos inclusos na pesquisa de BH. Apesar disso, a maioria dos indivíduos entrevistados está incluída e representada em ambas as subamostras.

4.3 Instrumentos e estratégias de coleta dos dados

A Pesquisa dos Usos do Tempo em BH (2001) utilizou dois tipos de diários de usos do tempo: o diário pós-codificado, que permite que o entrevistado registre livremente as atividades que realiza com intervalos de 10 minutos, e o diário

pré-codificado, o qual já inclui determinadas categorias de atividades diárias, facilitando o preenchimento para aqueles que são analfabetos funcionais. Este último tipo de diário é utilizado de forma combinada com um caderno de desenhos, o qual ajuda a identificar quais atividades estão inclusas em cada categoria, orientando o registro das mesmas. Para coincidir com a leitura realizada com base em relógios digitais (concedidos a todos os domicílios), os diários foram elaborados em intervalos de um minuto.

Além dos diários, foram aplicados mais três tipos de questionários: o *questionário auto-aplicado* (respondido por todos os indivíduos da amostra), o qual contém informações sócio-econômicas dos respondentes; o *questionário do casal ou responsável pelo domicílio*, que contém questões sobre a percepção do grau de justiça da divisão sexual do trabalho no domicílio; e, por fim, o *questionário sobre as características do domicílio*.

Após o primeiro contato por meio de carta enviada pela coordenação da pesquisa, o entrevistador realizava a visita para apresentar o material e explicar os procedimentos. Foi escolhido um indivíduo de referência no domicílio, o qual era responsável por instruir os outros membros sobre a realização da pesquisa, assim como organizar os formulários para entrega no fim do processo. Dependendo da composição do grupo domiciliar, o entrevistador era obrigado a fazer várias visitas, já que a “entrevista do dia seguinte”, utilizada para correção dos diários, foi feita, com cada indivíduo, sempre no dia posterior determinado para o preenchimento do diário, caso este revelasse problemas. Além disso, como cada indivíduo respondeu sobre dois dias na semana, as visitas poderiam se tornar mais freqüentes, o que requereu, portanto, o estabelecimento de uma relação de confiança entre o entrevistador e os entrevistados.

Quanto aos outros formulários, o questionário auto-aplicado foi respondido pelo próprio indivíduo que respondia aos diários enquanto que o questionário sobre o domicílio foi preenchido, frequentemente, pelo indivíduo de referência no próprio domicílio. A quantidade de questionários do casal ou responsável pelo domicílio, por seu turno, dependeu da composição do domicílio, permitindo-se no máximo o preenchimento de dois questionários por unidade domiciliar selecionada para a amostra.

Finalizado o processo de coleta de dados, uma equipe foi responsável por receber e verificar o material referente a cada domicílio, o qual poderia variar em quantidade devido ao número de membros com oito anos ou mais de idade. Posteriormente ao recebimento do material de campo, a equipe de codificação iniciou o processo de codificação e tratamento dos formulários. Um item importante neste processo foi a substituição das identificações dos indivíduos e dos domicílios por códigos seriados, processo que cumpriu a função de garantir o sigilo das informações prestadas. Todos os tipos de questionários utilizados na pesquisa produziram um banco de dados específico, o qual pode ser relacionado aos outros com o uso das variáveis de identificação do indivíduo e do domicílio.

O ATUS-2003 também utilizou a estratégia de abordagem antecipada com relação ao primeiro contato, por meio de uma carta e um folheto enviado aos indivíduos, com disponibilidade de versões em inglês e em espanhol. Além de dar explicações sobre a pesquisa, a carta dava ciência à pessoa selecionada no domicílio sobre a data na qual ela seria interpelada para a entrevista. Diferentemente da Pesquisa dos Usos do Tempo em BH (2001), que utilizou formulários de papel impresso, o ATUS-2003 utiliza um sistema conhecido como CATI (*computer-assisted telephone interviewing*), o qual apresenta uma série de vantagens e desvantagens. Por exemplo, é possível minimizar o erro

humano em várias etapas de organização e codificação das informações, dentre outras coisas. Contudo, esta estratégia demanda maior esforço de memória, não possibilita o registro de atividades simultâneas e, por fim, seleciona apenas um dia para o entrevistado no domicílio responder sobre suas atividades ao invés de dois dias (um dia de semana e outro dia de fim de semana).

Quanto à estratégia de recrutamento, somente a pessoa designada em cada domicílio estava apta a responder. Não havia possibilidade de um substituto ou de um representante responder no lugar do indivíduo selecionado. Quando não havia disponibilidade de telefone no domicílio ou quando o registro do contato do indivíduo não havia sido feito adequadamente na coleta prévia de dados do CPS, era enviada uma carta solicitando ao selecionado que entrasse em contato diretamente com a central. Como incentivo, o indivíduo participante recebia um cartão com créditos para realizar as ligações, o qual era liberado para uso assim que a entrevista estivesse completada, ressarcindo os custos do entrevistado relativos à comunicação com a central da pesquisa.

A entrevista do ATUS pode ser realizada com duas opções de idiomas: inglês ou espanhol. Ela corresponde a um misto de questões estruturadas e questões abertas, as quais são divididas em quatro grandes tópicos: a lista do domicílio, o diário de usos do tempo, questões diretas e uma seção relacionada à informação coletada na 8ª semana de entrevista ao CPS. Este último bloco, por sua vez, é dedicado a coletar informações sobre a situação na força de trabalho, a procura de emprego, sobre a ocupação, os rendimentos e a escolaridade. Estas questões servem, portanto, para confirmar ou atualizar as informações registradas pelo CPS. A partir deste processo são construídos diversos bancos de dados, os quais são combináveis com o uso de variáveis específicas.

Em todos os blocos da entrevista o entrevistador utiliza um roteiro disponibilizado na tela do CATI, com base no qual ele registra as respostas. Na seção dedicada ao diário, o entrevistador utiliza a técnica de conversação, que representa a parte menos estruturada da entrevista. A referência, neste caso, é sempre o dia anterior, independente se aquele foi ou não um dia comum para o entrevistado. As atividades são registradas de acordo com intervalos de 30 minutos, porém, é possível diminuir este padrão caso o entrevistado seja capaz de reportar mais detalhadamente suas atividades. O entrevistador, por sua vez, é treinado para auxiliar o entrevistado a resolver os lapsos de memória e garantir o nível de detalhe suficiente para codificar a atividade de acordo com as categorias disponíveis.

4.4 Quadro operacional do estudo

4.4.1 Variáveis dependentes: a duração das atividades

Entre os estudos de usos do tempo, são amplamente conhecidos dois sistemas de códigos usados para classificar as atividades registradas nos diários: o chamado EUROSTAT³⁰ (sistema europeu) e o sistema de classificação da ONU (CATUS)³¹.

Além de orientações teóricas e empíricas que conformam a escolha das categorias de atividades, uma característica básica comum a alguns sistemas de classificação é o número de dígitos e sua relação com a estrutura hierárquica de organização dos mesmos. Quanto maior o número de dígitos que compõem os códigos, maior é o grau de detalhamento com o qual a atividade é classificada em uma categoria específica. No entanto, é possível

³⁰ Disponível em: <http://epp.eurostat.ec.europa.eu/cache/ITY_OFFPUB/KS-CC-04-007/EN/KS-CC-04-007-EN.PDF>. Acessado em março de 2010.

³¹ Disponível em: <<http://unstats.un.org/unsd/demographic/sconcerns/tuse/>>. Acessado em março de 2010.

agrupar atividades similares em categorias mais abstratas, representadas por um número menor de dígitos. Assim, o sistema de códigos permite que se façam tanto análises pormenorizadas das atividades quanto dos blocos ou agrupamentos de atividades sem, contudo, perder detalhes da informação.

Para os fins da Pesquisa dos Usos do Tempo em BH (2001), foi elaborada uma síntese dos dois sistemas de classificação citados acima de forma que representasse melhor as atividades realizadas no contexto brasileiro, ao mesmo tempo em que fosse possível manter as características essenciais dos mesmos, garantindo a possibilidade de comparação dos dados construídos por diferentes grupos de pesquisa. O esquema final é organizado de acordo com três séries de um dígito cada. As categorias que apresentam códigos de apenas um dígito correspondem às mais abrangentes, num total de nove categorias (APÊNDICE A – Categorias de atividades diárias da Pesquisa de Usos do Tempo em BH com códigos de 2 e 3 dígitos agrupados em códigos de 1 dígito). Ao acrescentar mais um série de um dígito, desloca-se para um nível maior de detalhe das atividades. Os códigos de três dígitos, por sua vez, correspondem às categorias mais detalhadas e, portanto, eles são utilizados para codificar os diários de usos do tempo (APÊNDICE B – Categorias de atividades diárias da Pesquisa de Usos do Tempo em BH com códigos de 3 dígitos agrupados em códigos de 2 e 3 dígitos).

O ATUS-2003 utiliza um sistema de códigos baseado originalmente no esquema de classificação utilizado pelo *Australian Bureau of Statistics 1997 time-use survey*, o qual foi revisado na fase de desenvolvimento do ATUS. O resultado é um sistema de três séries de dois dígitos cada, com a primeira série composta por 17 categorias gerais, cada qual tendo mais dois níveis de detalhe. Os codificadores atribuem um código de seis dígitos para cada atividade: os primeiros dois dígitos representam a categoria mais geral e os

dois últimos dígitos representam o terceiro e mais específico nível de detalhamento.

Para viabilizar as análises foi necessário escolher um dos sistemas de códigos e adaptá-lo com relação ao outro. Foi escolhido, portanto, o sistema utilizado pela Pesquisa dos Usos do Tempo em BH (2001)³² como padrão de referência para adaptar o sistema utilizado pelo ATUS-2003. As categorias mais detalhadas que compõem este último (códigos de seis dígitos), foram combinadas com aquelas semelhantes que compõem o esquema de classificação da Pesquisa dos Usos do Tempo em BH (2001), utilizando tanto os códigos de dois dígitos quanto os de três dígitos, conforme fosse necessário. Este processo de combinação entre os dois sistemas de classificação é apresentado no fim deste trabalho (APÊNDICE C - Combinação dos códigos de 2 e 3 dígitos da Pesquisa de Usos do Tempo em BH com os códigos de 6 dígitos do ATUS-2003).

Para utilização nos modelos de regressão (seção 4.5), as nove categorias mais gerais de atividades diárias foram reduzidas a quatro grandes “blocos de tempo” (ROBINSON, 1999). Segundo esta classificação, o “tempo produtivo” (*productive time*) pode ser dividido entre o “tempo contratado” (*contracted time*), equivalente às atividades de trabalho remunerado, e o “tempo comprometido” (*committed time*), correspondente às atividades de trabalho não-remunerado, como os cuidados com a casa e a família. Excluindo-se este tempo dedicado a atividades produtivas, restam dois blocos de tempo: o “tempo pessoal” (*personal time*), corresponde às atividades de manutenção do

³² As categorias de atividades relacionadas a deslocamento e viagens, devido à forma como são construídos seus códigos, não foram agrupadas em categorias de dois dígitos, permanecendo com o maior nível de detalhe possível, como é possível perceber nos anexos. O Anexo I apresenta a relação entre as categorias de um dígito (mais gerais) e as categorias de dois (mais específicas) e três dígitos (atividades de deslocamento e viagens). O anexo II mostra a relação entre as categorias de dois dígitos e as categorias de três dígitos.

próprio corpo relacionadas aos cuidados pessoais (comer, dormir, lavar-se, etc.), e o “tempo livre” (*free time*), ligado às atividades de expressão pessoal (*expressive*) e utilizado para atividades de lazer, atividades religiosas, estudo, a atividades de participação política, trabalho voluntário, etc.

As análises serão baseadas, portanto, no bloco de *tempo de trabalho remunerado* como categoria geral que representa a dimensão do trabalho pago, e no bloco de *tempo livre*, categoria que representa a dimensão do lazer de acordo com a definição utilizada no estudo anterior (NEUBERT, 2006), além de incluir as atividades de estudos e atividades religiosas, as quais não tinham sido levadas em conta anteriormente. O QUADRO 1 abaixo apresenta os códigos de 2 e 3 dígitos da Pesquisa de Usos do Tempo em BH (2001) agrupados de acordo com o bloco de tempo de trabalho remunerado e o bloco de tempo livre.

QUADRO 1

Agrupamento dos códigos de 2 dígitos de acordo com os blocos de tempo

Blocos de tempo	Códigos de 2 dígitos da Pesquisa dos Usos do Tempo em BH (2001) (Apêndice I e II)*
tempo de trabalho remunerado	10,11,12,13
tempo comprometido	30,31,32,33,34,35,36,37,38,39
tempo pessoal	01,02,03
tempo livre	20,21,22,40,41,42,43,44,50,51,52,53,60,61,62,63,70,71,72,73,80,81,82,83

*Não foram incluídos os códigos 999, 99 e 995.

Com base nestas classificações, foram calculados oito modelos de regressão com base em oito variáveis dependentes, as quais incluem o tempo de trabalho remunerado e o tempo livre para as subamostras dos dias de semana e dos dias de fim de semana de cada um dos dois conjuntos de informações analisados. As variáveis dependentes são, portanto, as seguintes:

- a) duração do tempo de trabalho remunerado diário (min.) para a amostra dos dias de semana (seg-sex) da Pesquisa de Usos do Tempo em BH (2001) – Modelo 1;
- b) duração do tempo de trabalho remunerado diário (min.) para a amostra dos dias de fim de semana (sab/dom) da Pesquisa de Usos do Tempo em BH (2001) – Modelo 2;
- d) duração do tempo livre diário (min.) para a amostra dos dias de semana (seg-sex) da Pesquisa de Usos do Tempo em BH (2001) – Modelo 3;
- d) duração do tempo livre diário (min.) para a amostra dos dias de fim de semana (sab/dom) da Pesquisa de Usos do Tempo em BH (2001) – Modelo 4;

e) duração do tempo de trabalho remunerado diário (min.) para a amostra dos dias de semana (seg-sex) do ATUS-2003 – Modelo 5;

f) duração do tempo de trabalho remunerado diário (min.) para a amostra dos dias de fim de semana (sab/dom) do ATUS-2003 – Modelo 6;

g) duração do tempo livre diário (min.) para a amostra dos dias de semana (seg-sex) do ATUS-2003 – Modelo 7;

h) duração do tempo livre diário (min.) para a amostra dos dias de fim de semana (sab/dom) do ATUS-2003 – Modelo 8.

4.4.2 Variáveis independentes: as características dos indivíduos

Além da idade e do sexo do indivíduo, foram destacadas as variáveis relativas às características da ocupação principal (natureza, setor, situação, tipo de vínculo, tipo de dedicação), a quantidade de ocupações remuneradas que são exercidas e o alcance educacional do indivíduo. Esta última variável está presente em todos os modelos, contudo, o recorte de escolaridade é diferente no que diz respeito a cada caso empírico aqui analisado, como apresentado a seguir.

As variáveis independentes que são comuns a todos os modelos são, portanto, as seguintes:

a) sexo: variável dicotômica;

- b) idade: número de anos completos vividos;
- c) idade²: idade elevada ao quadrado;
- d) número de ocupações remuneradas: variável dicotômica que indica se o indivíduo realiza apenas uma ou mais atividades remuneradas;
- e) natureza da ocupação principal: variável dicotômica que indica se a ocupação principal é manual ou não-manual.

As variáveis independentes que são exclusivas dos modelos que foram calculados com base nas informações da Pesquisa de Usos do Tempo em BH (2001) são as seguintes:

- f) escolaridade: variável dicotômica que indica se o indivíduo completou ou não o ensino secundário (12 anos ou mais de escolaridade);
- g) formalidade da ocupação: variável dicotômica que indica se a ocupação principal possui vínculo formal ou não;
- h) situação na ocupação principal: variável originalmente com três categorias – empregador, conta própria e empregado – sendo a primeira e a segunda categoria transformadas cada qual em uma variável dicotômica e a terceira mantida como variável de referência;

Por fim, as variáveis independentes que são exclusivas dos modelos que foram calculados com base nas informações do ATUS-2003 são as seguintes:

i) escolaridade: variável dicotômica que indica se o indivíduo completou ou não o *bachelor's degree* (16 anos ou mais de escolaridade);

j) tipo de dedicação à ocupação principal: variável dicotômica que indica se a ocupação principal é exercida em tempo integral (*full-time job*) ou em tempo parcial (*part-time job*);

k) setor da ocupação principal: variável originalmente com três categorias – governo, privado e conta própria – sendo a primeira e a segunda categoria transformadas cada qual em uma variável dicotômica e a terceira mantida como variável de referência.

4.5 Modelos de regressão

Neste estudo foram calculados oito modelos que incluem coeficientes tanto para o modelo de RMQO quanto para a regressão quantílica. Segundo Koenker e Basset (1978), o modelo de RMQO é extremamente sensível à contaminação de *outliers*, o que o torna um estimador problemático para distribuições assimétricas. O modelo de regressão quantílica, por sua vez, representa uma alternativa mais robusta com relação ao modelo linear neste caso, já que é baseado em funções condicionais aos quantis da variável dependente e tem como referência a mediana ao invés da média, o que o torna uma boa alternativa ao modelo dos mínimos quadrados ordinários (KOENKER e HALLOCK, 2001).

Tais características permitem que o modelo de regressão quantílica apresente, dentre outras vantagens, a possibilidade de se analisar amostras que contém poucos casos, de se utilizar variáveis dependentes com distribuição assimétrica e, por fim, de se oferecer uma visão mais completa a respeito das variáveis dependentes que não apresentam uma relação linear com as demais variáveis independentes que compõem um determinado modelo.

A seguir são apresentados as equações lineares de cada um dos oito modelos que foram calculados para testar as hipóteses, assim como as variáveis dependentes e o conjunto de variáveis independentes. Ao final é apresentada a fórmula da regressão quantílica da mesma forma como foi apresentada no estudo realizado por Tomás, Xavier e Dulci (2007), o qual serviu de referência para este trabalho. Os coeficientes desta regressão, por sua vez, foram calculados incluindo as mesmas variáveis dependentes e independentes dos oito modelos lineares, excetuando-se as variáveis de controle que foram utilizadas exclusivamente nestes últimos, quais sejam, “controle1” (X_{12}) e “controle2” (X_{13})³³. Estas variáveis são responsáveis por realizar um ajuste nos modelos de RMQO ao controlar a variância gerada por aqueles que despenderam algum com a atividade ($t > 0$) e aqueles que não despenderam ($t = 0$) e, também, controlar o efeito dos *outliers*, ou seja, daqueles indivíduos que registraram montantes excessivos de tempo.

³³ Os modelos lineares utilizados neste estudo podem ser considerados mais adequados do que os utilizados no estudo anterior (NEUBERT, 2006) já que foram utilizados vários artifícios, tais como: modificar todos os valores “0” da variável dependente para “0,00001”, transformar a variável dependente (tempo das atividades) através do cálculo do logaritmo natural (Ln) da mesma, além de introduzir as duas variáveis de controle (*controle1* e *controle2*). Tais procedimentos garantiram um melhor ajuste do modelo linear e o atendimento aos requisitos obrigatórios relacionados ao seu uso.

MODELO 1

$$Ln_{(\text{tempo})} = \alpha + \beta_1(\text{escolaridade}) + \beta_2(\text{formalidade}) + \beta_3(\text{n.ocupações}) + \beta_4(\text{empregador}) + \beta_5(\text{conta própria}) + \beta_6(\text{não-manual}) + \beta_7(\text{sexo}) + \beta_8(\text{idade}) + \beta_9(\text{idade}^2) + \beta_{10}(\text{controle1}) + \beta_{11}(\text{controle2}) + \varepsilon.$$

Onde:

Y = logaritmo natural da duração (min.) do tempo de trabalho remunerado diário para a amostra dos dias de semana (seg-sex) da Pesquisa dos Usos do Tempo em BH (2001);

α = constante;

β_i = coeficientes de regressão das variáveis independentes;

X_1 = escolaridade dicotômica (0-não possui secundário completo; 1-possui secundário completo)

X_2 = formalidade (0-não possui vínculo formal na ocupação principal; 1-possui vínculo formal na ocupação principal);

X_3 = n.ocupações (0-exerce mais de uma atividade remunerada; 1-exerce apenas uma atividade remunerada);

empregado;

X_4 = empregador (0-outros; 1-situação na ocupação principal: empregador) – Categoria de referência: empregado;

X_5 = conta própria (0-outros; 1- situação na ocupação principal: conta própria) – Categoria de referência: empregado;

X_6 = não-manual (0-trabalhador manual; 1-trabalhador não-manual);

X_7 = sexo (0-feminino; 1- masculino)

X_8 = idade (número de anos completos);

X_9 = idade² (número de anos completos elevado ao quadrado);

X_{10} = controle1 (0-quem não realizou a atividade no dia de referência; 1-quem não realizou a atividade no dia de referência);

X_{11} = controle2 (0-outros; 1-*outlier*);

ε = erro estocástico.

MODELO 2

$$Ln_{(\text{tempo})} = \alpha + \beta_1(\text{escolaridade}) + \beta_2(\text{formalidade}) + \beta_3(\text{n.ocupações}) + \beta_4(\text{empregador}) + \beta_5(\text{conta própria}) + \beta_6(\text{não-manual}) + \beta_7(\text{sexo}) + \beta_8(\text{idade}) + \beta_9(\text{idade}^2) + \beta_{10}(\text{controle1}) + \beta_{11}(\text{controle2}) + \varepsilon.$$

Onde:

Y = logaritmo natural da duração (min.) do tempo de trabalho remunerado diário para a amostra dos dias de fim de semana (sab/dom) da Pesquisa dos Usos do Tempo em BH (2001);

α = constante;

β_i = coeficientes de regressão das variáveis independentes;

X_1 = escolaridade dicotômica (0-não possui secundário completo; 1-possui secundário completo)

X_2 = formalidade (0-não possui vínculo formal na ocupação principal; 1-possui vínculo formal na ocupação principal);

X_3 = n.ocupações (0-exerce mais de uma atividade remunerada; 1-exerce apenas uma atividade remunerada);

empregado;

X_4 = empregador (0-outros; 1-situação na ocupação principal: empregador) – Categoria de referência: empregado;

X_5 = conta própria (0-outros; 1- situação na ocupação principal: conta própria) – Categoria de referência: empregado;

X_6 = não-manual (0-trabalhador manual; 1-trabalhador não-manual);

X_7 = sexo (0-feminino; 1- masculino)

X_8 = idade (número de anos completos);

X_9 = idade² (número de anos completos elevado ao quadrado);

X_{10} = controle1 (0-quem não realizou a atividade no dia de referência; 1-quem não realizou a atividade no dia de referência);

X_{11} = controle2 (0-outros; 1-*outlier*);

ε = erro estocástico.

MODELO 3

$$Ln_{(\text{tempo})} = \alpha + \beta_1(\text{escolaridade}) + \beta_2(\text{formalidade}) + \beta_3(\text{n.ocupações}) + \beta_4(\text{empregador}) + \beta_5(\text{conta própria}) + \beta_6(\text{não-manual}) + \beta_7(\text{sexo}) + \beta_8(\text{idade}) + \beta_9(\text{idade}^2) + \beta_{10}(\text{controle1}) + \beta_{11}(\text{controle2}) + \varepsilon.$$

Onde:

Y = logaritmo natural da duração (min.) do tempo livre diário para a amostra dos dias de semana (seg-sex) da Pesquisa dos Usos do Tempo em BH (2001);

α = constante;

β_i = coeficientes de regressão das variáveis independentes;

X_1 = escolaridade dicotômica (0-não possui secundário completo; 1-possui secundário completo)

X_2 = formalidade (0-não possui vínculo formal na ocupação principal; 1-possui vínculo formal na ocupação principal);

X_3 = n.ocupações (0-exerce mais de uma atividade remunerada; 1-exerce apenas uma atividade remunerada);

empregado;

X_4 = empregador (0-outros; 1-situação na ocupação principal: empregador) – Categoria de referência: empregado;

X_5 = conta própria (0-outros; 1- situação na ocupação principal: conta própria) – Categoria de referência: empregado;

X_6 = não-manual (0-trabalhador manual; 1-trabalhador não-manual);

X_7 = sexo (0-feminino; 1- masculino)

X_8 = idade (número de anos completos);

X_9 = idade² (número de anos completos elevado ao quadrado);

X_{10} = controle1 (0-quem não realizou a atividade no dia de referência; 1-quem não realizou a atividade no dia de referência);

X_{11} = controle2 (0-outros; 1-outlier);

ε = erro estocástico.

MODELO 4

$$Ln_{(\text{tempo})} = \alpha + \beta_1(\text{escolaridade}) + \beta_2(\text{formalidade}) + \beta_3(\text{n.ocupações}) + \beta_4(\text{empregador}) + \beta_5(\text{conta própria}) + \beta_6(\text{não-manual}) + \beta_7(\text{sexo}) + \beta_8(\text{idade}) + \beta_9(\text{idade}^2) + \beta_{10}(\text{controle1}) + \beta_{11}(\text{controle2}) + \varepsilon.$$

Onde:

Y = logaritmo natural da duração (min.) do tempo livre diário para a amostra dos dias de fim de semana (sab/dom) da Pesquisa dos Usos do Tempo em BH (2001);

α = constante;

β_i = coeficientes de regressão das variáveis independentes;

X_1 = escolaridade dicotômica (0-não possui secundário completo; 1-possui secundário completo)

X_2 = formalidade (0-não possui vínculo formal na ocupação principal; 1-possui vínculo formal na ocupação principal);

X_3 = n.ocupações (0-exerce mais de uma atividade remunerada; 1-exerce apenas uma atividade remunerada);

empregado;

X_4 = empregador (0-outros; 1-situação na ocupação principal: empregador) – Categoria de referência: empregado;

X_5 = conta própria (0-outros; 1- situação na ocupação principal: conta própria) – Categoria de referência: empregado;

X_6 = não-manual (0-trabalhador manual; 1-trabalhador não-manual);

X_7 = sexo (0-feminino; 1- masculino)

X_8 = idade (número de anos completos);

X_9 = idade² (número de anos completos elevado ao quadrado);

X_{10} = controle1 (0-quem não realizou a atividade no dia de referência; 1-quem não realizou a atividade no dia de referência);

X_{11} = controle2 (0-outros; 1-outlier);

ε = erro estocástico.

MODELO 5

$$\begin{aligned} \ln_{(\text{tempo})} = & \alpha + \beta_1(\text{escolaridade}) + \beta_2(\text{fulltime}) + \beta_3(\text{n.ocupações}) + \\ & \beta_4(\text{governo}) + \beta_5(\text{privado}) + \beta_6(\text{não-manual}) + \beta_7(\text{sexo}) + \beta_8(\text{idade}) + \\ & \beta_9(\text{idade}^2) + \beta_{10}(\text{controle1}) + \beta_{11}(\text{controle2}) + \varepsilon. \end{aligned}$$

Onde:

Y = logaritmo natural da duração (min.) do tempo de trabalho remunerado diário para a amostra dos dias de semana (seg-sex) do ATUS-2003;

α = constante;

β_i = coeficientes de regressão das variáveis independentes;

X_1 = escolaridade dicotômica (0-não possui *bachelor's degree*; 1- possui *bachelor's degree*)

X_2 = fulltime (0-dedicação à ocupação principal é em tempo parcial; 1- dedicação à ocupação principal é em tempo integral);

X_3 = n.ocupações (0-exerce mais de uma atividade remunerada; 1- exerce apenas uma atividade remunerada);

X_4 = governo (0-outros; 1- setor da ocupação principal: governo) – Categoria de referência: conta-própria;

X_5 = privado (0-outros; 1-setor da ocupação principal: privado) – Categoria de referência: conta-própria;

X_6 = não-manual (0-trabalhador manual; 1-trabalhador não-manual);

X_7 = sexo (0-feminino; 1- masculino)

X_8 = idade (número de anos completos);

X_9 = idade² (número de anos completos elevado ao quadrado);

X_{10} = controle1 (0-quem não realizou a atividade no dia de referência; 1- quem não realizou a atividade no dia de referência);

X_{11} = controle2 (0-outros; 1-*outlier*);

ε = erro estocástico.

MODELO 6

$$\begin{aligned} \ln_{(\text{tempo})} = & \alpha + \beta_1(\text{escolaridade}) + \beta_2(\text{fulltime}) + \beta_3(\text{n.ocupações}) + \\ & \beta_4(\text{governo}) + \beta_5(\text{privado}) + \beta_6(\text{não-manual}) + \beta_7(\text{sexo}) + \beta_8(\text{idade}) + \\ & \beta_9(\text{idade}^2) + \beta_{10}(\text{controle1}) + \beta_{11}(\text{controle2}) + \varepsilon. \end{aligned}$$

Onde:

Y = logaritmo natural da duração (min.) do tempo de trabalho remunerado diário para a amostra dos dias de fim de semana (sab/dom) do ATUS-2003;

α = constante;

β_i = coeficientes de regressão das variáveis independentes;

X_1 = escolaridade dicotômica (0-não possui *bachelor's degree*; 1- possui *bachelor's degree*)

X_2 = fulltime (0-dedicação à ocupação principal é em tempo parcial; 1- dedicação à ocupação principal é em tempo integral);

X_3 = n.ocupações (0-exerce mais de uma atividade remunerada; 1- exerce apenas uma atividade remunerada);

X_4 = governo (0-outros; 1- setor da ocupação principal: governo) – Categoria de referência: conta-própria;

X_5 = privado (0-outros; 1-setor da ocupação principal: privado) – Categoria de referência: conta-própria;

X_6 = não-manual (0-trabalhador manual; 1-trabalhador não-manual);

X_7 = sexo (0-feminino; 1- masculino)

X_8 = idade (número de anos completos);

X_9 = idade² (número de anos completos elevado ao quadrado);

X_{10} = controle1 (0-quem não realizou a atividade no dia de referência; 1- quem não realizou a atividade no dia de referência);

X_{11} = controle2 (0-outros; 1-*outlier*);

ε = erro estocástico.

MODELO 7

$$\ln_{(\text{tempo})} = \alpha + \beta_1(\text{escolaridade}) + \beta_2(\text{fulltime}) + \beta_3(\text{n.ocupações}) + \beta_4(\text{governo}) + \beta_5(\text{privado}) + \beta_6(\text{não-manual}) + \beta_7(\text{sexo}) + \beta_8(\text{idade}) + \beta_9(\text{idade}^2) + \beta_{10}(\text{controle1}) + \beta_{11}(\text{controle2}) + \varepsilon.$$

Onde:

Y = logaritmo natural da duração (min.) do tempo livre diário para a amostra dos dias de semana (seg-sex) do ATUS-2003;

α = constante;

β_i = coeficientes de regressão das variáveis independentes;

X_1 = escolaridade dicotômica (0-não possui *bachelor's degree*; 1- possui *bachelor's degree*)

X_2 = fulltime (0-dedicação à ocupação principal é em tempo parcial; 1- dedicação à ocupação principal é em tempo integral);

X_3 = n.ocupações (0-exerce mais de uma atividade remunerada; 1- exerce apenas uma atividade remunerada);

X_4 = governo (0-outros; 1- setor da ocupação principal: governo) – Categoria de referência: conta-própria;

X_5 = privado (0-outros; 1-setor da ocupação principal: privado) – Categoria de referência: conta-própria;

X_6 = não-manual (0-trabalhador manual; 1-trabalhador não-manual);

X_7 = sexo (0-feminino; 1- masculino)

X_8 = idade (número de anos completos);

X_9 = idade² (número de anos completos elevado ao quadrado);

X_{10} = controle1 (0-quem não realizou a atividade no dia de referência; 1- quem não realizou a atividade no dia de referência);

X_{11} = controle2 (0-outros; 1-*outlier*);

ε = erro estocástico.

MODELO 8

$$\ln_{(\text{tempo})} = \alpha + \beta_1(\text{escolaridade}) + \beta_2(\text{fulltime}) + \beta_3(\text{n.ocupações}) + \beta_4(\text{governo}) + \beta_5(\text{privado}) + \beta_6(\text{não-manual}) + \beta_7(\text{sexo}) + \beta_8(\text{idade}) + \beta_9(\text{idade}^2) + \beta_{10}(\text{controle1}) + \beta_{11}(\text{controle2}) + \varepsilon.$$

Onde:

Y = logaritmo natural da duração (min.) do tempo livre diário para a amostra dos dias de fim de semana (sab/dom) do ATUS-2003;

α = constante;

β_i = coeficientes de regressão das variáveis independentes;

X_1 = escolaridade dicotômica (0-não possui *bachelor's degree*; 1- possui *bachelor's degree*)

X_2 = fulltime (0-dedicação à ocupação principal é em tempo parcial; 1-dedicação à ocupação principal é em tempo integral);

X_3 = n.ocupações (0-exerce mais de uma atividade remunerada; 1-exerce apenas uma atividade remunerada);

X_4 = governo (0-outros; 1- setor da ocupação principal: governo) – Categoria de referência: conta-própria;

X_5 = privado (0-outros; 1-setor da ocupação principal: privado) – Categoria de referência: conta-própria;

X_6 = não-manual (0-trabalhador manual; 1-trabalhador não-manual);

X_7 = sexo (0-feminino; 1- masculino)

X_8 = idade (número de anos completos);

X_9 = idade² (número de anos completos elevado ao quadrado);

X_{10} = controle1 (0-quem não realizou a atividade no dia de referência; 1-quem realizou a atividade no dia de referência);

X_{11} = controle2 (0-outros; 1-*outlier*);

ε = erro estocástico.

Quanto à equação da regressão quantílica, de acordo com a forma como foi apresentado no estudo realizado por Tomás, Xavier e Dulci (2007), o cálculo da regressão mediana pode ser realizado com base na minimização dada por:

$$\phi = \sum_{i=1}^n |y_i - x_i' \beta| = \sum_{i=1}^n (y_i - x_i' \beta) \text{sgn}(y_i - x_i' \beta)$$

em que $\text{sgn}(a)$ é considerado o sinal de a , “1” caso a seja positivo e “-1” caso a seja negativo ou igual a 0 (DEATON, 1997, p.83 *apud* TOMÁS, XAVIER e DULCI, 2007, p.85).

Segundo os mesmos (TOMÁS, XAVIER e DULCI, 2007, p.85), “a condição de primeira ordem do modelo é satisfeita pelos parâmetros que a minimizam, isto é, quando $j = 1, \dots, k$ ”:

$$\sum_{i=1}^n x_{ij} \text{sgn}(y_i - x_i' \beta) = 0$$

Já para os coeficientes da regressão quantílica que não a mediana, os coeficientes são calculados pela minimização de (DEATON, 1997, p.83 *apud* TOMÁS, XAVIER e DULCI, 2007):

³⁴ DEATON, A. *The analysis of household surveys*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1997.

$$\phi_q = -(1-q) \sum_{y \leq x' \beta} (y_i - x'_i \beta) + q \sum_{y > x' \beta} (y_i - x'_i \beta) = \sum_{i=1}^n [q - 1(y_i \leq x'_i \beta)] (y_i - x'_i \beta)$$

“em que $0 < q < 1$ é o quantil de interesse, e o valor da função $l(z)$ sinaliza a verdade (1) ou o contrário (0) da proposição z . A condição de minimização, agora, é a seguinte equação, o que corresponde à condição de primeira ordem anterior quando q é igual a metade” (TOMÁS, XAVIER e DULCI, 2007):

$$\sum_i [q - 1(y_i \leq x'_i \beta)] = 0$$

4.6 Hipótese do estudo

De acordo com o que fora discutido nas seções introdutórias, dois novos pressupostos foram levados em conta neste estudo, quais sejam:

a) que o método de regressão quantílica é mais eficaz que o método linear para estimar modelos que incluem o tempo das atividades como variável dependente, apesar de que os modelos lineares utilizados neste estudo apresentam um ajuste bastante adequado com relação àqueles utilizados anteriormente no estudo de Neubert (2006);

b) variáveis relativas às características ocupacionais e à escolaridade não são suficientes, se utilizadas de forma isolada, para se fazer uma leitura completa a respeito das desigualdades relativas à estratificação ocupacional. A introdução de um conjunto de variáveis nos modelos de regressão permite evitar uma

perspectiva unidimensional e, dessa forma, explorar os vários aspectos da estratificação social.

Tendo em vista os dois pressupostos acima, a hipótese que guia este estudo pode ser assim sintetizada:

Hipótese 1

A relação entre o *status* ocupacional (representado aqui por um conjunto de variáveis independentes) e a organização do tempo das atividades de trabalho remunerado e de lazer de acordo com a divisão dos dias de semana (seg-sex) e dos dias de fim de semana (sab/dom), detectada no estudo anterior a este (NEUBERT, 2006), se mantém mesmo tendo em vista as alterações e inovações introduzidas no estudo atual. Espera-se que quanto maior for o *status* ocupacional do indivíduo, maior é a probabilidade de que ele aloque mais tempo de trabalho remunerado nos dias de semana e deixe os dias de fim de semana liberados para a realização de outras atividades, dentre elas, aquelas relacionadas ao bloco de tempo livre.

A seguir destacam-se, com relação às variáveis independentes, as hipóteses mais específicas. Primeiramente, são apresentadas as hipóteses específicas que são comuns a ambos os casos empíricos analisados neste estudo:

Hipótese 1.1 – escolaridade

Quanto maior o grau de escolaridade do indivíduo, maior é a probabilidade de ele alocar as atividades diárias de acordo com a divisão tradicional da semana, qual seja, maior dispêndio de tempo de trabalho remunerado e menor

dispêndio de tempo livre em dias de semana (seg-sex) e, por outro lado, menor dispêndio de tempo de trabalho remunerado e maior dispêndio de tempo livre em dias de fim de semana (sab/dom). Isso ocorreria porque os indivíduos mais escolarizados apresentam maior poder de barganha no mercado de trabalho ocupando, assim, as melhores posições em comparação com aqueles indivíduos que possuem baixa escolaridade, os quais estão mais sujeitos a exercerem ocupações informais e precarizadas, já que correspondem a uma mão-de-obra de baixa qualificação.

Hipótese 1.2 – número de ocupações

Caso o indivíduo possua apenas uma ocupação remunerada, maior é a probabilidade de ele alocar as atividades diárias de acordo com a divisão tradicional da semana, qual seja, maior dispêndio de tempo de trabalho remunerado e menor dispêndio de tempo livre em dias de semana (seg-sex) e, por outro lado, menor dispêndio de tempo de trabalho remunerado e maior dispêndio de tempo livre em dias de fim de semana (sab/dom) em comparação com o indivíduo que realiza mais de uma ocupação remunerada. Isso ocorreria porque aqueles indivíduos que realizam mais de uma atividade remunerada estão, também, mais submetidos a ocupações de tempo parcial, informais ou ocupações temporárias, o que os impele a ter um menor grau de autonomia para gerir o próprio tempo em comparação com os indivíduos que exercem apenas uma ocupação remunerada.

Hipótese 1.3 – natureza da ocupação principal

Caso o indivíduo a ocupação principal do indivíduo seja de natureza não-manual, maior é a probabilidade de ele alocar as atividades diárias de acordo com a divisão tradicional da semana, qual seja, maior dispêndio de tempo de trabalho remunerado e menor dispêndio de tempo livre em dias de semana (seg-sex) e, por outro lado, menor dispêndio de tempo de trabalho remunerado e maior dispêndio de tempo livre em dias de fim de semana (sab/dom) em comparação com um trabalhador manual. A natureza da ocupação apresenta

um efeito semelhante ao da escolaridade, já que as ocupações não-manuais são exercidas comumente por indivíduos mais escolarizados.

A seguir são apresentadas as hipóteses específicas que são exclusivas para o conjunto de informações sobre Belo Horizonte (Brasil):

Hipótese 1.4 – formalidade

Caso o indivíduo possua vínculo formal na ocupação principal, maior é a probabilidade de ele alocar as atividades diárias de acordo com a divisão tradicional da semana, qual seja, maior dispêndio de tempo de trabalho remunerado e menor dispêndio de tempo livre em dias de semana (seg-sex) e, por outro lado, menor dispêndio de tempo de trabalho remunerado e maior dispêndio de tempo livre em dias de fim de semana (sab/dom) em comparação com o trabalhador informal. Isso ocorre porque os trabalhadores com carteira assinada podem fazer uso da legislação trabalhista a seu favor e, ainda, possuem mais acesso a meios institucionais para gerir os conflitos, situação que impele os empregadores a obedecer regras formais que regem os vínculos trabalhistas. Ou seja, devido à cobertura da seguridade social, os trabalhadores formais possuem mais recursos do que o trabalhador informal para barganhar as condições de execução do trabalho.

Hipótese 1.5 – situação da ocupação

Caso o indivíduo seja empregador ou trabalhador por conta-própria, maior é a probabilidade de ele alocar as atividades diárias de acordo com a divisão tradicional da semana, qual seja, maior dispêndio de tempo de trabalho remunerado e menor dispêndio de tempo livre em dias de semana (seg-sex) e, por outro lado, menor dispêndio de tempo de trabalho remunerado e maior dispêndio de tempo livre em dias de fim de semana (sab/dom) em comparação

com os empregados. Ambos, empregadores e trabalhadores por conta-própria, correspondem a situações ocupacionais nas quais o indivíduo possui maior grau de autonomia de gerir o próprio tempo em comparação com o trabalhador que é empregado, o qual está submetido a uma série de controles e disciplinas que o coagem a organizar o próprio tempo de acordo com as demandas do empregador.

Por fim, a seguir são apresentadas as hipóteses específicas que são exclusivas para o conjunto de informações sobre os EUA:

Hipótese 1.6 – dedicação à ocupação principal (full-time ou part-time job)

Caso o indivíduo se dedique em tempo integral à ocupação principal, maior é a probabilidade de ele alocar as atividades diárias de acordo com a divisão tradicional da semana, qual seja, maior dispêndio de tempo de trabalho remunerado e menor dispêndio de tempo livre em dias de semana (seg-sex) e, por outro lado, menor dispêndio de tempo de trabalho remunerado e maior dispêndio de tempo livre em dias de fim de semana (sab/dom) em comparação com o indivíduo que se dedica a uma ocupação de expediente parcial. Os indivíduos que se dedicam a apenas uma ocupação remunerada estão menos submetidos àquelas formas de emprego que são fruto do processo de flexibilização as quais, por sua vez, respeitam menos a barreira que separa os dias de trabalho e os dias de descanso.

Hipótese 1.7 – setor da ocupação

Caso o indivíduo exerça a ocupação principal no setor governamental ou privado, maior é a probabilidade de ele alocar as atividades diárias de acordo com a divisão tradicional da semana, qual seja, maior dispêndio de tempo de trabalho remunerado e menor dispêndio de tempo livre em dias de semana

(seg-sex) e, por outro lado, menor dispêndio de tempo de trabalho remunerado e maior dispêndio de tempo livre em dias de fim de semana (sab/dom) em comparação ao indivíduo que trabalha por conta-própria. Os indivíduos que trabalham nos setores privado e governamental estão provavelmente mais submetidos a escalas de trabalho já determinadas e estabelecidas. Comparativamente, os indivíduos que trabalham por conta-própria estão sujeitos à demanda externa e, portanto, experimentam restrições quanto à organização do próprio tempo de trabalho. Essa característica pode ter o efeito de esvanecer, portanto, a barreira que separa os dias de trabalho e os dias de descanso.

5 ANÁLISE DOS DADOS

Como ambos os conjuntos de informações (sobre BH e EUA) utilizados no presente estudo são baseados, cada qual, em duas amostras de casos (quais sejam, casos com informações sobre os dias de semana e casos com informações sobre os dias de fim de semana), a estratégia adotada para organizar a apresentação dos dados de cada localidade foi a seguinte: foi apresentada a descrição de cada amostra das pesquisas, posteriormente a descrição das médias de tempo das atividades e, por fim, os modelos de regressão. A estratégia incluiu a comparação direta entre os dois períodos de referência em relação a cada conjunto de atividades diárias (*tempo de trabalho remunerado* ou *tempo livre*) permitindo, portanto, um panorama mais detalhado de como estas últimas são alocadas de acordo com a divisão da semana. A seguir são analisadas as amostras referentes à Pesquisa dos Usos do Tempo em BH (2001) e, posteriormente, as amostras referentes ao ATUS-2003.

5.1 Análise dos dados da Pesquisa de Usos do Tempo em BH (2001)

5.1.1 Descrição das amostras

Na TAB.5 é apresentada a distribuição por sexo da amostra dos indivíduos que responderam o diário de usos do tempo sobre um dia de semana (segunda, terça, quarta, quinta ou sexta-feira) e na TAB.6 é apresentada a distribuição por sexo da amostra dos indivíduos que responderam o diário de usos do tempo sobre um dia de fim de semana (sábado ou domingo) para a Pesquisa dos Usos do Tempo em BH (2001). Tanto na primeira quanto na segunda tabela a distribuição por sexo é a mesma, sendo a primeira ligeiramente diferenciada da

segunda devido à presença de alguns indivíduos a mais na amostra dos dias de fim de semana. Os indivíduos do sexo masculino correspondem a cerca de 50% de cada amostra e os indivíduos do sexo feminino correspondem aos outros 50%. A convergência das distribuições de freqüência entre as amostras é um resultado esperado já que no caso da Pesquisa dos Usos do Tempo em BH (2001) foram os mesmo indivíduos que preencheram os diários nos dois períodos de tempo de referência (ver TAB.4, p.77).

TABELA 5

Distribuição dos indivíduos por sexo para a amostra dos dias de semana da Pesquisa dos Usos do Tempo em BH (2001)

Sexo	(n)	(%)
Masculino	291	50,9
Feminino	281	49,1
Todos	572	100

Fonte: Pesquisa dos Usos do Tempo em BH (2001)

TABELA 6

Distribuição dos indivíduos por sexo para a amostra dos dias de fim de semana da Pesquisa dos Usos do Tempo em BH (2001)

Sexo	(n)	(%)
Masculino	294	51,1
Feminino	282	48,9
Todos indivíduos	576	100

Fonte: Pesquisa dos Usos do Tempo em BH (2001)

Quando se leva em conta os dados oficiais sobre o Brasil em 1999 (TAB.7), o país apresentava uma população economicamente ativa (PEA)³⁵ de 79.315.287 pessoas, composta por mais homens do que mulheres. Em todas as cinco regiões do país esta mesma tendência prevalece quanto à composição por gênero. A região mais desenvolvida do país (Sudeste, a qual inclui a cidade de Belo Horizonte) apresentava a maior concentração de indivíduos economicamente ativos, seguida pela região Nordeste.

TABELA 7

População economicamente ativa, segundo sexo no Brasil e nas grandes regiões em 1999 (em números absolutos)

Região	Homens	Mulheres	Total
Norte Urbana	2.073.622	1.459.910	3.533.532
Nordeste	13.133.441	9.211.091	22.344.532
Sudeste	20.189.762	14.232.953	34.422.715
Sul	7.590.789	5.560.105	13.150.894
Centro-Oeste	3.413.524	2.336.151	5.749.675
Brasil*	46.480.921	32.834.366	79.315.287

Fonte: IBGE.PNAD. (Elaboração: DIEESE/2000-2001).

Nota: * Não incluída a população da zona rural de Rondônia, Acre,

Quanto às faixas de idade (TAB. 8 e 9), a maioria dos indivíduos se situa na primeira faixa (18 a 41 anos), correspondente a cerca de 70% de cada amostra, enquanto que os indivíduos restantes (cerca de 30%) se situam na segunda faixa (42 a 64 anos).

³⁵ A PEA é composta pelo conjunto de indivíduo com 10 anos ou mais de idade (população em idade ativa) que está ocupada ou desempregada, segundo a definição utilizada pelo DIEESE.

TABELA 8

Distribuição dos indivíduos por faixa de idade para a amostra dos dias de semana da Pesquisa dos Usos do Tempo em BH (2001)

Faixas de Idade	(n)	(%)
18 a 41 anos	401	69,9
42 a 64 anos	172	30,1
Todos	573	100

Fonte: Pesquisa dos Usos do Tempo em BH (2001)

TABELA 9

Distribuição dos indivíduos por faixa de idade para a amostra dos dias de fim de semana da Pesquisa dos Usos do Tempo em BH (2001)

Faixas de Idade	(n)	(%)
18 a 41 anos	405	70,4
42 a 64 anos	170	29,6
Todos indivíduos	575	100

Fonte: Pesquisa dos Usos do Tempo em BH (2001)

No que diz respeito à escolaridade (TAB. 10 e 11), cerca de 53% dos indivíduos de cada amostra possuem o ensino secundário completo enquanto que 47% não completaram o ensino secundário. Quando se leva em conta dados oficiais sobre a distribuição de pessoas residentes em Belo Horizonte com 10 anos ou mais em 2001 de acordo com o grau de instrução (TAB. 12), a proporção de analfabetos é de 4,26% ao passo que 10,58% apresentam 15 anos ou mais de escolaridade (correspondente ao nível superior de escolarização). A maior proporção (32,88%) é de indivíduos que apresentam entre quatro e sete anos de escolaridade, equivalente ao primeiro grau incompleto.

Para o Brasil, pode-se afirmar que a expansão do sistema público de ensino, aliado às mudanças demográficas da sociedade brasileira ocorridas recentemente, foram os fatores responsáveis pela quase universalização do acesso ao ensino fundamental, correspondente aos níveis básicos de educação. Isso também fica evidente quando se observa o forte decréscimo da taxa de analfabetismo no país, que caiu de 33,6% em 1970 para 14,7% em 1996 (VALLE SILVA e HASENBALG, 2000).

TABELA 10

Distribuição dos indivíduos por faixa de escolaridade para a amostra dos dias de semana da Pesquisa dos Usos do Tempo em BH (2001)

Escolaridade dicotômica	(n)	(%)
Possui ensino secundário completo	305	53,2
Não possui ensino secundário completo	268	46,8
Todos	573	100

Fonte: Pesquisa dos Usos do Tempo em BH (2001)

TABELA 11

Distribuição dos indivíduos por faixa de escolaridade para a amostra dos dias de fim de semana da Pesquisa dos Usos do Tempo em BH (2001)

Escolaridade dicotômica	(n)	(%)
Possui ensino secundário completo	302	52,5
Não possui ensino secundário completo	273	47,5
Todos indivíduos	575	100

Fonte: Pesquisa dos Usos do Tempo em BH (2001)

TABELA 12

Distribuição das pessoas residentes com 10 anos de idade ou mais em Belo Horizonte no ano 2001 por grau de instrução (anos de escolaridade)

Grau de instrução	(n)	(%)
analfabeto ou com menos de 1 ano de escolaridade	79.967	4,26
de 1 ano a 3 de escolaridade	190.636	10,16
de 4 a 7 anos de escolaridade	616.916	32,88
de 8 a 10 anos de escolaridade	343.935	18,33
de 11 a 14 anos de escolaridade	446.330	23,79
15 anos de escolaridade ou mais	198.444	10,58
Total	1.876.228	100

Fonte: IBGE, Resultados da Amostra do Censo Demográfico 2000.

Quanto à distribuição dos indivíduos de acordo com o número de ocupações remuneradas que se exerce (TAB.13 e 14), a maioria dos indivíduos (cerca de 89%) realizam apenas uma ocupação enquanto que cerca de 11% deles realizam mais de uma.

TABELA 13

Distribuição dos indivíduos por número de ocupações remuneradas exercidas para a amostra dos dias de semana da Pesquisa dos Usos do Tempo em BH (2001)

Número de atividade remuneradas	(n)	(%)
Exerce apenas uma atividade remunerada	508	89
Exerce mais de uma atividade remunerada	63	11
Todos	571	100

Fonte: Pesquisa dos Usos do Tempo em BH (2001)

TABELA 14

Distribuição dos indivíduos por número de ocupações remuneradas exercidas para a amostra dos dias de fim de semana da Pesquisa dos Usos do Tempo em BH (2001)

Número de atividade remuneradas	(n)	(%)
Exerce apenas uma atividade remunerada	509	88,5
Exerce mais de uma atividade remunerada	66	11,5
Todos indivíduos	575	100

Fonte: Pesquisa dos Usos do Tempo em BH (2001)

Quanto ao tipo de vínculo empregatício que configura a ocupação principal, as TAB.15 e 16 indicam que há menos trabalhadores formais (aproximadamente 47% de cada amostra) do que trabalhadores informais (correspondentes a cerca de 53% de cada amostra). A respeito da abrangência do trabalho formal no que tange ao Brasil (TAB.17), em 1999 havia uma proporção de 56,1% de trabalhadores com carteira assinada e 43,88% de trabalhadores informais. No entanto, somente duas (Sul e Sudeste) das cinco regiões apresentam a mesma tendência de prevalência de trabalhadores formais. Nas demais regiões (Norte-urbana, Nordeste, Centro-oeste) prevalecem os trabalhadores informais em relação àqueles formalizados, o que justifica a idéia de que o Brasil é um país que apresenta fortes desigualdades regionais quanto às oportunidades no mercado de trabalho e a abrangência da informalidade.

TABELA 15

Distribuição dos indivíduos de acordo com a formalidade da ocupação principal para a amostra dos dias de semana da Pesquisa dos Usos do Tempo em BH (2001)

Formalidade da ocupação principal	(n)	(%)
Possui vínculo formal na ocupação principal	262	47,5
Não possui vínculo formal na ocupação principal	289	52,5
Todos	551	100

Fonte: Pesquisa dos Usos do Tempo em BH (2001)

TABELA 16

Distribuição dos indivíduos de acordo com a formalidade da ocupação principal para a amostra dos dias de fim de semana da Pesquisa dos Usos do Tempo em BH (2001)

Formalidade da ocupação principal	(n)	(%)
Possui vínculo formal na ocupação principal	263	47,5
Não possui vínculo formal na ocupação principal	291	52,5
Todos indivíduos	554	100

Fonte: Pesquisa dos Usos do Tempo em BH (2001)

TABELA 17

Trabalho com carteira assinada no Brasil e nas grandes regiões em 1999

Grandes regiões	Trabalhadores formais		Trabalhadores informais		Total*	
	(n)	(%)	(n)	(%)	(n)	(%)
Norte urbana	572.313	38,73	905.373	61,27	1.477.686	100
Nordeste	3.162.486	39,02	4.942.259	60,97	8.105.757	100
Sudeste	11.863.317	63,23	6.891.363	36,73	18.761.913	100
Sul	4.034.996	65,58	2.116.906	34,41	6.152.468	100
Centro-oeste	1.343.480	46,81	1.526.431	53,19	2.869.911	100
Brasil	20.984.263	56,10	16.414.250	43,88	37.407.324	100

Fonte: IBGE. PNAD. (Elaboração: DIEESE/2000-2001).

Nota: * Inclusive as pessoas sem declaração.

Obs: - Não incluída a população da zona rural de Rondônia, Acre, Amazonas, Roraima, Pará e Amapá;

- Excluídos os militares e estatutários.

No que diz respeito à situação na ocupação principal, há um número menor de respostas, já que alguns indivíduos não forneceram adequadamente a informação ou simplesmente não responderam. De acordo as TAB.18 e TAB.19 há 4% de empregadores, 29,6% de trabalhadores por conta-própria e 66,4% de empregados.

Segundo as informações da TAB.20, em 1999 o Brasil apresentava uma força de trabalho composta majoritariamente por trabalhadores empregados (58,79%), seguido pelo grupo de trabalhadores por conta-própria (23,18%) e pelo grupo de trabalhadores não remunerados (13,95%). Já os empregadores compunham o menor grupo da força de trabalho (4,08%). A distribuição de acordo com a situação na ocupação principal, no caso da Pesquisa de Usos do Tempo em BH (2001), está muito próxima à distribuição da mesma variável para a população brasileira mesmo tendo em vista, contudo, a exclusão dos trabalhadores não remunerados, os quais foram excluídos do escopo deste estudo.

TABELA18

Distribuição dos indivíduos de acordo com a situação na ocupação principal para a amostra dos dias de semana da Pesquisa dos Usos do Tempo em BH (2001)

Situação na ocupação	(n)	(%)
Empregador	22	4
Conta-própria	161	29,6
Empregado	361	66,4
Todos	544	100

Fonte: Pesquisa dos Usos do Tempo em BH (2001)

TABELA 19

Distribuição dos indivíduos de acordo com a situação na ocupação principal para a amostra dos dias de fim de semana da Pesquisa dos Usos do Tempo em BH (2001)

Situação na ocupação principal	(n)	(%)
Empregador	22	4
Conta-própria	161	29,6
Empregado	362	66,4
Todos indivíduos	545	100

Fonte: Pesquisa dos Usos do Tempo em BH (2001)

TABELA 20

Estrutura da ocupação no Brasil em 1999

Posição na ocupação	(n)	(%)
Empregados	42.140.273	58,79
Trabalhadores por conta própria	16.614.739	23,18
Empregadores	2.921.594	4,08
Outros*	9.998.504	13,95
Total	71.675.110	100,00

Fonte: IBGE. PNAD. (Elaboração: DIEESE/2000-2001).

* Trabalhadores não remunerados, trabalhadores na produção para o próprio consumo e trabalhadores na construção para o próprio uso.

As TAB.21 e TAB.22, por sua vez, apresentam a distribuição dos indivíduos de acordo com a natureza da ocupação principal. Há cerca de 43% de trabalhadores manuais enquanto que os trabalhadores não-manuais correspondem a 57% das amostras.

TABELA 21

Distribuição dos indivíduos de acordo com a natureza da ocupação principal para a amostra dos dias de semana da Pesquisa dos Usos do Tempo em BH (2001)

Natureza da ocupação	(n)	(%)
Manual	247	43,1
Não-manual	326	56,9
Todos indivíduos	573	100

Fonte: Pesquisa dos Usos do Tempo em BH (2001)

* Os trabalhadores rurais foram excluídos das amostras

TABELA 22

Distribuição dos indivíduos de acordo com a natureza da ocupação principal para a amostra dos dias de fim de semana da Pesquisa dos Usos do Tempo em BH (2001)

Natureza	(n)	(%)
Manual	250	43,4
Não-manual	326	56,6
Todos indivíduos	576	100

Fonte: Pesquisa dos Usos do Tempo em BH (2001)

* Os trabalhadores rurais foram excluídos das amostras.

5.1.2 Descrição das médias de tempo

A TAB.23 apresenta as médias de tempo de trabalho remunerado (definição no Quadro 1 da seção 4.4.1) em dias de semana e em dias de fim de semana de acordo com as variáveis independentes relacionadas às características da força de trabalho. Quando se leva em conta todos os indivíduos de cada amostra, a média para um dia de semana é de 437 min. (7,28 horas) e a média para um dia de fim de semana é de 155 min. (2,58 horas).

Entre aqueles que possuem ensino secundário completo, o dispêndio com tempo de trabalho remunerado é de 440 min. (7,3 horas). enquanto que para aqueles que não possuem o ensino secundário completo o tempo é de 435 min. (7,25 horas). Em um dia de fim de semana a situação se inverte, já que os menos escolarizados apresentam uma média de tempo maior (192 min ou 3,2 horas) do que os mais escolarizados (122 min. ou 2,03 horas). Isso demonstra que, pelo menos no que diz respeito a um dia de fim de semana, os indivíduos mais escolarizados se dedicam menos às atividades de trabalho remunerado, liberando este período de tempo para a realização de outros de tipos de atividades.

Aqueles que declararam exercer apenas uma atividade remunerada despendem menos tempo neste mesmo conjunto de atividades em um dia de semana (435 min. ou 7,25 horas) do que aqueles que declararam exercer mais de uma atividade remunerada (465 min. ou 7,75 horas). Como é possível perceber, a relação se inverte em um dia de fim de semana, indicando que aqueles que exercem apenas uma ocupação acabam, em média, trabalhando um pouco mais do que grupo daqueles que exercem mais de uma atividade remunerada (158 min. ou 2,63 horas e 136 min. ou 2,26 horas, respectivamente).

Quanto ao tipo de vínculo da ocupação principal, os indivíduos que possuem carteira assinada na ocupação principal despendem uma quantidade maior de tempo de trabalho remunerado (459 min. 7,65 horas) do que os indivíduos que possuem vínculo informal (421 min. ou 7,02 horas) quando se leva em conta um dia de semana. Em um dia de fim de semana a situação se inverte, já que o segundo grupo apresenta uma média de 163 min. (2,72 horas) enquanto que o primeiro apresenta uma média de 142 min. (2,36 horas).

Quanto à situação na ocupação principal, aqueles que são empregados apresentam a maior média de dedicação às atividades de tempo de trabalho remunerado em um dia de semana (453 min. ou 7,55 horas), seguido pelos trabalhadores por conta-própria (429 min. ou 7,15 horas) e pelos empregadores (400 min. ou 6,66 horas). Em um dia de fim de semana esta ordem se inverte totalmente, já que os empregadores são os que trabalham mais (218 min. ou 3,63 horas), seguidos pelos trabalhadores por conta-própria (174 min. ou 2,9 horas), seguidos pelos empregados (148 min. ou 2,46 horas).

Quanto à natureza da ocupação principal, os trabalhadores não-manuais trabalham mais do que os trabalhadores manuais em um dia de semana (455 min. ou 7,58 horas e 414 min. 6,9 horas). Já em um dia de fim de semana, os trabalhadores não-manuais são aqueles que trabalham menos em relação aos manuais (145 min. ou 2,42 horas e 169 min. ou 2,82 horas, respectivamente).

TABELA 23

Médias diárias (min.) das atividades de Tempo de Trabalho Remunerado incluindo todos os indivíduos de cada amostra (dos dias de semana e dos dias de fim de semana) da Pesquisa dos Usos do Tempo em BH (2001)

Variáveis independentes		Médias diárias de Tempo Contratado (min.)	
		Dias de semana	Dias de fim de semana
Escolaridade	Possui ensino secundário completo	440	122
	Não possui ensino secundário completo	435	192
Número de ocupações remuneradas	Exerce apenas uma atividade remunerada	435	158
	Exerce mais de uma atividade remunerada	465	136
Vínculo da ocupação principal	Possui vínculo formal na ocupação principal	459	142
	Não possui vínculo formal na ocupação principal	421	163
Situação na ocupação principal	empregador	400	218
	conta-própria	429	174
	empregado	453	148
Natureza da ocupação principal	Manual	414	169
	Não-manual	455	145
Todos		437	155
(n)		573	575

Fonte: Pesquisa dos Usos do Tempo em BH (2001)

Observações:

- As médias foram calculadas levando-se em conta todos os indivíduos em cada amostra, inclusive aqueles que não despenderam tempo algum na atividade diária em questão.
- Os trabalhadores rurais foram excluídos das amostras

A TAB.24 a seguir apresenta as médias de tempo livre (definição no QUADRO 1 da seção 4.4.1) também sobre um dia de semana e sobre um dia de fim de semana de acordo com as variáveis independentes relacionadas às características da força de trabalho. Quanto à média relativa a todos os indivíduos de cada amostra, a média para um dia de semana é de 178 min. (2,97 horas) e para um dia de fim de semana é de 381 min. (6,35 horas). Quando se leva em conta os dados das TAB.23 e TAB.24, pode-se afirmar que os dias de semana são mesmo aqueles nos quais a dedicação se volta prioritariamente às atividades de trabalho remunerado enquanto que as atividades de tempo livre, apesar de estarem presentes também nos dias de semana, apresentam uma maior dedicação por parte dos indivíduos nos dias de fim de semana, quando o tempo de trabalho sofre um acentuado decréscimo.

Entre aqueles que possuem ensino secundário completo, a quantidade de tempo livre despendido em um dia de semana é muito próxima à daqueles que não possuem o ensino secundário completo (179 min. ou 2,98 horas e 177 min. ou 2,95 horas, respectivamente). Em um dia de fim de semana a diferença entre os dois grupos aumenta, já que os menos escolarizados apresentam uma média de tempo menor do que os mais escolarizados (364 min. ou 6,07 horas e 396 min. ou 6,6 horas, respectivamente).

Aqueles que declararam exercer apenas uma atividade remunerada despendem mais tempo livre (179 min. ou 2,98 horas) em um dia de semana do que aqueles que declararam exercer mais de uma atividade remunerada (169 min. ou 2,82 horas). Em um dia de fim de semana o primeiro grupo também supera o segundo com relação a este conjunto de atividades, sendo que aqueles que exercem apenas uma atividade remunerada dedicam 382 min. (6,36 horas) enquanto que aqueles que exercem mais de uma atividade

remunerada dedicam 369 min. (6,15 horas). Ou seja, a diferença entre os grupos cresce quando se leva em conta os dias de fim de semana em relação aos dias de semana, privilegiando aqueles que trabalham em apenas uma atividade remunerada.

Quanto ao tipo de vínculo da ocupação principal, o grupo de trabalhadores formais apresenta médias de tempo livre menores do que o grupo de trabalhadores informais nos dois períodos da semana. Os indivíduos que possuem vínculo formal na ocupação principal despendem, em média, 163 min. (2,72 horas) de tempo de trabalho remunerado em um dia de semana e os indivíduos que possuem vínculo informal despendem 186 min. (3,1 horas) no mesmo período. Em um dia de fim de semana o primeiro grupo apresenta uma média de 365 min. (6,08 horas) enquanto que o segundo grupo apresenta uma média de 393 min. (6,55 horas).

Quanto à situação na ocupação principal, aqueles que são empregadores apresentam a maior média de dedicação às atividades de tempo livre em um dia de semana (254 min. ou 4,23 horas), seguido pelos trabalhadores por conta-própria (171 min. ou 2,85 horas) e pelos empregados (170 min. ou 2,83 horas). Em um dia de fim de semana são também os empregadores aqueles indivíduos que apresentam a maior média de tempo livre (411 min. ou 6,85 horas), seguidos pelos trabalhadores por conta-própria (379 min. ou 6,32 horas) e pelos empregados (376 min. ou 6,27 horas).

Quanto à natureza da ocupação principal, os trabalhadores manuais se dedicam mais às atividades de tempo livre do que os trabalhadores não-

manuais em um dia de semana (185 min. ou 3,08 horas e 173 min. 2,88 horas). Já em um dia de fim de semana, os trabalhadores não-manuais são os que se dedicam mais ao mesmo conjunto de atividades em comparação com os trabalhadores manuais (392 min. ou 6,53 horas e 366 min. ou 6,1 horas, respectivamente), ocorrendo uma inversão entre os dois períodos da semana.

TABELA 24

Médias diárias (min.) das atividades de Tempo Livre incluindo todos os indivíduos de cada amostra (dos dias de semana e dos dias de fim de semana) da Pesquisa dos Usos do Tempo em BH (2001)

Variáveis independentes		Médias diárias de Tempo Livre (min.)	
		Dias de semana	Dias de fim de semana
Escolaridade	Possui ensino secundário completo	179	396
	Não possui ensino secundário completo	177	364
Número de ocupações remuneradas	Exerce apenas uma atividade remunerada	179	382
	Exerce mais de uma atividade remunerada	169	369
Vínculo da ocupação principal	Possui vínculo formal na ocupação principal	163	365
	Não possui vínculo formal na ocupação principal	186	393
Situação na ocupação principal	empregador	254	411
	conta-própria	171	379
	empregado	170	376
Natureza da ocupação principal	Manual	185	366
	Não-manual	173	392
Todos indivíduos		178	381
(n)		573	575

Fonte: Pesquisa dos Usos do Tempo em BH (2001)

Observações:

- As médias foram calculadas levando-se em conta todos os indivíduos em cada amostra, inclusive aqueles que não despenderam tempo algum na atividade diária em questão.
- Os trabalhadores rurais foram excluídos das amostras

5.1.3 Análise do Modelo 1

A análise dos resultados dos modelos seguirá o seguinte padrão: primeiramente, é apresentada a matriz de correlação entre as variáveis de cada modelo com o intuito de identificar se há colinearidade entre as mesmas. Em segundo lugar, são apresentadas informações sobre os quartis da variável dependente utilizados no cálculo da regressão quantílica. Por último, são analisadas as tabelas com os coeficientes da regressão linear e quantílica.

Como apresentado na seção 4.5, o Modelo 1 corresponde à análise da variável dependente “logaritmo do tempo de trabalho remunerado em um dia de semana” para amostra da Pesquisa de Usos do Tempo em BH (2001). A TAB.25 apresenta a correlação entre as variáveis inclusas neste modelo. Não há colinearidade entre as variáveis independentes. As variáveis que registram o sexo e a natureza da ocupação principal do indivíduo foram as que apresentaram maior correlação com a variável dependente.

A TAB. 26 apresenta, por seu turno, as informações sobre os quartis utilizados no cálculo da regressão quantílica para o Modelo 1. O valor mínimo registrado na variável dependente em questão foi igual a 0 e o valor máximo foi igual a 997 min. (16,62 horas). Os indivíduos que se encontram no primeiro quartil (.25) trabalharam até 330 min. (5,5 horas) em um dia de semana. A mediana, por sua vez, corresponde a 480 min., ou seja, as 8 horas típicas da jornada de trabalho diária. O terceiro quartil (.75) corresponde àqueles indivíduos que trabalharam até 574 min. (ou 9,57 horas) e o último quartil (.95) corresponde àqueles que trabalharam até 760 min. (12,7 horas) em um dia de semana.

TABELA 25

Matriz de Correlações - MODELO 1 (var. dependente = logn tempo de trabalho remunerado em um dia de semana)											
Variáveis	sexo	idade	idade2	escolaridade	formalidade	no. de ocupações	empregador	conta própria	empregado	não-manual	logn tempo de trabalho remunerado (Seg-Sex)
sexo	1,000	0,010	0,016	-0,099	-0,003	0,114	0,057	0,057	-0,024	-0,026	0,144
idade	0,010	1,000	0,363	-0,101	-0,134	-0,094	0,008	0,168	-0,168	-0,070	0,047
idade2	0,016	0,363	1,000	-0,017	-0,110	0,006	-0,018	0,027	-0,026	0,052	-0,030
escolaridade	-0,099	-0,101	-0,017	1,000	0,088	-0,125	0,086	-0,110	0,037	0,490	0,057
formalidade	-0,003	-0,134	-0,110	0,088	1,000	0,030	-	-0,491	0,535	0,084	0,062
no. de ocupações	0,114	-0,094	0,006	-0,125	0,030	1,000	0,031	-0,026	0,038	-0,108	-0,024
empregador	0,057	0,008	-0,018	0,086	-	0,031	1,000	-0,123	-0,258	0,172	-0,052
conta própria	0,057	0,168	0,027	-0,110	-0,491	-0,026	-0,123	1,000	-0,816	-0,158	-0,049
empregado	-0,024	-0,168	-0,026	0,037	0,535	0,038	-0,258	-0,816	1,000	0,069	0,074
não-manual	-0,026	-0,070	0,052	0,490	0,084	-0,108	0,172	-0,158	0,069	1,000	0,104
logn tempo de trabalho remunerado (Seg-Sex)	0,144	0,047	-0,030	0,057	0,062	-0,024	-0,052	-0,049	0,074	0,104	1,000
Fonte: Pesquisa dos Usos do Tempo em BH (2001)											
* Colinearidade = Coeficiente de Pearson > 0,8											

TABELA 26

Informações sobre a variável "Tempo de Trabalho Remunerado" da amostra dos dias semana da Pesquisa dos Usos do Tempo em BH (2001) por quartil (Modelo 1)

Quartil	Médias por quartil (min.)	Valor máximo em cada quartil (min.)
.25	117	330
.50	274	480
.75	356	574
.95	417	760

Valor Mínimo = 0
Valor Máximo = 997
Mediana = 480
N= 573

Fonte: Pesquisa dos Usos do Tempo em BH (2001)

A TAB.27 apresenta os coeficientes e as informações sobre o Modelo 1³⁶. A única variável independente³⁷ que apresentou efeito significativo com base no modelo linear foi o vínculo formal na ocupação principal. Aqueles indivíduos que possuem carteira assinada no trabalho tendem a despendar 14,8%³⁸ a mais de tempo de trabalho remunerado em um dia de semana em relação àqueles que não possuem vínculo informal.

Quando se leva em conta os coeficientes da regressão quantílica, o vínculo formal apresenta efeito significativo no primeiro, segundo e último quartil. Entre

³⁶ No que diz respeito ao método de regressão linear, como a variável dependente do modelo foi transformada através do cálculo do logaritmo natural, o valor real (em minutos) da constante deve ser adquirido calculando-se o exponencial do valor apresentado na tabela utilizando-se a fórmula: $\text{Exp}(\alpha)$. A constante da regressão linear do Modelo 1, por exemplo, pode ser calculada assim: $\text{Exp}(-11,6533) = 0,00000869$ min. Contudo, não está claro o que este valor significa no caso dos modelos lineares calculados neste estudo, já que nos mesmos foram incluídos algumas variáveis controle (ver seção 4.5) para resolver o problema da distribuição assimétrica da variável dependente. Desta forma, como a constante do modelo linear é afetada pelos ajustes realizados, elas não podem ser examinadas da forma como se faz comumente.

³⁷ As variáveis independentes designadas como fator de controle dos modelos (sexo, idade e idade2) não serão alvo da análise, já que não foram incluídas no objeto de estudo nem nas hipóteses.

³⁸ Os incrementos percentuais foram calculados através da chamada "taxa simples": $b \times 100$.

aqueles que trabalharam até 330 min. (5,5 horas – primeiro quartil) o efeito desta variável é positivo, revelando um impacto de 20,14% a mais de tempo dedicado à atividade. Entre aqueles que trabalharam até 480 min. (8 horas diárias – segundo quartil), o efeito é mais significativo, contudo, o impacto positivo é menor (15%) do que no primeiro quartil. Já entre aqueles que trabalharam até 574 min. (9,57 horas – terceiro quartil) horas em um dia de semana, o impacto da formalidade se torna negativo, sendo de -11,53% a menos sobre o tempo de trabalho remunerado.

Isso demonstra que o vínculo formal pressiona a variável dependente de forma que os trabalhadores formalizados tendem a trabalhar mais do que os informais quando se leva em conta aqueles que trabalham menos. À medida que o dispêndio com tempo de trabalho remunerado aumenta, o vínculo formal exerce uma pressão inversa, ao impactar negativamente sobre o dispêndio de tempo na atividade em questão. Isso indica que esta variável independente é responsável por aproximar a jornada diária de trabalho às 8 horas determinadas pela legislação vigente no Brasil.

A variável correspondente à escolaridade, por sua vez, apresenta efeito significativo apenas entre aqueles que trabalharam até 12,7 horas em um dia de semana (quartil .95). O impacto dela é negativo, correspondente a 10,97% a menos de tempo de dedicação à atividade por parte dos mais escolarizados em relação aos menos escolarizados. Já o efeito da variável relativa ao exercício de apenas uma atividade remunerada revela também um impacto negativo, sobre a variável dependente, correspondente a -11,19% entre aqueles que trabalharam até 8 horas (quartil .50) e -13,44 entre aqueles que trabalharam até 9,57 (quartil .75) em um dia de semana em relação àqueles que exercem mais de uma atividade remunerada, revelando que entre aqueles que trabalham entre 8 e 10 horas diárias, os que exercem mais de uma ocupação

tendem a trabalhar mais tempo em relação aos que exercem apenas um ocupação.

Quanto ao efeito da natureza da ocupação sobre a variável dependente, o fato de se exercer uma ocupação não-manual gera um impacto positivo que decresce ao longo da distribuição do tempo de trabalho remunerado. Entre aqueles que trabalham até 5,5 horas (primeiro quartil), o impacto se revela maior (24,79%) do que entre aqueles que trabalham até 9,57 horas (impacto de 8,42%) e até 12,7 horas (impacto de 10,06%). Isso permite afirmar que os trabalhadores manuais, como foi discutido no marco teórico deste estudo, correspondem ao conjunto de trabalhadores que são mais valorizados no contexto do capitalismo contemporâneo, mesmo quando se leva em consideração um país em desenvolvimento como o Brasil. Eles, portanto, têm mais chances de alocação no mercado de trabalho em áreas urbanas e, portanto, tendem a despender mais tempo em atividades de trabalho remunerado em um dia de semana.

TABELA 27

Resultados dos modelos das regressão linear e quantílica para a variável dependente "logaritmo natural do tempo de trabalho remunerado em um dia de semana" (min.) para a amostra da Pesquisa dos Usos do Tempo em BH (2001)

MODELO 1	RMQO	RQ	RQ	RQ	RQ
		.25	.50	.75	.95
	b	b	b	b	b
Constante	-11,63483*	5,39321*	6,093234*	6,415482*	6,722131*
R ²	0,9965	-	-	-	-
Pseudo R ²	-	0,0123	0,0065	0,0079	0,0178
N	577				
<i>Variáveis de controle</i>					
Sexo (masculino=1)	0,123181*	0,4056132*	0,1744077*	0,1163571*	0,0549895
Idade centralizada	-0,0007037	0,005886	0,0020965	0,0032897**	0,00245
idade centralizada ao quadrado	0,0001501	-0,0003043	-0,0000891	-0,000215**	-0,0000825
Quem realizou tempo contratado no dia	17,4998*	-	-	-	-
Outliers do tempo contratado	0,5399212*	-	-	-	-
<i>Variáveis independentes</i>					
Possui ensino secundário completo	0,000446	0,0250966	-0,0275448	-0,0490668	-0,1097587**
Possui Vínculo formal na ocupação principal	0,1479575*	0,2013775***	0,1498009*	0,0113603	-0,1153031***
Exerce apenas uma ocupação remunerada	-0,0104925	-0,0173871	-0,1149528***	-0,1344607**	-0,1531709
Situação na ocupação principal: empregador	0,040941	-0,801289	-0,0662599	-0,0784473	0,078493
Situação na ocupação principal: conta própria	0,0266861	-0,1330446	0,0129407	-0,0006557	0,0627274
Natureza da ocupação principal: não-manual	0,0018015	0,2479791**	0,0187892	0,084293**	0,10062***

Fonte: Pesquisa dos Usos do Tempo em BH (2001)

* Significância a 0,01

** Significância a 0,05

*** Significância a 0,10

Observações:

- Variável dependente: logaritmo natural do tempo de trabalho remunerado em um dia de semana para a amostra da Pesquisa dos Usos do Tempo em BH (2001)

- Categoria de referência da situação na ocupação principal: empregado

- Os trabalhadores rurais foram excluídos das amostras,

5.1.4 Análise do Modelo 2

O Modelo 2 (TAB.29) corresponde à análise da variável dependente “logaritmo do tempo de trabalho remunerado em um dia de fim de semana” para amostra da Pesquisa de Usos do Tempo em BH (2001). A TAB.28 apresenta a correlação entre as variáveis inclusas neste modelo. Não houve o registro de colinearidade entre as variáveis independentes. As variáveis que registram a escolaridade e a situação de empregado na ocupação principal foram as que apresentaram maior correlação com a variável dependente.

A TAB. 29 apresenta, por seu turno, as informações sobre os quartis utilizados no cálculo da regressão quantílica para o Modelo 2. O valor mínimo registrado na variável dependente em questão foi igual a 0 e o valor máximo foi igual a 1.090 min. (18,17 horas). Pelo fato de a maioria dos indivíduos inclusos na amostra dos dias de fim de semana não terem registrado tempo de trabalho remunerado, a distribuição da variável dependente destoa, nesse caso, das demais. Assim, a maioria dos indivíduos está inclusa entre aqueles que trabalharam até 300 min. (5 horas), os quais fazem parte do terceiro quartil (.75). Os indivíduos que se encontram no último quartil, por sua vez, trabalharam até 660 min. (11 horas) A mediana, nesta caso, é igual a 0, pelos mesmo motivos já explicitados quanto à distribuição da variável dependente.

TABELA 28

Matriz de Correlações - MODELO 2 (var. dependente = logn tempo de trabalho remunerado em um dia de fim de semana)											
Variáveis	sexo	idade	idade2	escolaridade	formalidade	no. de ocupações	empregador	conta própria	empregado	não-manual	logn tempo de trabalho remunerado (Sab/Dom)
sexo	1,000	0,009	0,013	-0,109	0,081	0,006	0,056	0,051	-0,015	-0,035	0,052
idade	0,009	1,000	0,376	-0,101	-0,077	-0,136	0,010	0,167	-0,166	-0,066	-0,013
idade2	0,013	0,376	1,000	-0,010	0,018	-0,110	-0,016	0,029	-0,028	0,061	-0,060
escolaridade	-0,109	-0,101	-0,010	1,000	-0,095	0,079	0,088	-0,106	0,035	0,500	-0,144
formalidade	0,081	-0,077	0,018	-0,095	1,000	0,010	0,034	-0,015	0,022	-0,074	0,021
no. de ocupações	0,006	-0,136	-0,110	0,079	0,010	1,000	-	-0,492	0,539	0,076	-0,072
empregador	0,056	0,010	-0,016	0,088	0,034	-	1,000	-0,123	-0,257	0,173	0,076
conta própria	0,051	0,167	0,029	-0,106	-0,015	-0,492	-0,123	1,000	-0,814	-0,158	0,088
empregado	-0,015	-0,166	-0,028	0,035	0,022	0,539	-0,257	-0,814	1,000	0,065	-0,112
não-manual	-0,035	-0,066	0,061	0,500	-0,074	0,076	0,173	-0,158	0,065	1,000	-0,067
logn tempo de trabalho remunerado (Sab/Dom)	0,052	-0,013	-0,060	-0,144	0,021	-0,072	0,076	0,088	-0,112	-0,067	1,000
Fonte: Pesquisa dos Usos do Tempo em BH (2001)											
* Colinearidade = Coeficiente de Pearson > 0,8											

TABELA 29

Informações sobre a variável "Tempo de Trabalho Remunerado" da amostra dos dias de fim de semana da Pesquisa dos Usos do Tempo em BH (2001) por quantil (Modelo 2)

Decis	Médias por quartil (min.)	Valor máximo em cada quartil (min.)
.75	29	300
.95	123	660

Valor Mínimo = 0
Valor Máximo = 1.090
Mediana = 0
N= 575

Fonte: Pesquisa dos Usos do Tempo em BH (2001)

A TAB.30 apresenta os coeficientes e informações sobre o Modelo 2. Dentre as variáveis dependentes incluídas no modelo linear, apenas as variáveis de controle é que revelaram coeficientes significativos. Quanto aos resultados da regressão quantílica, a escolaridade apresenta um impacto negativo bastante intenso (-103,95%) no sentido de conter o tempo dedicado à atividade em questão entre aqueles que trabalharam até 5 horas (quartil .75) em um dia de fim de semana. Além da escolaridade do indivíduo, a qual exerce um papel de restringir o tempo de dedicação ao trabalho remunerado em um dia de semana, a situação de empregador na ocupação principal também revela o mesmo comportamento, contudo, menos intenso que a primeira variável. Entre os indivíduos que trabalharam até 11 horas em um dia de fim de semana (quartil .95), os empregadores tendem a dedicar-se 22,31% a menos de tempo à atividade em questão em comparação com os empregados. Portanto, a posse dos meios de produção confere aos empregadores algum grau de privilégio com relação aos trabalhadores no que diz respeito aos dias de fim de semana.

Por fim, os indivíduos que exercem apenas uma ocupação remunerada tendem a dedicar 18,34% de tempo a mais do que os indivíduos que realizam mais de uma ocupação remunerada, levando-se em conta os indivíduos que trabalham até 11 horas (quartil .95). Isso demonstra que os indivíduos que possuem apenas uma ocupação remunerada têm que trabalhar também no fim de semana, principalmente nos dias de sábado (dia de transição entre os dias úteis e os dias de descanso).

TABELA 30

Resultados dos modelos de regressão linear e quântica para a variável dependente "logaritmo natural do tempo de trabalho remunerado em um dia de fim de semana" (min.) para a amostra da Pesquisa dos Usos do Tempo em BH (2001)

MODELO 2	RMQO	RQ	RQ
		.75	.95
	b	b	b
Constante	-11,47176*	6,079077*	6,433554*
R ²	0,9980	-	-
Pseudo R ²	-	0,0063	0,0049
N	579		
<i>Variáveis de controle</i>			
Sexo (masculino=1)	-0,0069987	-0,0107757	-0,0258176
Idade centralizada	-0,0034907**	-0,0081627	0,0001938
idade centralizada ao quadrado	0,0000725	-0,0005689	-0,0004547***
Quem realizou tempo contratado no dia	17,37675*	-	-
Outliers do tempo contratado	1,00232*	-	-
<i>Variáveis independentes</i>			
Possui ensino secundário completo	-0,0539855	-1,039597*	-0,1499406
Possui Vínculo formal na ocupação principal	0,0436843	-0,0018827	-0,116655
Exerce apenas uma ocupação remunerada	-0,0499057	-0,1675023	0,1834674**
Situação na ocupação principal: empregador	0,0110161	0,7129395	-0,2231901***
Situação na ocupação principal: conta própria	-0,0488639	0,0781303	0,101387
Natureza da ocupação principal: não-manual	0,0317018	0,1110588	0,1666948

Fonte: Pesquisa dos Usos do Tempo em BH (2001)

* Significância a 0,01

** Significância a 0,05

*** Significância a 0,10

Observações:

- Variável dependente: logaritmo natural do tempo de trabalho remunerado em um dia de fim de semana para a amostra da Pesquisa dos Usos do Tempo em BH (2001)

- Categoria de referência da situação na ocupação principal: empregado

- Os trabalhadores rurais foram excluídos das amostras,

5.1.5 Análise do Modelo 3

O Modelo 3 corresponde à análise da variável dependente “logaritmo do tempo livre em um dia de semana” para amostra da Pesquisa de Usos do Tempo em BH (2001). A TAB.31 apresenta a correlação entre as variáveis inclusas neste modelo. Como é possível observar, não há colinearidade entre as variáveis independentes. Por sua vez, a variável que registra a idade indivíduo foi a que apresentou maior correlação com a variável dependente.

A TAB. 32 apresenta, por seu turno, as informações sobre os quartis utilizados no cálculo da regressão quantílica para o Modelo 3. O valor mínimo registrado na variável dependente em questão foi igual a 0 e o valor máximo foi igual a 900 min. (15 horas). Os indivíduos que se encontram no primeiro quartil (.25) despenderam até 80 min. (1,33 horas) em atividades de tempo livre em um dia de semana. A mediana, por sua vez, corresponde a 153 min. (2,55 horas), o terceiro quartil (.75) corresponde àqueles indivíduos que despenderam até 240 min. (ou 4 horas) e o último quartil (.95) corresponde àqueles que despenderam até 450 min. (7,5 horas) em atividades de tempo livre em um dia de semana.

TABELA 31

Matriz de Correlações - MODELO 3 (var. dependente = logn tempo livre em um dia de semana)											
Variáveis	sexo	idade	idade2	escolaridade	formalidade	no. de ocupações	empregador	conta própria	empregado	não-manual	logn tempo livre (Seg-Sex)
sexo	1,000	0,010	0,016	-0,099	-0,003	0,114	0,057	0,057	-0,024	-0,026	-0,021
idade	0,010	1,000	0,363	-0,101	-0,134	-0,094	0,008	0,168	-0,168	-0,070	0,117
idade2	0,016	0,363	1,000	-0,017	-0,110	0,006	-0,018	0,027	-0,026	0,052	0,068
escolaridade	-0,099	-0,101	-0,017	1,000	0,088	-0,125	0,086	-0,110	0,037	0,490	0,008
formalidade	-0,003	-0,134	-0,110	0,088	1,000	0,030	-	-0,491	0,535	0,084	-0,063
no. de ocupações	0,114	-0,094	0,006	-0,125	0,030	1,000	0,031	-0,026	0,038	-0,108	0,022
empregador	0,057	0,008	-0,018	0,086	-	0,031	1,000	-0,123	-0,258	0,172	0,064
conta própria	0,057	0,168	0,027	-0,110	-0,491	-0,026	-0,123	1,000	-0,816	-0,158	-0,038
empregado	-0,024	-0,168	-0,026	0,037	0,535	0,038	-0,258	-0,816	1,000	0,069	-0,030
não-manual	-0,026	-0,070	0,052	0,490	0,084	-0,108	0,172	-0,158	0,069	1,000	-0,035
logn tempo livre (Seg-Sex)	-0,021	0,117	0,068	0,008	-0,063	0,022	0,064	-0,038	-0,030	-0,035	1,000
Fonte: Pesquisa dos Usos do Tempo em BH (2001)											
* Colinearidade = Coeficiente de Pearson > 0,8											

TABELA 32

Informações sobre a variável "Tempo Livre" da amostra dos dias semana da Pesquisa dos Usos do Tempo em BH (2001) por quantil (Modelo 3)

Decis	Médias por quartil (min.)	Valor máximo em cada quartil (min.)
.25	34	80
.50	75	153
.75	115	240
.95	158	450

Valor Mínimo = 0
Valor Máximo = 900
Mediana = 157
N= 573

Fonte: Pesquisa dos Usos do Tempo em BH (2001)

As informações da TAB.33, a qual apresenta os coeficientes do Modelo 3, demonstram que o modelo linear para a variável dependente "logaritmo do tempo livre em um dia de semana" não apresentou coeficientes significativos com relação às variáveis independentes relacionadas às características ocupacionais. Isso não é verdade, entretanto, quando se leva em conta os coeficientes da regressão quantílica. As variáveis que demonstraram possuir um impacto significativo foram a formalidade, a situação e a natureza da ocupação principal.

Entre os indivíduos que dispenderam até 2,55 horas (quartil .50) em atividades de tempo livre em um dia de semana, o impacto da formalidade do vínculo de trabalho é de -19,42%, muito próximo ao impacto sobre o tempo daqueles que dispenderam até 4 horas (quartil .75) nas mesmas atividades, que é de -19,62. Isso indica que os indivíduos formalizados experimentam mais restrições quanto ao tempo disponível para atividades de tempo livre. Como visto anteriormente, os formalizados são também aqueles indivíduos que tendem a trabalhar dentro da faixa legal de duração da jornada em um dia de

semana, qual seja, 8 horas. Levando-se em conta os demais blocos de tempo (“tempo pessoal” e “tempo comprometido” – QUADRO 1) e o limite de 24 horas diárias, inevitavelmente as atividades de tempo livre são aquelas mais facilmente dispensáveis.

Quanto à situação na ocupação principal, considerando-se os indivíduos que despenderam até 7,5 horas (quartil .95) em atividades de tempo livre em um dia de semana, os empregadores apresentam 33,15% a mais de tempo na dedicação a este grupo de atividades em comparação com os empregados. Quanto à outra categoria situacional, considerando-se os indivíduos que despenderam até 2,55 horas (quartil .50), o impacto relacionado ao fato do indivíduo ser um trabalhador por conta própria é de -19,27% sobre o dispêndio total de tempo livre em um dia de semana em comparação com um trabalhador que é empregado. Entre aqueles que despendem até 7,5 horas (quartil .75) em atividades de tempo livre, o impacto desta última variável sofre uma ligeira alteração, passando para -19,49%.

Esses dados indicam que os trabalhadores por conta própria correspondem ao grupo de indivíduos que sofrem maiores restrições quanto à realização de atividades de tempo livre em um dia de semana quando se leva em conta a situação na ocupação. Por outro lado, o grupo de indivíduos que são empregadores são os que têm maiores vantagens quando se trata da realização das atividades de tempo livre em um dia de semana.

No que diz respeito à natureza da ocupação principal, considerando-se os indivíduos que despenderam até 2,55 horas (quartil .50) em atividades de

tempo livre, o fato de ser trabalhador não-manual apresenta um impacto de -20,99% sobre o tempo de dedicação a este conjunto de atividades em um dia de semana.

TABELA 33

Resultados dos modelos das regressão linear e quantílica para a variável dependente "logaritmo natural do tempo livre em um dia de semana" (min.) para a amostra da Pesquisa dos Usos do Tempo em BH (2001)

MODELO 3	RMQO	RQ	RQ	RQ	RQ
		.25	.50	.75	.95
	b	b	b	b	b
Constante	-11,37427*	4,674468*	5,108103*	5,479611*	6,209935*
R ²	0,9682	-	-	-	-
Pseudo R ²	-	0,0087	0,0097	0,0152	0,0242
N	577				
<i>Variáveis de controle</i>					
Sexo (masculino=1)	-0,0177541	-0,1117608	-0,0025801	0,00627	0,2110005
Idade centralizada	0,003898	0,0191632**	0,0048771	0,0011887	-0,0044522
idade centralizada ao quadrado	0,000211	0,0000934	0,0005143	0,0005555**	0,0003217
Quem realizou tempo contratado no dia	16,40988*	-	-	-	-
Outliers do tempo contratado	1,561712*	-	-	-	-
<i>Variáveis independentes</i>					
Possui ensino secundário completo	0,0453376	-0,0137481	0,1458605	0,0729614	-0,0876068
Possui Vínculo formal na ocupação principal	-0,1057594	-0,220541	-0,1941562***	-0,1962498**	-0,1397852
Exerce apenas uma ocupação remunerada	0,0028422	-0,125193	0,0364139	0,0768311	-0,1833798
Situação na ocupação principal: empregador	0,2011454	0,1256877	0,0864587	0,3031128	0,3315434***
Situação na ocupação principal: conta própria	-0,1233437	-0,2623644	-0,1927098***	-0,1949422**	-0,0327341
Natureza da ocupação principal: não-manual	-0,0905214	0,0773279	-0,2099521***	-0,0860259	-0,0205078

Fonte: Pesquisa dos Usos do Tempo em BH (2001)

* Significância a 0,01

** Significância a 0,05

*** Significância a 0,10

Observações:

- Variável dependente: logaritmo natural do tempo livre em um dia de semana para a amostra da Pesquisa dos Usos do Tempo em BH (2001)
- Categoria de referência da situação na ocupação principal: empregado
- Os trabalhadores rurais foram excluídos das amostras,

5.1.6 Análise do Modelo 4

O Modelo 4 corresponde à análise da variável dependente “logaritmo do tempo livre em um dia de fim de semana” para amostra da Pesquisa de Usos do Tempo em BH (2001). A TAB.34 apresenta a correlação entre as variáveis inclusas neste modelo. Como é possível observar, não há colinearidade entre as variáveis independentes. O grau de correlação entre as variáveis independentes e a variável dependente é, no geral, baixo, sendo maior entre a variável situacional “conta própria” e a variável que registra a natureza da ocupação principal que o indivíduo exerce.

A TAB. 35 apresenta, por seu turno, as informações sobre os quartis utilizados no cálculo da regressão quantílica para o Modelo 4. O valor mínimo registrado na variável dependente em questão foi igual a 0 e o valor máximo foi igual a 1.299 min. (21,65 horas). Os indivíduos que se encontram no primeiro quartil (.25) despenderam até 220 min. (3,7 horas) em atividades de tempo livre em um dia de semana. A mediana, por sua vez, corresponde a 365 min. (6,08 horas), o terceiro quartil (.75) corresponde àqueles indivíduos que despenderam até 520 min. (ou 8,7 horas) e o último quartil (.95) corresponde àqueles que despenderam até 740 min. (12,3 horas) em atividades de tempo livre em um dia de semana.

TABELA 34

Matriz de Correlações - MODELO 4 (var. dependente = logn tempo livre em um dia de fim de semana)											
Variáveis	sexo	idade	idade2	escolaridade	formalidade	no. de ocupações	empregador	conta própria	empregado	não-manual	logn tempo livre (Sab/Dom)
sexo	1,000	0,009	0,013	-0,109	0,081	0,006	0,056	0,051	-0,015	-0,035	0,047
idade	0,009	1,000	0,376	-0,101	-0,077	-0,136	0,010	0,167	-0,166	-0,066	0,039
idade2	0,013	0,376	1,000	-0,010	0,018	-0,110	-0,016	0,029	-0,028	0,061	0,031
escolaridade	-0,109	-0,101	-0,010	1,000	-0,095	0,079	0,088	-0,106	0,035	0,500	0,000
formalidade	0,081	-0,077	0,018	-0,095	1,000	0,010	0,034	-0,015	0,022	-0,074	-0,021
no. de ocupações	0,006	-0,136	-0,110	0,079	0,010	1,000	-	-0,492	0,539	0,076	-0,020
empregador	0,056	0,010	-0,016	0,088	0,034	-	1,000	-0,123	-0,257	0,173	0,038
conta própria	0,051	0,167	0,029	-0,106	-0,015	-0,492	-0,123	1,000	-0,814	-0,158	-0,070
empregado	-0,015	-0,166	-0,028	0,035	0,022	0,539	-0,257	-0,814	1,000	0,065	0,051
não-manual	-0,035	-0,066	0,061	0,500	-0,074	0,076	0,173	-0,158	0,065	1,000	0,061
logn tempo livre (Sab/Dom)	0,047	0,039	0,031	0,000	-0,021	-0,020	0,038	-0,070	0,051	0,061	1,000
Fonte: Pesquisa dos Usos do Tempo em BH (2001)											
* Colinearidade = Coeficiente de Pearson > 0,8											

TABELA 35

Informações sobre a variável "Tempo Livre" da amostra dos dias de fim de semana da Pesquisa dos Usos do Tempo em BH (2001) por quartil (Modelo 4)

Decis	Médias por quartil (min.)	Valor máximo em cada quartil (min.)
.25	120	220
.50	207	365
.75	286	520
.95	356	740

Valor Mínimo = 0
 Valor Máximo = 1.299
 Mediana = 369
 N= 575

Fonte: Pesquisa dos Usos do Tempo em BH (2001)

A TAB.36 apresenta os resultados calculados de acordo com a variável dependente do Modelo 4. Dentre as variáveis independentes referentes às características ocupacionais, apenas a escolaridade apresentou resultado significativo no que diz respeito ao modelo linear. Aqueles indivíduos que possuem pelo menos o ensino secundário completo tendem a dedicar-se 20,5% a mais de tempo às atividades de tempo livre em um dia de fim de semana em comparação com os menos escolarizados.

Quanto aos resultados da regressão quantílica, um número maior de variáveis apresentou resultados significativos para o tempo livre em um dia de fim de semana. A escolaridade, por exemplo, demonstra ser mais importante entre aqueles indivíduos que despenderam até 3,7 horas (quartil .25) e entre aqueles que despenderam até 12,3 horas (quartil .95). Entre os primeiros o impacto desta variável é de 26,76% enquanto que entre os últimos o impacto é de 17,66% a mais de tempo dedicado a este conjunto de atividades. Enquanto que a escolaridade não apresenta influência sobre o tempo livre em um dia de semana, sobre o mesmo conjunto de atividades para um dia de fim de semana

ela se mostra importante no sentido de impactar positivamente a quantidade de tempo dependido pelos mais escolarizados.

Já a formalidade da ocupação principal apresenta, por sua vez, um impacto negativo entre aqueles que dedicaram até 3,7 horas (quartil .25), correspondente a -21,46% de tempo dedicado ao conjunto de atividades em questão se comparado aos trabalhadores informais. Entre os mesmo indivíduos que dedicaram até 3,7 horas em atividades de tempo livre em um dia de fim de semana, o impacto da situação de trabalhador por conta própria também é negativo, correspondente a -33,93% de tempo dedicado.

TABELA 36

Resultados dos modelos das regressão linear e quântica para a variável dependente "logaritmo natural do tempo livre um dia de fim de semana" (min.) para a amostra da Pesquisa dos Usos do Tempo em BH (2001)

MODELO 4	RMQO	RQ	RQ	RQ	RQ
		.25	.50	.75	.95
	b	b	b	b	b
Constante	-11,72123*	5,307273*	5,711379*	5,711379*	6,295343*
R ²	0,9539	-	-	-	-
Pseudo R ²	-	0,0170	0,0243	0,0243	0,0415
N	579				
<i>Variáveis de controle</i>					
Sexo (masculino=1)	0,2626515*	0,2476194**	0,2618129*	0,2618129*	0,2657412*
Idade centralizada	-0,002027	0,0009128	-0,0053617	-0,0053617	-0,008156**
idade centralizada ao quadrado	0,0004504**	0,0006601***	0,000411	0,000411	0,0005615*
Quem realizou tempo contratado no dia	17,30149*	-	-	-	-
Outliers do tempo contratado	1,134122*	-	-	-	-
<i>Variáveis independentes</i>					
Possui ensino secundário completo	0,2050005*	0,2676102**	0,1447233	0,1447233	0,1766482*
Possui Vínculo formal na ocupação principal	-0,0688053	-0,2146417***	-0,1473131	-0,1473131	-0,0928454
Exerce apenas uma ocupação remunerada	-0,0204378	-0,1080577	-0,0414371	-0,0414371	0,047471
Situação na ocupação principal: empregador	-0,0423983	-0,3907175	0,008058	0,008058	-0,2020694
Situação na ocupação principal: conta própria	-0,0547912	-0,3393372**	-0,0010292	-0,0010292	0,0770213
Natureza da ocupação principal: não-manual	-0,0495413	0,0525032	0,0636254	0,0636254	-0,0513331

Fonte: Pesquisa dos Usos do Tempo em BH (2001)

* Significância a 0,01

** Significância a 0,05

*** Significância a 0,10

Observações:

- Variável dependente: logaritmo natural do tempo livre em um dia de fim de semana para a amostra da Pesquisa dos Usos do Tempo em BH (2001)

- Categoria de referência da situação na ocupação principal: empregado

- Os trabalhadores rurais foram excluídos das amostras,

5.1.7 As hipóteses e os dados sobre BH, Brasil

Quanto à hipótese principal (ver seção 4.6, p.100), relativa aos achados do estudo anterior a este (NEUBERT, 2006), se manteve plausível de acordo com a maior parte das características ocupacionais destacadas nos modelos. Por esse motivo, portanto, esta hipótese mais geral deve ser mais bem detalhada de acordo com a perspectiva multidimensional adotada neste estudo. Assim, as hipóteses específicas (ver seção 4.6) mais importantes foram discutidas individualmente.

A escolaridade, por exemplo, exerce influência no sentido de conter o tempo de trabalho remunerado entre aqueles que trabalharam uma maior quantidade de tempo em um dia de semana e, da mesma forma, para um dia de fim de semana. Quanto ao tempo livre, a variável de escolaridade apresentou impacto significativo apenas para um dia de fim de semana no sentido de aumentar o dispêndio de tempo livre entre aqueles que são mais escolarizados, neste caso, os indivíduos que possuem pelo menos o segundo grau completo. Tal fato corrobora a hipótese 1.1, a qual sugere que isto ocorreria porque os indivíduos mais escolarizados apresentam maior poder de barganha no mercado de trabalho ocupando, assim, posições que oferecem melhores condições de trabalho. Já os indivíduos que possuem baixa escolaridade estão mais sujeitos ao exercício de ocupações informais e precarizadas, já que correspondem à mão-de-obra de baixa qualificação.

O fato de o indivíduo exercer apenas uma ocupação remunerada, por sua vez, apresentou efeito significativo apenas em relação ao tempo de trabalho

remunerado em um dia de semana e em um dia de fim de semana. Entre aqueles que trabalharam próximo de oitos horas diárias, o impacto desta variável em um dia de semana se dá no sentido de diminuir o tempo entre os que trabalharam mais em um dia de fim de semana em relação àqueles indivíduos que exercem mais de uma ocupação remunerada. Isso leva a crer que o que foi postulado na hipótese 1.2 é verdadeiro em parte. Os indivíduos que realizam mais de uma atividade remunerada estão, sim, mais submetidos a ocupações de tempo parcial, informais ou ocupações temporárias. Contudo, aqueles que exercem apenas uma ocupação estão mais sujeitos a montas de tempo maiores nos dias de fim de semana.

O vínculo formal na ocupação principal (hipótese 1.4), por sua vez, demonstrou ser importante, como é esperado, para determinar o tempo de trabalho remunerado de acordo com as demandas legais. Ou seja, o trabalhador formal tem menos probabilidade de trabalhar pouco e, por outro lado, de trabalhar muito além do padrão estabelecido, demonstrando a força da regulamentação legal sobre a organização do tempo de trabalho no Brasil (DAL ROSSO, 2002, 2006). São esses trabalhadores os quais têm maior probabilidade, portanto, de se adequarem à divisão tradicional da semana entre dias úteis e dias sem trabalho. A rigidez da jornada de trabalho formal, a qual se concentra principalmente nos dias de semana, limita o dispêndio de tempo livre em um dia de semana e, de forma menos contundente, também em um dia de fim de semana. Isso se explica porque, muito provavelmente, o tempo liberado das atividades remuneradas seja utilizado não somente em atividades de tempo livre, mas, também, em atividades de trabalho não-remunerado e cuidados pessoais.

As categorias relacionadas à situação na ocupação principal não apresentaram uma influência definitiva sobre a organização da semana. Pode-se afirmar,

contudo, que em relação aos empregados, os empregadores tendem a dedicar-se menos ao trabalho remunerado em um dia de fim de semana e mais às atividades de tempo livre em um dia de semana. Assim, o que foi exposto na hipótese 1.5 se sustenta em parte com base no que foi analisado. Da mesma forma, a natureza da ocupação não revelou uma influência significativa sobre a organização da semana, o que leva a crer que a hipótese 1.3 também não se sustenta com relação aos dados de BH.

5.2 Análise dos dados do ATUS-2003

5.2.1 Descrição das amostras

Na TAB.37 a seguir é apresentada a distribuição por sexo da amostra de indivíduos que responderam à entrevista do ATUS-2003 sobre um dia de semana (segunda, terça, quarta, quinta ou sexta-feira) e na TAB.38 é apresentada a distribuição por sexo da amostra de indivíduos que responderam sobre um dia de fim de semana (sábado ou domingo). Em ambas as amostras os indivíduos do sexo masculino correspondem a aproximadamente 49% e os indivíduos do sexo feminino correspondem aos outros 51% do total de indivíduos.

TABELA 37

Distribuição dos indivíduos por sexo para a amostra dos dias de semana do ATUS-2003

Sexo	(n)	(%)
Masculino	2.295	49,0
Feminino	2.388	51,0
Todos	4.683	100

Fonte: ATUS-2003

TABELA 38

Distribuição dos indivíduos por sexo para a amostra dos dias de fim de semana do ATUS-2003

Sexo	(n)	(%)
Masculino	2.386	49,5
Feminino	2.433	50,5
Todos indivíduos	4.819	100

Fonte: ATUS-2003

Quanto às faixas de idade, 51,7% dos indivíduos da amostra dos dias de semana (TAB. 39) se situa na primeira faixa (18 a 41 anos) enquanto que restante (48,3%) se situam na segunda faixa (42 a 64 anos). Na amostra dos dias de fim de semana (TAB.40) a situação é inversa, já que 47,1% dos indivíduos se encontram na primeira faixa enquanto que 52,9% se encontram na segunda faixa de idade.

TABELA 39

Distribuição dos indivíduos por faixa de idade para a amostra dos dias de semana do ATUS-2003

Faixas de Idade	(n)	(%)
18 a 41 anos	2.419	51,7
42 a 64 anos	2.264	48,3
Todos	4.683	100

Fonte: ATUS-2003

TABELA 40

Distribuição dos indivíduos por faixa de idade para a amostra dos dias de fim de semana do ATUS-2003

Faixas de Idade	(n)	(%)
18 a 41 anos	2.547	52,9
42 a 64 anos	2.272	47,1
Todos indivíduos	4.819	100

Fonte: ATUS-2003

No que diz respeito à escolaridade (TAB. 41 e 42), aproximadamente 38% dos indivíduos em cada amostra possuem pelo menos o *bachelor's degree* (16 anos ou mais de estudo) enquanto que o restante (cerca de 62%) se encontram abaixo deste ponto de corte. Quando se leva em conta dados oficiais sobre a proporção de pessoas residentes nos EUA em 2003 com 25 anos de idade ou mais de acordo com o último grau completado com sucesso pelo indivíduo (TAB. 43), pode-se dizer que o acesso, assim como a possibilidade de conclusão do ensino secundário, era quase universal entre os norte-americanos à época, já que 84,6% concluíram ao menos o ensino secundário. É importante ressaltar, também, que 52,5% dos indivíduos possuíam algum grau de escolaridade além do ensino secundário e que 27,2% já haviam completado pelo menos o ensino superior.

TABELA 41

Distribuição dos indivíduos por faixa de escolaridade para a amostra dos dias de semana do ATUS-2003

Escolaridade dicotômica	(n)	(%)
Possui <i>bachelor's degree</i> *	1.767	37,7
Não possui <i>bachelor's degree</i>	2.916	62,3
Todos indivíduos	4.683	100

Fonte: ATUS-2003

* 16 anos ou mais de escolaridade

TABELA 42

Distribuição dos indivíduos por faixa de escolaridade para a amostra dos dias de fim de semana do ATUS-2003

Escolaridade dicotômica	(n)	(%)
Possui <i>bachelor's degree</i> *	1.787	62,9
Não possui <i>bachelor's degree</i>	3.032	37,1
Todos indivíduos	4.819	100

Fonte: ATUS-2003

* 16 anos ou mais de escolaridade

TABELA 43

Proporção de pessoas residentes com 25 anos de idade ou mais nos EUA no ano 2003 de acordo com o último grau completado com sucesso (em milhares)

Aquisição Educacional	(n)	(%)
Segundo grau completo ou mais	152.435	84,6
Alguma educação superior ou mais	94.597	52,5
Educação superior ou mais	49.010	27,2
Total	180.183	100

Fonte: CPS, U.S. Census Bureau, junho de 2004

Quanto à distribuição dos indivíduos de acordo com o número de ocupações remuneradas que se exerce (TAB.44 e 45), a maioria dos indivíduos (91% na amostra dos dias de semana e 90% na amostra dos dias de fim de semana) realizam apenas uma ocupação enquanto que o restante realiza mais de uma.

TABELA 44

Distribuição dos indivíduos por número de ocupações remuneradas exercidas para a amostra dos dias de semana do ATUS-2003

Número de atividade remuneradas	(n)	(%)
Exerce apenas uma atividade remunerada	4.253	90,8
Exerce mais de uma atividade remunerada	430	9,2
Todos	4.683	100

Fonte: ATUS-2003

TABELA 45

Distribuição dos indivíduos por número de ocupações remuneradas exercidas para a amostra dos dias de fim de semana do ATUS-2003

Número de atividade remuneradas	(n)	(%)
Exerce apenas uma atividade remunerada	4.343	9,1
Exerce mais de uma atividade remunerada	476	9,9
Todos indivíduos	4.819	100

Fonte: ATUS-2003

Quanto ao tipo de dedicação que configura a ocupação principal, as TAB. 46 e 47 indicam que a maioria dos indivíduos exerce a ocupação principal em tempo integral (82,1% na amostra dos dias de semana e 82,8% na amostra dos dias de fim de semana) enquanto que o restante exerce a ocupação principal em tempo parcial.

TABELA 46

Distribuição dos indivíduos de acordo com o tipo de dedicação à ocupação principal para a amostra dos dias de semana do ATUS-2003

Tipo de dedicação à ocupação principal	(n)	(%)
<i>Full-time job</i>	3847	82,1
<i>Part-time job</i>	836	17,9
Todos	4.683	100

Fonte: ATUS-2003

TABELA 47

Distribuição dos indivíduos de acordo com o tipo de dedicação à ocupação principal para a amostra dos dias de fim de semana do ATUS-2003

Tipo de dedicação à ocupação principal	(n)	(%)
<i>Full-time job</i>	3.988	82,8
<i>Part-time job</i>	831	17,2
Todos indivíduos	4.819	100

Fonte: ATUS-2003

No que diz respeito ao setor da ocupação principal, de acordo com a TAB. 48 que apresenta informações da amostra dos dias de semana (seg-sex), há 15,7% de indivíduo no setor governamental, 74,5% de indivíduos no setor privado e 9,7% de trabalhadores por conta própria. Os dados da TAB.49 se diferenciam ligeiramente destes últimos já que os indivíduo do setor governamental representam 16,8% da amostra dos dias de fim de semana (sab/dom), os do setor privado correspondem a 73,9% e os trabalhadores por conta-própria a 9,3% da mesma.

TABELA 48

Distribuição dos indivíduos de acordo com o setor da ocupação principal para a amostra dos dias de semana do ATUS-2003

Setor da ocupação	(n)	(%)
Governo	733	15,7
Privado	3491	74,6
Conta-própria	455	9,7
Todos	4.679	100

Fonte: ATUS-2003

TABELA 49

Distribuição dos indivíduos de acordo com o setor da ocupação principal para a amostra dos dias de fim de semana do ATUS-2003

Setor da ocupação	(n)	(%)
Governo	808	16,8
Privado	3.561	73,9
Conta-própria	448	9,3
Todos indivíduos	4.817	100

Fonte: ATUS-2003

De acordo com dados oficiais (TAB.50) a força de trabalho civil norte-americana em 2003 correspondia a 66,2% da população civil com 16 anos de idade ou mais. Os ocupados correspondiam a 62,3% da população civil, assim como os desempregados correspondiam a 6% da força de trabalho civil. Dentre os mesmos trabalhadores ocupados no setor não-agrícola, pode-se afirmar que aqueles classificados como trabalhadores remunerados correspondiam a 93,36% em 2003, enquanto que os trabalhadores por conta própria correspondiam a 6,9% (TAB.51).

TABELA 50

Estrutura da força de trabalho da população civil não-institucionalizada de 16 anos ou mais de idade em 2003 nos EUA (em milhares)

População Civil Não-institucionalizada (n)		221.168		
Força de Trabalho Civil	Total (n)		146.510	
	Proporção da População (%)		66,2	
	Empregado	Total (n)	137.736	
		Proporção da População (%)		62,3
		Agriculture (n)		2.275
		Nonagricultural industries (n)		135.461
	Desempregado	Total (n)	8.774	
		Proporção da Força de Trabalho (%)		6,0
	Total fora da força de trabalho (n)		74.658	

Fonte: Employment and Earnings, January 2004 (Bureau of Labor Statistics).

TABELA 51

Estrutura da ocupação nos EUA em 2003 (em milhares)

Estrutura da ocupação	Agricultura e atividades relacionadas		Atividades não-agrícolas	
	(n)	(%)	(n)	(%)
Trabalhadores remunerados em geral	1.299	57,10	126.461	93,36
Trabalhador por conta própria	951	41,80	9.344	6,90
Trabalhadores não remunerados	25	1,10	101	0,07
Total	2.275	100	135.461	100

Fonte: Employment and Earnings, January 2004 (Bureau of Labor Statistics)

As TAB. 52 e 53, por sua vez, apresentam a distribuição dos indivíduos de cada amostra de acordo com a natureza da ocupação principal. Aproximadamente um proporção de 75% de cada amostra é composta por trabalhadores não-manuais e 25% por trabalhadores manuais.

TABELA 52

Distribuição dos indivíduos de acordo com a natureza da ocupação principal para a amostra dos dias de semana do ATUS-2003

Natureza da ocupação	(n)	(%)
Manual	1113	23,8
Não-manual	3570	76,2
Todos indivíduos	4.683	100

Fonte: ATUS-2003

* Os trabalhadores rurais foram excluídos das amostras

TABELA 53

Distribuição dos indivíduos de acordo com a natureza da ocupação principal para a amostra dos dias de fim de semana do ATUS-2003

Natureza	(n)	(%)
Manual	3.596	25,4
Não-manual	1.223	74,6
Todos indivíduos	4.819	100

Fonte: ATUS-2003

* Os trabalhadores rurais foram excluídos das amostras.

5.2.2 Descrição das médias de tempo

A TAB.54 apresenta as médias de tempo de trabalho remunerado (definição no QUADRO 1 da seção 4.4.1) em um dia de semana e em um dia de fim de semana de acordo com as variáveis independentes relacionadas às características da força de trabalho. Quando se leva em conta todos os indivíduos de cada amostra, a média para um dia de semana é de 425 min. (7,08 horas) e para um dia de fim de semana é de 109 min. (1,82 horas).

Entre aqueles que possuem 16 anos ou mais de estudo (correspondente ao *bachelor's degree* ou superior) o dispêndio com tempo de trabalho remunerado é de 451 min. (7,52 horas) enquanto que para aqueles que possuem menos escolaridade a duração total é de 410 min. (6,83 horas) em um dia de semana. Nos dias de fim de semana a situação se inverte, já que os menos escolarizados apresentam uma média de tempo maior (119 min. ou 1,98 horas) do que os mais escolarizados (93 min. ou 1,55 horas).

Aqueles que declararam que exercem apenas uma atividade remunerada despendem menos tempo neste mesmo conjunto de atividades (422 min. ou 7,03 horas em um dia de semana e 100 min. ou 1,67 horas em um dia de fim de semana) do que aqueles que declararam exercer mais de uma atividade remunerada (463 min. ou 7,72 horas em um dia de semana e 198 min. ou 3,3 horas em um dia de fim de semana). A diferença tende a aumentar nos dias de fim de semana, indicando que aqueles que exercem mais de uma ocupação acabam, em média, sempre trabalhando mais do que o outro grupo de referência, independente do período da semana.

Quando se leva em conta o tipo de dedicação à ocupação principal, os indivíduos que trabalham em tempo integral despendem uma quantidade maior de tempo de trabalho remunerado (466 min. ou 7,77 horas) do que os indivíduos que trabalham em tempo parcial (240 min. ou 4 horas) quando se leva em conta um dia de semana. Em um dia de fim de semana a relação é a mesma, já que o primeiro grupo apresenta uma média de 112 min. (1,87 horas) enquanto que o segundo apresenta uma média de 99 min (1,65 horas). Isso demonstra, também, que o maior montante de tempo de trabalho remunerado entre aqueles que trabalham em tempo integral se concentra prioritariamente nos dias de semana.

Quanto ao setor da ocupação principal, aqueles que trabalham no setor privado apresentam a maior média de dedicação às atividades de tempo de trabalho remunerado em um dia de semana (427 min. ou 7,12 horas), seguido pelos trabalhadores do governo (422 min. ou 7,03) e pelos trabalhadores por conta-própria (419 min. ou 6,98 horas). Em um dia de fim de semana são os trabalhadores por conta-própria que apresentam a maior média de tempo de trabalho remunerado (148 min. ou 2,47 horas), seguidos pelos trabalhadores do setor privado (111 min. ou 1,85 horas) e público (83 min. ou 1,38 horas).

Quanto à natureza da ocupação principal, os trabalhadores não-manuais apresentam uma média de tempo de trabalho remunerado em um dia de semana muito próximo à dos trabalhadores manuais (425 e 427 min. ou 7,08 e 7,12 horas, respectivamente). Já no que diz respeito a um dia de fim de semana, os trabalhadores manuais dedicam mais tempo (143 min. ou 2,38 horas), em média, do que os trabalhadores não-manuais (98 min. ou 1,63 horas) no que diz respeito ao conjunto de atividades em questão.

TABELA 54

Médias diárias (min.) das atividades de Tempo de Trabalho Remunerado incluindo todos os indivíduos de cada amostra (dos dias de semana e dos dias de fim de semana) do ATUS-2003

Variáveis independentes		Médias diárias de Tempo Contratado (min.)	
		Dias de semana	Dias de fim de semana
Escolaridade	Possui <i>bachelor's degree</i> *	451	93
	Não possui <i>bachelor's degree</i>	410	119
Número de ocupações remuneradas	Exerce apenas uma atividade remunerada	422	100
	Exerce mais de uma atividade remunerada	463	198
Tipo de dedicação na ocupação principal	<i>Full-time job</i>	466	112
	<i>Part-time job</i>	240	99
Setor da ocupação principal	governo	422	83
	privado	427	111
	conta própria	419	148
Natureza da ocupação principal	Manual	427	143
	Não-manual	425	98
Todos		425	109
(n)		4.683	4.819

Fonte: ATUS-2003

Observações:

- As médias foram calculadas levando-se em conta todos os indivíduos em cada amostra, inclusive aqueles que não despenderam tempo algum na atividade diária em questão.

- Os trabalhadores rurais foram excluídos das amostras

* 16 anos ou mais de escolaridade

A TAB.55 apresenta as médias de tempo livre (definição no QUADRO 1 da seção 4.4.1) sobre um dia de semana e um dia de fim de semana de acordo com as variáveis independentes. Quando se leva em conta todos os indivíduos de cada amostra, a média para um dia de semana é de 219 min. (3,65 horas) e para um dia de fim de semana é de 366 min. (6,1 horas)

Entre aqueles que possuem o *bachelor's degree*, o dispêndio de tempo livre em um dia de semana é de 197 minutos (3,28 horas), portanto, menor em relação àqueles que menos escolaridade, os quais despendem 233 minutos (3,88 horas). Em um dia de fim de semana os menos escolarizados apresentam uma média de tempo de 373 min. (6,22 horas) e os mais escolarizados de 355 minutos (5,92 horas).

Aqueles indivíduos que declararam exercer apenas uma atividade remunerada despendem mais tempo livre (221 min. ou 3,68 horas) em um dia de semana do que aqueles que declararam exercer mais de uma atividade remunerada (206 min. ou 3,43 horas). Em um dia de fim de semana o primeiro grupo também supera o segundo com relação a este conjunto de atividades, sendo que aqueles que exercem apenas uma atividade remunerada despendem 371 min. (6,18 horas) enquanto que os que exercem mais de uma atividade remunerada despendem 321 min. (5,35 horas) em atividades de tempo livre. Ou seja, a diferença entre os grupos cresce quando se leva em conta os dias de fim de semana.

Quanto ao tipo de dedicação à ocupação principal, o grupo de trabalhadores em tempo integral apresenta uma média de tempo livre (203 min. ou 3,38

horas) menor do que o grupo de trabalhadores em tempo parcial (296 min. ou 4,93 horas) em um dia de semana. Em um dia de fim de semana a diferença diminui e os trabalhadores em tempo integral (367 min. ou 6,12 horas) ultrapassam em alguns minutos os trabalhadores em tempo parcial (361 min. ou 6,02)

Quanto ao setor da ocupação principal, aqueles que são trabalhadores do setor privado apresentam a maior média de dedicação às atividades de tempo livre em um dia de semana (220 min. ou 3,67 horas), seguido pelos trabalhadores do governo (219 min. e 3,65 horas) e pelos trabalhadores por conta-própria (218 min. ou 3,63 horas). Em um dia de fim de semana são os trabalhadores do setor público aqueles que apresentam a maior média de tempo livre (377 min. ou 6,28 horas), seguidos pelos do setor privado e por conta própria (ambos despendendo 364 min. ou 6,07 horas em atividades de tempo livre no período de semana em questão).

Em relação à natureza da ocupação principal, os trabalhadores não-manuais dedicam-se menos a atividades de tempo livre se comparados aos trabalhadores manuais quando se leva em conta tanto um dia de semana (215 min. ou 3,58 horas e 235 min. ou 3,92 horas, respectivamente) quanto um dia de fim de semana (362 min. ou 6,03 horas e 379 min. ou 6,32 horas, respectivamente). Esses cruzamentos sugerem que o grau de especialização da ocupação possui uma relação inversa à duração do tempo livre, independentemente do período da semana.

Tabela 55

Médias diárias (min.) das atividades de Tempo Livre incluindo todos os indivíduos de cada amostra (dos dias de semana e dos dias de fim de semana) do ATUS-2003

Variáveis independentes		Médias diárias de Tempo Livre (min.)	
		Dias de semana	Dias de fim de semana
Escolaridade	Possui <i>bachelor's degree</i> *	197	355
	Não possui <i>bachelor's degree</i>	233	373
Número de ocupações remuneradas	Exerce apenas uma atividade remunerada	221	371
	Exerce mais de uma atividade remunerada	206	321
Tipo de dedicação na ocupação principal	<i>Full-time job</i>	203	367
	<i>Part-time job</i>	296	361
Setor da ocupação principal	governo	219	377
	privado	220	364
	conta própria	218	365
Natureza da ocupação principal	Manual	235	379
	Não-manual	215	362
Todos indivíduos		219	366
(n)		4.683	4.819

Fonte: ATUS-2003

Observações:

- As médias foram calculadas levando-se em conta todos os indivíduos em cada amostra, inclusive aqueles que não despenderam tempo algum na atividade diária em questão.

- Os trabalhadores rurais foram excluídos das amostras

* 16 anos ou mais de escolaridade

5.2.3 Análise do Modelo 5

A análise dos resultados dos modelos para as informações do ATUS-2003 segue o mesmo padrão anteriormente utilizado: primeiramente, é apresentada a matriz de correlação entre as variáveis de cada modelo com o intuito de identificar se há colinearidade entre as mesmas. Em segundo lugar, são apresentadas informações sobre os quartis da variável dependente utilizados no cálculo da regressão quantílica. Por último, são analisadas as tabelas com os coeficientes de regressão para cada modelo calculado.

Como também apresentado na seção 4.5, o Modelo 5 corresponde à análise da variável dependente “logaritmo do tempo de trabalho remunerado em um dia de semana” para amostra do ATUS-2003. A TAB.56 abaixo apresenta a correlação entre as variáveis inclusas neste modelo. Não há colinearidade entre as variáveis independentes. A variável que registra o sexo do indivíduo foi a que apresentou maior correlação com a variável dependente em análise.

A TAB. 57 apresenta, por seu turno, as informações sobre os quartis utilizados no cálculo da regressão quantílica para o Modelo 5. O valor mínimo registrado na variável dependente em questão foi igual a 0 e o valor máximo foi igual a 1.350 min. (22,5 horas). Os indivíduos que se encontram no primeiro quartil (.25) trabalharam até 344 min. (5,7 horas) em um dia de semana. A mediana, por sua vez, corresponde a 480 min., ou seja, assim como no caso brasileiro, corresponde às 8 horas típicas da jornada de trabalho diária. O terceiro quartil (.75) corresponde àqueles indivíduos que trabalharam até 550 min. (ou 9,17

horas) e o último quartil (.95) corresponde àqueles que trabalharam até 720 min. (12 horas) em um dia de semana.

TABELA 56

Matriz de Correlações - MODELO 5 (var. dependente = logn tempo de trabalho remunerado em um dia de semana)											
Variáveis	sexo	idade	idade2	escolaridade	full-time job	no. de ocupações	governo	privado	conta própria	não-manual	logn tempo de trabalho remunerado (Seg-Sex)
sexo	1,000	-0,007	-0,025	0,019	0,216	-0,008	-0,096	0,035	0,066	-0,287	0,104
idade	-0,007	1,000	0,256	0,097	0,082	0,006	0,070	-0,137	0,115	0,052	0,056
idade2	-0,025	0,256	1,000	-0,097	-0,135	-0,002	-0,015	0,014	-0,002	-0,010	-0,058
escolaridade	0,019	0,097	-0,097	1,000	0,097	-0,026	0,141	-0,127	0,014	0,349	0,081
full-time job	0,216	0,082	-0,135	0,097	1,000	-0,001	0,045	0,029	-0,098	-0,013	0,259
no. de ocupações	-0,008	0,006	-0,002	-0,026	-0,001	1,000	-0,042	0,066	-0,045	-0,014	-0,042
governo	-0,096	0,070	-0,015	0,141	0,045	-0,042	1,000	-0,739	-0,141	0,040	-0,019
privado	0,035	-0,137	0,014	-0,127	0,029	0,066	-0,739	1,000	-0,563	-0,039	-0,005
conta própria	0,066	0,115	-0,002	0,014	-0,098	-0,045	-0,141	-0,563	1,000	0,009	0,031
não-manual	-0,287	0,052	-0,010	0,349	-0,013	-0,014	0,040	-0,039	0,009	1,000	0,006
logn tempo de trabalho remunerado (Seg-Sex)	0,104	0,056	-0,058	0,081	0,259	-0,042	-0,019	-0,005	0,031	0,006	1,000
Fonte: ATUS-2003											
* Colinearidade = Coeficiente de Pearson > 0,8											

TABELA 57

Informações sobre a variável "Tempo de Trabalho Remunerado" da amostra dos dias semana do ATUS-2003 por quartil (Modelo 5)

Quartil	Médias por quartil (min.)	Valor máximo em cada quartil (min.)
.25	98	344
.50	276	480
.75	349	550
.95	405	720

Valor Mínimo = 0
Valor Máximo = 1.350
Mediana = 480
N= 4.683

Fonte: ATUS-2003

A TAB.58 apresenta os coeficientes e as informações sobre o Modelo 5. As únicas variáveis independentes que não apresentaram efeito significativo com base no modelo linear foram a escolaridade e a natureza da ocupação. Quanto às demais, a dedicação integral à ocupação principal apresenta um impacto de 39,5% a mais de tempo sobre o montante diário de tempo de trabalho remunerado em um dia de semana, o fato de exercer apenas uma ocupação remunerada aumenta esse mesmo tempo em 5,89%. Seguindo esta mesma tendência, ser trabalhador do setor governamental ou do setor privado impacta a variável dependente em 14,02% e 12,65%, respectivamente, em comparação com um trabalhador por conta própria.

Quanto aos coeficientes da regressão quantílica, todas as variáveis independentes relativas às características da força de trabalho apresentaram coeficientes significativos pelo menos em um dos quartis utilizados. A escolaridade, por exemplo, impacta fracamente o tempo de trabalho remunerado diário, contudo, este efeito, mesmo sendo pequeno, cresce na medida em que aumenta o tempo dedicado a tal atividade (no primeiro quartil o

impacto é de 1,5% e, no último, é de 4,06%). Este mesmo comportamento é demonstrado pela variável que registra o setor da ocupação, porém, o impacto destas variáveis (setor privado e governamental) é negativo sobre o tempo de trabalho remunerado em um dia de semana. A natureza da ocupação, por sua vez, também apresenta um impacto relativamente pequeno (-1,58%) indicado pelo coeficiente no segundo quartil (.50).

Mais determinantes do que as anteriores sobre a atividade em questão, o tipo de dedicação à ocupação principal e o número de ocupações que se exerce são variáveis que apresentaram tendências opostas, como comentadas a seguir.

O fato de o indivíduo trabalhar em tempo integral demonstra grande impacto entre aqueles que trabalham até 344 min. (5,73 horas) e 480 min. (8 horas) – primeiro (.25) e segundo quartil (.50), sendo bastante forte no primeiro recorte. No segundo quartil (quem trabalhou até 8 horas), o impacto é de 65,94% a mais de tempo de trabalho remunerado em um dia de semana em relação aos trabalhadores em tempo parcial. A influência desta variável decai até o último quartil (.95), o qual engloba os indivíduos que trabalharam até 720 min. (12 horas), sendo seu impacto reduzido a 20,28% a mais de tempo.

Já o fato de se exercer apenas uma ocupação remunerada gera um impacto negativo sobre a variável dependente, o qual tende a aumentar ao longo dos quartis. Assim, entre aqueles indivíduos que trabalharam até 344 min. (5,73 horas) em um dia de semana, o fato de se exercer apenas uma ocupação remunerada impacta em -4,42% a variável dependente. Entre os que

trabalharam até 480 min. (8 horas) e até 720 min. (12 horas) o impacto chega a -14,12% e 17,8%, respectivamente.

TABELA 58

Resultados dos modelos das regressão linear e quantílica para a variável dependente "logaritmo natural do tempo de trabalho remunerado em um dia de semana" (min.) para a amostra do ATUS-2003

MODELO 5	RMQO	RQ	RQ	RQ	RQ
		.25	.50	.75	.95
	b	b	b	b	b
Constante	-11,96443*	-11,5123*	5,55888*	6,155142*	6,543249*
R ²	0,9912	-	-	-	-
Pseudo R ²	-	0,1070	0,0169	0,0129	0,0173
.		4.679			
<i>Variáveis de controle</i>					
Sexo (masculino=1)	0,0843236*	0,0929617*	0,0630521*	0,0878284*	0,1013909*
Idade centralizada	0,0018951**	0,0001763	0,0005903**	0,0014759*	0,0015999**
idade centralizada ao quadrado	-0,000013	-0,0000145	-0,0000552*	-0,0000804**	-0,0001524**
Quem realizou tempo contratado no dia	17,47874*	-	-	-	-
Outliers do tempo contratado	0,8552325*	-	-	-	-
<i>Variáveis independentes</i>					
Possui <i>bachelor's degree</i> (16 anos ou mais de estudo)	-0,0253593	0,0150128**	0,026567*	0,0365857*	0,0406156**
Ocupação principal em tempo integral (<i>Full-time job</i>)	0,3950775*	17,52514*	0,6594206*	0,292566*	0,2027595*
Exerce apenas uma ocupação remunerada	0,0589167**	-0,0048437	-0,0442413*	-0,1412638*	-0,1780241*
Sector da ocupação principal: governo	0,1402095*	0,0011216	-0,04465*	-0,064116*	-0,0787741**
Sector da ocupação principal: privado	0,126519*	0,0077849	-0,0169907***	-0,0288515	-0,0955624*
Natureza da ocupação principal: não-manual	0,0277358	0,003801	0,015814**	-0,0005895	0,0211974

Fonte: ATUS-2003

* Significância a 0,01

** Significância a 0,05

*** Significância a 0,10

Observações:

- Variável dependente: logaritmo natural do tempo de trabalho remunerado em um dia de semana para a amostra do ATUS-2003

- Categoria de referência do sector da ocupação principal: trabalhador por conta própria

- Os trabalhadores rurais foram excluídos das amostras,

5.2.4 Análise do Modelo 6

O Modelo 6 corresponde à análise da variável dependente “logaritmo do tempo de trabalho remunerado em um dia de fim de semana” para amostra do ATUS-2003. A TAB.59 abaixo apresenta a correlação entre as variáveis inclusas neste modelo. Não há colinearidade entre as variáveis independentes. A variável que registra o número de ocupações remuneradas que o indivíduo exerce foi a que apresentou maior correlação com a variável dependente em análise.

A TAB. 60 apresenta, por seu turno, as informações sobre os quartis utilizados no cálculo da regressão quantílica para o Modelo 6. O valor mínimo registrado na variável dependente em questão foi igual a 0 e o valor máximo foi igual a 1.430 min. (23,8 horas). Pelo fato de a maioria dos indivíduos inclusos na amostra dos dias de fim de semana não terem registrado tempo de trabalho remunerado, a distribuição da variável dependente destoa, nesse caso, das demais. Assim, a maioria dos indivíduos está inclusa entre aqueles que trabalharam até 120 min. (2 horas), os quais fazem parte do terceiro quartil (.75). Os indivíduos que se encontram no último quartil, por sua vez, trabalharam até 545 min. (9,08 horas) em um dia de fim de semana. A mediana, neste caso, é igual a 0, pelos mesmos motivos já explicitados quanto à distribuição da variável dependente em análise.

TABELA 59

Matriz de Correlações - MODELO 6 (var. dependente = logn tempo de trabalho remunerado em um dia de fim de semana)											
Variáveis	sexo	idade	idade2	escolaridade	full-time job	no. de ocupações	governo	privado	conta própria	não-manual	logn tempo de trabalho remunerado (Sab/Dom)
sexo	1,000	-0,007	-0,022	0,013	0,249	0,012	-0,069	0,006	0,079	-0,279	0,089
idade	-0,007	1,000	0,009	0,070	0,046	0,002	0,097	-0,145	0,095	0,047	0,010
idade2	-0,022	0,009	1,000	-0,138	-0,173	0,003	-0,028	0,031	-0,011	-0,028	0,030
escolaridade	0,013	0,070	-0,138	1,000	0,047	-0,053	0,111	-0,126	0,049	0,357	0,033
full-time job	0,249	0,046	-0,173	0,047	1,000	-0,037	0,028	0,026	-0,076	-0,010	0,012
no. de ocupações	0,012	0,002	0,003	-0,053	-0,037	1,000	-0,043	0,076	-0,059	-0,040	-0,183
governo	-0,069	0,097	-0,028	0,111	0,028	-0,043	1,000	-0,756	-0,144	0,029	-0,033
privado	0,006	-0,145	0,031	-0,126	0,026	0,076	-0,756	1,000	-0,539	-0,040	-0,042
conta própria	0,079	0,095	-0,011	0,049	-0,076	-0,059	-0,144	-0,539	1,000	0,022	0,107
não-manual	-0,279	0,047	-0,028	0,357	-0,010	-0,040	0,029	-0,040	0,022	1,000	-0,026
logn tempo de trabalho remunerado (Sab/Dom)	0,089	0,010	0,030	0,033	0,012	-0,183	-0,033	-0,042	0,107	-0,026	1,000
Fonte: ATUS-2003											
* Colinearidade = Coeficiente de Pearson > 0,8											

TABELA 60

Informações sobre a variável "Tempo de Trabalho Remunerado" da amostra dos dias de fim de semana do ATUS-2003 por quantil (Modelo 6)

Decis	Médias por quartil (min.)	Valor máximo em cada quartil (min.)
.75	7	120
.95	78	545

Valor Mínimo = 0
 Valor Máximo = 1.430
 Mediana = 0
 N= 4.819

Fonte: ATUS-2003

A TAB.61 apresenta os coeficientes e as informações sobre o Modelo 6. As únicas variáveis independentes que apresentaram efeito significativo com base no modelo linear foram a escolaridade, o setor privado e a natureza da ocupação. Quanto à primeira, o fato do indivíduo possuir o *bachelor's degree* impacta em -13,65% o tempo de trabalho remunerado em um dia de fim de semana. O fato de o indivíduo ser trabalhador do setor privado, em comparação com um trabalhador por conta própria, impacta a variável dependente em 7,06%. Por fim, o fato de ser trabalhador não-manual impacta a mesma em -15,46%. Esse dados demonstram que para o caso norte-americano a escolaridade e a natureza da ocupação do indivíduo são características importantes que contam para restringir o tempo de dedicação ao trabalho remunerado em um dia de semana.

Quanto aos coeficientes da regressão quantílica, assim como no modelo anterior, todas as variáveis independentes relativas às características da força de trabalho apresentaram coeficientes significativos pelo menos em um dos quartis utilizados. A escolaridade, por exemplo, apresenta um impacto de -10,41% sobre o tempo de trabalho remunerado diário entre aqueles que trabalham até 545 min. (9,08 horas – quartil .95). O tipo de dedicação à

ocupação principal em tempo integral também apresentou coeficiente significativo (6,78%) também apenas entre aqueles que trabalharam até 545 min (9,08 horas).

Quando se leva em conta as demais variáveis (número de ocupações que se exerce, o setor e a natureza da ocupação principal), observa-se um impacto fortíssimo sobre a variável dependente em questão. Assim, entre aqueles indivíduos que trabalharam até 120 min. (2 horas) em um dia de fim de semana, o fato de se exercer apenas uma ocupação impacta em -189,37% o tempo de trabalho remunerado, o fato de ser trabalhador do setor privado impacta em -89,56%, o fato de ser trabalhador do governo impacta em -162,53% (em comparação com o trabalhador por conta própria) e o fato de ser trabalhador não-manual, por fim, impacta em -96,03%.

Quando se leva em conta os indivíduos que trabalharam até 545 min. (9,08 horas) em um dia de semana, o impacto de algumas destas variáveis ainda se mantém, contudo, são menos expressivos. Portanto, o fato de se exercer apenas uma ocupação impacta em -27,62% o tempo de trabalho remunerado no quando se leva em conta o último quartil (.95), o fato de ser trabalhador do setor privado impacta em -14,45% e o fato de ser trabalhador do governo impacta em -25,83%. O fato de ser trabalhador não-manual, por seu turno, não apresentou impacto significativo quando se leva em conta este último recorte da variável dependente em análise.

TABELA 61

Resultados dos modelos de regressão linear e quantílica para a variável dependente "logaritmo natural do tempo de trabalho remunerado em um dia de fim de semana" (min.) para a amostra do ATUS-2003

MODELO 6	RMQO	RQ	RQ
		.75	.95
	b	b	b
Constante	-11,40468*	6,589913*	6,590752*
R ²	0,9928	-	-
Pseudo R ²	-	0,0156	0,0040
N	4.817		
<i>Variáveis de controle</i>			
Sexo (masculino=1)	-0,0266805	1,124952*	0,1595449*
Idade centralizada	-0,0013184	0,0013163	0,0006332
idade centralizada ao quadrado	0,0002698*	0,002571*	0,0001713***
Quem realizou tempo contratado no dia	16,77463*	-	-
Outliers do tempo contratado	1,508268*	-	-
<i>Variáveis independentes</i>			
Possui <i>bachelor's degree</i> (16 anos ou mais de estudo)	-0,1365384*	0,1846434	-0,1041531*
Ocupação principal em tempo integral (<i>Full-time job</i>)	-0,0054903	-0,1326515	0,0678469***
Exerce apenas uma ocupação remunerada	-0,0130761	-1,893751*	-0,2762708*
Setor da ocupação principal: governo	-0,005291	-1,625397*	-0,2583012*
Setor da ocupação principal: privado	0,0706656**	-0,8956121*	-0,1445035*
Natureza da ocupação principal: não-manual	-0,1546656*	-0,9603583*	-0,0134188

Fonte: ATUS-2003

* Significância a 0,01

** Significância a 0,05

*** Significância a 0,10

Observações:

- Variável dependente: logaritmo natural do tempo de trabalho remunerado em um dia de fim de semana para a amostra do ATUS-2003

- Categoria de referência do setor da ocupação principal: trabalhador por conta própria

- Os trabalhadores rurais foram excluídos das amostras,

5.2.5 Análise do Modelo 7

O Modelo 7 corresponde à análise da variável dependente "logaritmo do tempo livre em um dia de semana" para amostra do ATUS-2003. A TAB.62 abaixo apresenta a correlação entre as variáveis inclusas neste modelo. Como é possível observar, não há colinearidade entre as variáveis independentes. Por sua vez, a variável "idade2" (variável correspondente à "idade" centralizada e

depois elevada ao quadrado) foi a que apresentou maior correlação com a variável dependente.

A TAB. 63 apresenta as informações sobre os quartis utilizados no cálculo da regressão quantílica para o Modelo 7. O valor mínimo registrado na variável dependente em questão foi igual a 0 e o valor máximo foi igual a 1.129 min. (18,82 horas). Os indivíduos que se encontram no primeiro quartil (.25) despenderam até 113 min. (1,88 horas) em atividades de tempo livre em um dia de semana. A mediana, por sua vez, corresponde a 195 min. (3,25 horas), o terceiro quartil (.75) corresponde àqueles indivíduos que despenderam até 293 min. (4,88 horas) e o último quartil (.95) corresponde àqueles que despenderam até 540 min. (9 horas) em atividades de tempo livre em um dia de semana.

TABELA 63

Informações sobre a variável "Tempo Livre" da amostra dos dias semana do ATUS-2003 por quantil (Modelo 7)

Decis	Médias por quartil (min.)	Valor máximo em cada quartil (min.)
.25	52	113
.50	105	195
.75	148	293
.95	196	540

Valor Mínimo = 0
Valor Máximo = 1.129
Mediana = 195
N= 4.683

Fonte: ATUS-2003

A TAB.64 apresenta os coeficientes e as informações sobre o Modelo 7. A única variável independente que não apresentou efeito significativo com base no modelo linear foi a natureza da ocupação principal. Assim, o fato do indivíduo possuir o *bachelor's degree* impacta em -10,04% o tempo livre em um dia de semana, o fato de o indivíduo ser trabalhador em tempo integral impacta a variável dependente em -31,62%. Ao contrário do impacto negativo apresentado por esta variável, o fato do indivíduo realizar apenas uma ocupação remunerada impacta em 11,36% o montante total de tempo livre em um dia de semana, o fato de ser trabalhador do setor governamental em 13,53% e o fato de ser trabalhador do setor privado em 7,68%.

Quanto aos coeficientes da regressão quantílica todas as variáveis independentes relativas às características da força de trabalho apresentaram coeficientes significativos pelo menos em um dos quartis utilizados. A escolaridade, o tipo de dedicação à ocupação principal e a natureza da ocupação apresentaram impacto negativo enquanto que os setores privado e governamental e o número de ocupações que se exerce apresentaram impacto positivo sobre a variável dependente em questão.

A escolaridade, por exemplo, apresenta um impacto de -9,81% sobre o tempo livre diário entre aqueles que despenderam até 195 min. (3,25 horas – quartil .50). Este impacto é crescente ao longo da distribuição da variável dependente, chegando a -13,97% entre aqueles que despenderam até 540 min. (9 horas – quartil .95). Apesar de também apresentar impacto negativo, o tipo de dedicação à ocupação principal apresenta um impacto negativo mais contundente entre aqueles que despenderam menos tempo na atividade, o qual tende a diminuir até o último quartil calculado no modelo em questão. Assim, entre aqueles que despenderam até 195 min. (3,25 horas) o impacto corresponde a -40,78%, efeito que decresce até -24,3% entre aqueles que despenderam até 540 min. (9 horas). A natureza da ocupação apresentou, por sua vez, um impacto bem menos expressivo no último quartil (.95), correspondente a -8,97%.

Quanto às variáveis que apresentaram impacto positivo sobre o tempo livre em um dia de semana, o número de ocupações que se exerce revela um efeito forte entre aqueles que despenderam mais tempo livre, tendência que se esvanece ao longo dos quartis. Assim, entre aqueles que despenderam até 113 min. (1,88 horas – primeiro quartil) o impacto desta variável corresponde a 29,06% sobre o tempo gasto com a atividade em questão. Entre aqueles que despenderam até 540 min. (9 horas), contudo, o impacto decaiu para 6,71%.

O impacto das duas categorias relativas ao setor da ocupação também apresentaram um forte impacto no início da distribuição da variável dependente. Assim, o fato de ser trabalhador do governo em comparação com o fato de ser trabalhador por conta própria revela um impacto de 30,54% sobre o tempo livre em um dia de semana entre aqueles que despenderam até 113 min. (1,88 horas), efeito que decaiu para 6,98% levando-se em conta aqueles que despenderam até 540 min. (9 horas). O mesmo acontece com o

trabalhador do setor privado em comparação com o trabalhador por conta própria: no primeiro quartil (.25) o impacto é de 24,09%, decrescendo ao longo dos quartis até chegar a 4,01% no último quartil (.95).

Com base nos dados acima é possível afirmar que as características ocupacionais, com exceção da escolaridade e da natureza da ocupação, apresentaram um efeito importante principalmente entre aqueles indivíduos que despenderam menores montas em atividades de tempo livre em um dia de semana. Contudo, entre aqueles que despendem maiores montas de tempo livre diário, as características ocupacionais contam menos para explicar as diferenças entre os indivíduos.

TABELA 64

Resultados dos modelos das regressão linear e quantílica para a variável dependente "logaritmo natural do tempo livre em um dia de semana" (min.) para a amostra do ATUS-2003					
MODELO 7	RMQO	RQ	RQ	RQ	RQ
		.25	.50	.75	.95
	b	b	b	b	b
Constante	-11,53247*	4,314781*	5,232624*	5,812886*	6,345299*
R ²	0,9571	-	-	-	-
Pseudo R ²	-	0,0108	0,0184	0,0297	0,0368
N	4.679				
<i>Variáveis de controle</i>					
Sexo (masculino=1)	0,1402091*	0,193905*	0,1667344*	0,119561*	0,0618024
Idade centralizada	-0,0003694	0,0018198	-0,0012822	-0,0037183*	-0,0052241*
idade centralizada ao quadrado	0,0007046*	0,0010111*	0,0007803*	0,0006393*	0,0004499*
Quem realizou tempo contratado no dia	16,63822*	-	-	-	-
Outliers do tempo contratado	1,470335*	-	-	-	-
<i>Variáveis independentes</i>					
Possui <i>bachelor's degree</i> (16 anos ou mais de estudo)	-0,100411*	-0,032079	-0,0981488*	-0,1072086*	-0,1397512*
Ocupação principal em tempo integral (<i>Full-time job</i>)	-0,3162048*	-0,4078377*	-0,4000052*	-0,3911925*	-0,2430434*
Exerce apenas uma ocupação remunerada	0,1136266*	0,2906944*	0,1519077*	0,0354102	0,0671611
Setor da ocupação principal: governo	0,1353864*	0,3054375*	0,0995297***	0,1103262**	0,0698968
Setor da ocupação principal: privado	0,0768499**	0,2409084*	0,0551342	0,0225902	0,0401391
Natureza da ocupação principal: não-manual	0,0352023	0,0265358	0,0334819	0,0113586	-0,0897678**
Fonte: ATUS-2003					
* Significância a 0,01					
** Significância a 0,05					
*** Significância a 0,10					
Observações:					
- Variável dependente: logaritmo natural do tempo livre em um dia de semana para a amostra do ATUS-2003					
- Categoria de referência do setor da ocupação principal: trabalhador por conta própria					
- Os trabalhadores rurais foram excluídos das amostras,					

5.2.6 Análise do Modelo 8

O Modelo 8 foi o último a ser calculado e corresponde à análise da variável dependente “logaritmo do tempo livre em um dia de fim de semana” para amostra do ATUS-2003. A TAB.65 apresenta a correlação entre as variáveis inclusas neste modelo. Como é possível observar, não há colinearidade entre as variáveis independentes. O grau de correlação entre as variáveis independentes e a variável dependente é, no geral, baixo, sendo maior entre a variável relacionada ao número de ocupações que se exerce.

A TAB.66 apresenta, por seu turno, as informações sobre os quartis utilizados no cálculo da regressão quantílica para o Modelo 8. O valor mínimo registrado na variável dependente em questão foi igual a 0 e o valor máximo foi igual a 1.180 min. (19,6 horas). Os indivíduos que se encontram no primeiro quartil (.25) despenderam até 210 min. (3,5 horas) em atividades de tempo livre em um dia de semana. A mediana, por sua vez, corresponde a 355 min. (5,91 horas), o terceiro quartil (.75) corresponde àqueles indivíduos que despenderam até 505 min. (8,42 horas) e o último quartil (.95) corresponde àqueles que despenderam até 720 min. (12 horas) em atividades de tempo livre em um dia de fim de semana.

TABELA 66

Informações sobre a variável "Tempo Livre" da amostra dos dias de fim de semana do ATUS-2003 por quantil (Modelo 8)

Decis	Médias por quartil (min.)	Valor máximo em cada quartil (min.)
.25	119	210
.50	202	355
.75	277	505
.95	343	720

Valor Mínimo = 0
Valor Máximo = 1.180
Mediana = 355
N= 4.819

Fonte: ATUS-2003

A TAB.67 apresenta os coeficientes e as informações sobre o Modelo 8. As variáveis independentes que apresentaram efeito significativo com base no modelo linear foram a escolaridade, o número de ocupações remuneradas e a variável relativa ao setor governamental. Assim, o fato do indivíduo possuir o *bachelor's degree* impacta em -4,67% o tempo livre em um dia de fim de semana, o fato de o indivíduo exercer apenas uma ocupação remunerada impacta em 15,58% e, por fim, o fato de ser trabalhador do governo, em comparação com um trabalhador por conta própria, impacta em 11,58%.

Quanto aos coeficientes da regressão quantílica, apenas a escolaridade apresentou um impacto negativo sobre o montante de tempo livre em um dia de fim de semana. As demais variáveis que apresentaram coeficientes significativos para o modelo quantílico, ao contrário, apresentaram impacto positivo sobre a variável dependente, variando em intensidade.

A escolaridade, portanto, apresenta um impacto de -6,17% sobre o tempo livre diário entre aqueles que despenderam até 355 min. (5,91 horas – quartil .50). Este impacto se mantém praticamente o mesmo ao longo dos outros quartis, decrescendo para -4,94% entre aqueles que despenderam até 720 min. (12 horas – quartil .95).

Quanto às variáveis que apresentaram impacto positivo sobre o tempo livre em um dia de fim de semana, o número de ocupações que se exerce, por sua vez, revela um efeito forte entre aqueles que despenderam menos tempo livre no período em questão, impacto que diminui em intensidade ao longo dos quartis. Assim, entre aqueles que despenderam até 210 min. (3,5 horas – primeiro quartil) o impacto desta variável corresponde a 26,42% sobre o tempo gasto com a atividade em questão. Já entre aqueles que despenderam até 355 min. (5,91 horas) e até 505 min. (8,42 horas), contudo, o impacto diminui para 18,33% e 9,3%, respectivamente.

O impacto da categoria relativa ao setor governamental também apresenta um impacto maior no início da distribuição da variável dependente que diminui no quartil seguinte. Assim, o fato de ser trabalhador do governo em comparação com o fato de ser trabalhador por conta própria revela um impacto de 18,91% sobre o tempo livre em um dia de fim de semana entre aqueles que despenderam até 210 min. (3,5 horas – primeiro quartil), efeito que diminui para 11,85% levando-se em conta aqueles que despenderam até 355 min. (5,91 horas – segundo quartil) com o mesmo conjunto de atividades.

Diferentemente, as variáveis relativas ao setor privado e à natureza da ocupação principal apresentaram coeficientes significativos apenas no primeiro e no segundo quartil, respectivamente. Assim, o fato de ser trabalhador do setor privado, em comparação com o trabalhador por conta própria, impacta a variável dependente em 11,62% levando-se em conta aqueles que despenderam até 210 min. (3,5 horas) em atividades de tempo livre em um dia de fim de semana. Já o fato ser trabalhador não-manual impacta o montante de tempo livre diário em 5,18% levando-se em conta aqueles que despenderam até 355 min. (5,91 horas).

Com base nos dados relacionados acima é possível dizer que as características ocupacionais, no caso norte-americano, apresentam bem menos influência sobre o tempo livre em um dia de fim de semana se comparado aos demais blocos de tempo que foram analisados, os quais sofrem uma influência mais decisiva de acordo com o conjunto de variáveis independentes que foram analisadas.

TABELA 67

Resultados dos modelos das regressão linear e quântica para a variável dependente "logaritmo natural do tempo livre um dia de fim de semana" (min.) para a amostra do ATUS-2003

MODELO 8	RMQO	RQ	RQ	RQ	RQ
		.25	.50	.75	.95
	b	b	b	b	b
Constante	-11,80291*	4,866099*	5,499421	6,006968*	6,510669*
R ²	0,9395	-	-	-	-
Pseudo R ²	-	0,0069	0,0103	0,0131	0,0145
N	4.817				
<i>Variáveis de controle</i>					
Sexo (masculino=1)	0,1749771*	0,1546313*	0,1823907*	0,168418*	0,1176248*
Idade centralizada	0,001248	0,0025945	0,0013023	0,0009977	0,0005284
idade centralizada ao quadrado	0,0003605*	0,0006209*	0,000383*	0,0003161*	0,0001011
Quem realizou tempo contratado no dia	17,23904*	-	-	-	-
Outliers do tempo contratado	1,20551*	-	-	-	-
<i>Variáveis independentes</i>					
Possui <i>bachelor's degree</i> (16 anos ou mais de estudo)	-0,0467312**	0,0155365	-0,0617437*	-0,0661232*	-0,0494719**
Ocupação principal em tempo integral (<i>Full-time job</i>)	-0,0202759	-0,0556212	0,002506	-0,0018244	0,0093026
Exerce apenas uma ocupação remunerada	0,1558789*	0,2642879*	0,1833603*	0,0930413*	0,0466997
Setor da ocupação principal: governo	0,1158346*	0,189166**	0,1185098*	0,0446302	-0,0267012
Setor da ocupação principal: privado	0,0293444	0,1162242***	0,0344057	0,0015032	-0,0392134
Natureza da ocupação principal: não-manual	0,0339045	0,0429123	0,0518026**	0,0180423	-0,0147405

Fonte: ATUS-2003

* Significância a 0,01

** Significância a 0,05

*** Significância a 0,10

Observações:

- Variável dependente: logaritmo natural do tempo livre em um dia de fim de semana para a amostra do ATUS-2003

- Categoria de referência do setor da ocupação principal: trabalhador por conta própria

- Os trabalhadores rurais foram excluídos das amostras,

5.2.7 As hipóteses e os dados sobre os EUA

Quanto às informações do ATUS-2003 e em relação à hipótese principal deste estudo, pode-se dizer que os indivíduos que possuem ocupações de maior *status* apresentam uma maior tendência de organizar o tempo de trabalho remunerado e o tempo livre de acordo com a divisão entre dias de trabalho e dias sem trabalho (ver seção 4.6 - Hipótese 1). Mas da mesma forma como ocorreu com os dados relativos à cidade brasileira, as variáveis incluídas nos modelos apresentaram tendências bem diversas, como foi discutido a seguir.

É possível afirmar que a escolaridade (hipótese 1.1) apresentou importância no sentido de elevar o tempo de trabalho remunerado em um dia de semana e de conter o tempo de trabalho remunerado em um dia de fim de semana. Contudo, o impacto desta variável é relativamente pequeno sobre o montante total de tempo dedicado à atividade em um dia. Quanto ao tempo livre, a influência da mesma é um pouco maior sobre este conjunto de atividades, principalmente quando se leva em conta um dia de semana. Assim, os indivíduos mais escolarizados tendem a ter menor dedicação às atividades de tempo livre do que os indivíduos menos escolarizados.

Esta tendência já havia sido descrita tanto por Gershuny (2005^a, 2009 quanto por Aguiar e Hurst (2006). De acordo com estes achados a teoria de J. Gershuny sobre a importância do capital humano na determinação da duração do tempo livre e do tempo de trabalho pode ser corroborada, principalmente quanto ao segundo conjunto de atividade diárias. Contudo, contrariando esta mesma teoria, a influência da escolaridade do indivíduo é menos definitiva do

que as características ocupacionais listadas nos modelos, levando a crer que os tipos de vínculos e as condições de trabalho são mais importantes em um contexto pós-moderno do que o capital incorporado propriamente dito.

Já quem realiza apenas uma ocupação remunerada tende a dedicar-se menos às atividades de tempo de trabalho remunerado tanto em um dia de semana quanto em um dia de fim de semana, em comparação com quem exerce mais de uma ocupação. O mesmo acontece com o tempo de trabalho remunerado nos dias de fim de semana. Quanto às atividades de tempo livre, o fato de se exercer apenas uma ocupação revela um impacto positivo tanto nos dias de semana quanto nos dias de fim de semana, sendo este mais intenso entre aqueles que dedicam menores montas de tempo a estas atividades.

Para o conjunto de informações sobre os EUA, portanto, o número de ocupações que se exerce é uma característica importante e revela, provavelmente, a maior autonomia que os indivíduos que realizam apenas uma ocupação podem desfrutar quanto à organização do próprio tempo. Mesmo sendo uma situação diferente daquela prevista pela hipótese 1.2, a explicação para que isso ocorra se mantém intacta: aqueles indivíduos que realizam mais de uma atividade remunerada estão mais submetidos a ocupações de tempo parcial, informais ou ocupações temporárias, sacrificando o tempo livre em prol do tempo de trabalho.

Quanto ao tipo de dedicação à ocupação principal, os trabalhadores em tempo integral tendem a trabalhar mais do que aqueles que trabalham em tempo parcial em um dia de semana e menos em um dia de fim de semana. No que

diz respeito ao tempo livre, a mesma variável revela um impacto negativo, no sentido de limitar a quantidade de tempo despendido com este tipo de atividade em um dia de semana. Esta dimensão da desigualdade ocupacional, portanto, é a que mais se aproxima do que foi previsto na hipótese mais geral (hipótese 1) e corrobora, portanto, a hipótese 1.6. Assim, pode-se afirmar que os indivíduos trabalham em ocupação do tipo *full-time* são menos submetidos às formas de emprego que são fruto do processo de flexibilização as quais, por sua vez, respeitam menos a barreira que separa os dias de trabalho e os dias sem trabalho.

No que diz respeito ao setor da ocupação principal, as categorias “privado” e “governo” apresentaram um comportamento bem semelhante: estas variáveis pressionam o tempo de trabalho em um dia de semana para a faixa próxima às oito horas diárias e limitam o tempo de trabalho em um dia de fim de semana. Os trabalhadores do setor privado e governamental tendem, ainda, a dedicar-se mais tempo às atividades de tempo livre em um dia de semana e também em um dia de fim de semana, em comparação com os trabalhadores por conta-própria. Esses achados levam a crer que o que foi previsto na hipótese 1.7 é verdadeiro. Assim, os indivíduos que trabalham nos setores privado e governamental estão mais submetidos a escalas de trabalho já determinadas e estabelecidas, portanto, têm mais chance de se adequar à organização da semana da forma como previsto na hipótese mais geral deste estudo. Comparativamente, os indivíduos que trabalham por conta-própria estão mais sujeitos à demanda externa pelos seus serviços e, portanto, experimentam restrições quanto à organização do próprio tempo de trabalho.

Quanto à hipótese 1.3 que diz respeito à relação entre a natureza da ocupação e o uso do tempo, os modelos calculados com base nas informações sobre os EUA não indicaram uma influência importante desta variável.

6 CONCLUSÃO DO ESTUDO

Antes de qualquer coisa, é importante tecer alguns comentários sobre os pressupostos levados em consideração neste estudo. No que diz respeito ao desempenho dos diferentes métodos de regressão, o método dos mínimos quadrados ordinários, apesar de incluir formas de ajuste que atendem aos requisitos desta técnica, produziu resultados mais limitados, com base no conjunto de variáveis independentes, do que a técnica da regressão quantílica. Isso foi demonstrado através da constatação de que a maioria dos coeficientes significativos calculados a partir dos modelos lineares possui uma contrapartida a partir do cálculo da regressão quantílica. Além disso, diversas variáveis independentes em cada modelo, as quais não haviam apresentado coeficientes significativos calculados a partir do método linear, apresentaram resultados significativos com base no método de regressão quantílica. Isso demonstra, também, que as variáveis independentes não apresentam, necessariamente, uma relação linear com as variáveis dependentes utilizadas neste estudo.

Também é possível afirmar que o segundo pressuposto possibilitou a realização de análises mais detalhadas, já que as variáveis independentes apresentaram um comportamento muito diversificado em relação às variáveis dependentes em cada modelo, levando a crer que a perspectiva multidimensional adotada neste estudo é mais frutífera do que a perspectiva unidimensional adotada no estudo anterior (NEUBERT, 2006). A introdução de um conjunto de variáveis explicativas, portanto, permitiu uma melhor avaliação da desigualdade ocupacional nos termos aqui adotados. Desta forma, a ampliação do escopo com base em uma perspectiva multidimensional da estratificação social indica não tanto uma relação direta entre as posições hierárquicas de *status* das ocupações e a organização do tempo (como foi encontrado quando se utilizou o ISE como *proxy* do *status* ocupacional), mas,

sim, o quanto as ocupações são afetadas pela legislação vigente e pelas características peculiares dos processos de flexibilização presentes em cada contexto empírico aqui analisado.

Quanto à análise dos dados, os resultados permitem dizer que o que é comum aos dois casos empíricos é o fato de o tempo de trabalho remunerado ser mais influenciado do que o tempo livre pelas características ocupacionais. Isso se explica porque o tempo liberado do trabalho não-remunerado não é substituído, inevitavelmente, por atividades de tempo livre. Os outros dois blocos de tempo que não foram considerados como objetos deste estudo (os cuidados com a casa e a família e os cuidados pessoais), portanto, correspondem a dimensões imprescindíveis para se entender a organização da semana de uma forma mais completa.

Outro fato que é comum aos dois contextos é o padrão de oito horas diárias de trabalho, principalmente em um dia de semana. Esta discussão remete aos movimentos sociais do século XIX, os quais foram responsáveis por colocar em pauta nas negociações entre as partes envolvidas a questão da regulamentação do tempo de trabalho e as condições de execução das tarefas relacionadas ao tempo produtivo. Apesar da influência dos processos de flexibilização, os quais vêm ocorrendo desde a década de 80 e foram definitivos principalmente em países que adotaram a ideologia neoliberal de forma mais contundente (como os EUA), a conquista social relativa ao trabalho diário de oito horas ainda se revela como um padrão importante, um legado do movimento operário europeu do século XIX que persiste até então, como demonstrado para os casos brasileiro e norte-americano.

O que diferencia bastante os dois contextos que foram analisados neste estudo é a forma como o trabalho é regulado. Os EUA são uma das principais nações na qual a ideologia neoliberal apresenta bastante força, assim, os acordos relativos ao trabalho tendem a ser privatizados e permitem maior autonomia nas negociações entre as partes envolvidas, revelando um baixo grau de participação do Estado. Por esse motivo, o processo de flexibilização do trabalho neste contexto especificamente demonstra uma influência definitiva quando se atenta para as características da desigualdade ocupacional. Isso foi demonstrado através da importância que as variáveis relativas ao tipo de dedicação (*full-time/part-time*) e ao setor da ocupação principal, assim como o número de ocupações que o indivíduo realiza, todas mais importantes do que o grau de escolaridade para explicar a organização do tempo de trabalho remunerado e o tempo livre ao longo da semana.

Quanto ao contexto brasileiro, a legislação trabalhista da década de 30 do século passado ainda revela tem forte influencia sobre o arranjo do tempo de trabalho, apesar do processo de flexibilização e precarização crescente que se instalou a partir da década de 90 do mesmo século XX. Assim, como no Brasil persiste uma legislação relativamente antiga, os efeitos gerados pelos movimentos mais recentes da economia mundial e pelo processo local de flexibilização do trabalho em andamento fatalmente induziria ao surgimento de dois grupos distintos de trabalhadores, como ocorre atualmente: existe um grupo de indivíduos que possuem um trabalho formalizado, os quais sofrem uma enorme pressão justamente por estarem em uma situação mais privilegiada do que outros, aqueles que estão totalmente descobertos de qualquer tipo de proteção social e com pouco poder de barganha nas negociações a respeito do tempo e das condições de trabalho.

Isso leva a uma discussão bastante delicada para o quadro brasileiro, qual seja: deve-se lutar pela manutenção da legislação vigente, favorecendo certo número de indivíduos inseridos no mercado de trabalho formal e ignorar a maioria que não está coberta por esta regulamentação ou, por outro lado, deve-se rever a questão dos vínculos trabalhistas tendo-se em vista alguma forma de cobrir um número de maior de trabalhadores e assegurar, portanto, os direitos e a proteção social à maioria deles.

Obviamente, esta discussão é bem complexa, pois qualquer mudança pode colocar em jogo direitos que foram conquistados há quase um século atrás. O cuidado com relação a isso se justifica, já que uma abertura total às tendências mais recentes da ideologia neoliberal apresentaria conseqüências problemáticas em um contexto no qual a desigualdade social é mais intensa e produz problemas sociais de forma mais contundente, como no caso brasileiro.

Por fim, pode-se concluir que se levando em consideração aqueles indivíduos inseridos no mercado de trabalho como foi feito neste estudo, a qualidade de vida proporcionada pela alocação das atividades com base na divisão mais tradicional da semana entre dias dedicados ao trabalho remunerado e dias sem trabalho é, pode-se assim afirmar, uma exclusividade de alguns grupos ocupacionais. Nesse sentido, aquelas ocupações que se adaptam a certos limites diários de tempo de trabalho e respeitam a barreira entre dias de semana e dias de fim de semana proporcionam aos indivíduos maior autonomia quanto à utilização do próprio tempo e, portanto, maior possibilidade de desfrutar uma qualidade de vida superior aos demais trabalhadores.

Referências

AGUIAR, Mark; HURST, Erik. Measuring trends in leisure: the allocation of time over five decades. *Quarterly Journal of Economics*, v.122, n.3, p.969-1006. 2006.

AGUIAR, Neuma Figueiredo. *Múltiplas temporalidades de referência: trabalho doméstico e trabalho remunerado: análise dos usos do tempo em Belo Horizonte: um projeto piloto para zonas metropolitanas brasileiras*. Belo Horizonte: UFMG/CNPq, 2000. Projeto de pesquisa. Mimeografado.

AGUIAR, Neuma Figueiredo. *Múltiplas temporalidades de referência: trabalho doméstico e trabalho remunerado em uma plantação canavieira*. Belo Horizonte: UFMG, 1998. 40p. (Textos Sociologia e Antropologia n.53)

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BECKER, Gary. A theory of the allocation of time. *The Economic Journal*, v.75, n.299, p. 493-517, Set. 1965.

BELL, Daniel. *O advento da sociedade pós-industrial: uma tentativa de previsão social*. São Paulo: Cultrix, 1977.

BITTMAN, Michael. The land of the lost weekend? Trends in free time among working age australians, 1974-1992. *SPRC Discussion Paper*, Sydney, jun. 1998.

BOURDIEU, Pierre. Gosto de Classe e Estilos de Vida. In: ORTIZ, R. (Org.) *Pierre Bourdieu*. (Grandes Cientistas Sociais, 39). São Paulo: Ática. 1983.

BUREAU OF LABOR STATISTICS. *Employment and earnings*. January, 2004. Disponível em: < http://www.bls.gov/cps/cps_aa2003.htm >. Acessado em junho de 2010.

CHERKAOUI, Mohamed. Estratificação. In: Raymond Boudon (Org.) *Tratado de Sociologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995. pp.108-66.

COSER, Lewis. Tendências americanas. In: Tom Bottomore e Robert Nisbet (Orgs). *História da análise sociológica*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1980.

DAL ROSSO, Sadi dal. Working time in Brazil: past experience and recent changes. *Time & Society*, Londres, v.11, n.1, pp.67-8. 2002.

DAL ROSSO, Sadi dal. Jornada de trabalho: duração e intensidade. *Ciências e Cultura*, São Paulo, v.58, n.4, Out-Dez. 2006.

DIEESE. *Anuário dos trabalhadores 2000-2001*. Disponível em: <<http://www.dieese.org.br/anu/2001/anu2001-2.xml#>>. Acessado em junho de 2010.

DOWBOR., Ladislau. *O que acontece com o trabalho?* Agosto, 2006.
Disponível em:
< <http://dowbor.org/06oqueaconteceetrabb.doc>>. Acessado em junho de 2010.

DUMAZEDIER, Joffre. *Lazer e Cultura Popular*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1976.

_____. *Sociologia Empírica do Lazer*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1979.

DURKHEIM, Émile. Sociologia da religião e teoria do conhecimento. In: *A sociologia de Durkheim*. Ed. Ática: São Paulo, 1981.

ELIAS, Norbert. *Sobre o tempo*. Ed. Jorge Zahar: Rio de Janeiro, 1998.

_____. DUNNING, Eric. El Ocio en el Espectro del Tiempo Libre. In: *Deporte Y Ocio en el Proceso de la Civilización*. México, D. F.: Fondo de Cultura Económica. 1992. pp. 117-156.

GERSHUNY, Jonathan. What do we do in post-industrial society? The nature of work and leisure time in 21st century. *Working Papers ISER*, Colchester, n.7. 2005a.

_____. Busyness as the Badge of Honour for the New Superordinate Working Class. *Working Papers ISER*, Colchester, n.9. 2005b.

_____. Veblen in reverse: evidence from the Multinational Time-Use archive. *Social Indicators Research*, v.93, no.1, pp. 37-45, Ago. 2009.

GIDDENS, Anthony. *A constituição da sociedade*. Ed. Martins Fontes: São Paulo, 2003.

_____. *As consequências da modernidade*. Ed. Unesp: São Paulo, 1991.

GRUSKY, David. The past, present and future of social inequality. In: _____. (Org.). *Social Stratification: class, race and gender in sociological perspective*. Westview Press, 2000.

HALLER, Archibald. Empirical stratification theory: Ibn Khaldun (1377) to today. *Population Review*, v.48, n. 2. 2009.

HALLER, Archibald. Estratificação Societária. *Teoria e Sociedade*, Belo Horizonte, n.7. 2001.

HARVEY, Andrew. Guidelines for time use data collection and analysis. In: *Time use research in the social sciences*. _____. W. Pentland, M. Lawton e Mary McColl (Eds.). New York: Kluwer Academic/Plenum Publishers, 1999.

HARVEY, Andrew. PENTLAND, Wendy. Time use research. In: *Time use research in the social sciences*. _____. _____. M. Lawton e Mary McColl (Eds.). New York: Kluwer Academic/Plenum Publishers, 1999.

IBGE. *Resultados da amostra do Censo Demográfico 2000 - Malha municipal digital do Brasil: situação em 2001*. Rio de Janeiro: IBGE, 2004.

_____. *Censo Demográfico 2000: características da população e dos domicílios: resultados do universo*. Rio de Janeiro: IBGE, 2004. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/default.shtm>>. Acessado em junho de 2010.

KALLEBERG, Arne L. O crescimento do trabalho precário: um desafio global. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v.24, n.69, fev. 2009.

KOENKER, Roger; BASSETT, Gilbert. Regression quantiles. *Econometrica*, v.46, n.1, p.33-50, Jan. 1978.

KOENKER, Roger; HALLOCK, Kevin. Quantile regression. *Journal of Economic Perspectives*, v.15, n.4, p.143-156, 2001.

LINDER, Staffan. *The harried leisure class*. New York: Columbia University Press, 1970.

MAIA, Alexandre Gori. Transformações no mercado de trabalho e desigualdade social no Brasil. *Ciências e Cultura*, São Paulo, v.58, n.4, Out-Dez. 2006.

MARX, Karl. *O capital (livro primeiro): o processo de produção do capital*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização, 1975.

NEUBERT, Luiz Flávio. *Atividades diárias e desigualdade social: um estudo sobre o tempo de lazer e o tempo de trabalho remunerado em Belo Horizonte*. 2006. 90 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

PASTORE, J; VALLE SILVA, N. *Mobilidade social no Brasil*. São Paulo: Macron Books, 2000.

POCHMANN, Márcio. Efeitos da internacionalização do capital no mundo do trabalho no Brasil. In: *Nafta y Mercosur: Procesos de apertura económica y trabajo*. Enrique de la Garza Toledo y Carlos Salas. CLACSO, 2003. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/nafta/pochmann.pdf>>. Acessado em 30/09/2009.

POLANYI, Karl. *A grande transformação: as origens de nossa época*. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1980.

RIESMAN, David; GLAZER, Nathan; DENNEY, Reuel. *A Multidão Solitária: um estudo da mudança do caráter americano*. São Paulo: Perspectiva, 1971.

ROBINSON, John. MARTIN, Steve. Changes in american dilay life: 1965-2005. Social. *Social Indicators Research*, v.93, pp.47-56. 2009.

_____. The time-diary method: structure and uses. In: *Time use research in the social sciences*. _____. _____. M. Lawton e Mary McColl (Eds.). New York: Kluwer Academic/Plenum Publishers, 1999.

_____. GODBEY, Geoffrey. *Time for life: the surprising ways americans use their time*. The Pennsylvania State University Press, 1997.

SENNETT, Richard. *A corrosão do caráter: conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2003.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, G. (Org.) *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1987. p.11-25.

SORJ, Bila. Sociologia e trabalho: mutações, encontros e desencontros. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 15, n. 43, jun. 2000.

SOROKIN, Pitirim. Social and cultural mobility (1959). In: D. Grusky (Org.). *Social Stratification: class, race and gender in sociological perspective*. Westview Press, 2000.

SOROKIN, Pitirim. BERGER, Clarence. *Time-budgets of human behavior*. Cambridge: Harvard University Press, 1939.

SOUZA, Amaury de. *As 24 horas do dia do carioca*. Rio de Janeiro, [197-]. Relatório de pesquisa apresentado ao IUPERJ. Não publicado.

SOUZA, Márcio Ferreira de. *A percepção do tempo na vida cotidiana sob a perspectiva de gênero: o dia-a-dia em Belo Horizonte*. 2007. 208 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

THOMPSON, E.P. Tempo, Disciplina de trabalho e o Capitalismo Industrial. In: *Costumes em Comum*. São Paulo: Ed. Schwarcz, 1998. pp. 267-304.

TOMÁS, Maria Carolina; XAVIER, Flávia Pereira; DULCI, Otávio Soares. Interface dos capitais humano, cultural e social na situação ocupacional e nos rendimentos dos indivíduos. In: Neuma Aguiar (Org.). *Desigualdades sociais, redes de sociabilidade e participação política*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007.

U.S. CENSUS BUREAU - Population Division. *Annual Estimates of the Population for the United States and States and for Puerto Rico: april 1, 2000 to july 1, 2003*. Washington DC, 2004. Disponível em:

<http://www.census.gov/popest/archives/2000s/vintage_2003/2003s.html>.

Acessado em junho de 2010.

U.S. CENSUS BUREAU - Population Division. *Educational attainment in the United States: 2003*. Washington DC, 2004. Disponível em:

< <http://www.census.gov/prod/2004pubs/p20-550.pdf> >. Acessado em junho de 2010.

VALLE SILVA, Nelson. HASENBALG, Carlos. Tendências da desigualdade educacional no Brasil. *Dados*, Rio de Janeiro, v.43, n.3. 2000.

WEBLEN, Thorstein. *A Teoria da Classe Ociosa: Um Estudo Econômico das Instituições*. São Paulo: Ed. Pioneira. 1965.

WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo: Ed. Martin Claret, 2001.

_____. Classe, status e partido. In: *Estrutura de Classe e Estratificação Social*. Otávio Velho et al. (Org.) Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1977.

_____. *Economia y sociedad*. Fondo de Cultura Económica: México, 1969.

ZERUBAVEL, Eviatar. *Hidden Rhythms: schedules and calendars in social life*. University of California Press: Berkeley and Los Angeles, 1985.

Apêndice A

QUADRO 2 - Categorias de atividades diárias da Pesquisa de Usos do Tempo em BH com códigos de 2 e 3 dígitos agrupados em códigos de 1 dígito

Códigos (1 dígito)	Categorias	Códigos (2 e 3 dígitos)	Categorias
0	cuidados pessoais	00	cuidados pessoais (não especificados)
		01	dormir
		02	comer e beber
		03	outros cuidados pessoais
1	atividades com rendimentos	10	Atividades com rendimentos (não especificada)
		11	trabalho principal em atividade com rendimentos
		12	segundo trabalho em atividade com rendimentos
		13	atividades relacionadas ao trabalho com rendimentos
		911	deslocamento como parte/durante trabalho principal
		912	deslocamento como parte/durante segundo trabalho
		20	atividades especificadas relacionadas estudo
2	estudos	21	atividades relacionadas a estudo e/ou instituição de ensino
		22	estudo no tempo livre
		30	cuidados com domicílio e a família (não especificados)
3	cuidados com o domicílio e a família	31	manejo de alimentos
		32	manutenção do domicílio
		33	manufatura e cuidados com têxteis
		34	jardinagem e cuidados com animais de estimação
		35	construção e consertos
		36	compras e serviços
		37	gerenciamento do domicílio
		38	cuidado de crianças (do domicílio)
		39	ajuda a um membro adulto da família
4	trabalho voluntário e reuniões	40	trabalho voluntário (não especificado)
		41	trabalho voluntário
		42	ajuda informal a outros domicílios
		43	atividades participativas (excluídas "atividades religiosas")
		44	atividades religiosas
5	vida social e atividades culturais	50	vida social e atividades culturais (não especificados)
		51	vida social
		52	atividades culturais
		53	descanso (tempo sem atividade)
6	esportes e atividades ao ar livre	60	esportes e atividades ao ar livre (não especificados)
		61	exercício físico
		62	exercícios produtivos
		63	atividades relacionadas a esportes
7	hobbies e jogos	70	hobbies e jogos (não especificados)
		71	artes
		72	hobbies
		73	jogos
8	meios de comunicação de massa	80	uso de meios de comunicação de massa (não especificados)
		81	leitura
		82	televisão e vídeo
9	deslocamentos	83	rádio e música
		900	deslocamento (objetivo não especificado)
		901	deslocamento relacionado a cuidados pessoais
		913	deslocamento desde/para trabalho com rendimentos
		921	deslocamento para/desde instituição de ensino
		922	deslocamento relacionado a estudos no tempo livre
		931	deslocamento relacionado a cuidados com domicílio
		936	deslocamento relacionado a compras, serviços e gerencimaneto do domicílio
		938	Transporte de criança
		939	Transporte de um adulto do domicílio
		941	deslocamento relacionado ao trabalho organizacional
		942	deslocamento relacionado a auda informal a outros domicílios
		943	deslocamento relacionado a atividades participativas
		951	deslocamento relacionado a vida social e atividade culturais
		952	deslocamento relacionado a atividades culturais
		961	deslocamento relacionado a esportes e atividades ao ar livre
971	deslocamento relacionado a hobbies		
99	NR*	995	preenchimento do diário
99	NR	999	Uso do tempo não especificado

* tempo sem registro no diário, informações insuficientes para codificação ou gasto preenchendo próprio diário de usos do tempo.

Apêndice B

QUADRO 3 - Categorias de atividades diárias da Pesquisa de Usos do Tempo em BH com códigos de 3 dígitos agrupados em códigos de 2 e 3 dígitos

Códigos (2 e 3 dígitos)*	Categorias	Códigos (3 dígitos)	Categorias
01	dormir	011	Dormir
02	comer e beber	012	Doente de cama
		021	Comer
03	outros cuidados pessoais	030	Outros cuidados pessoais não especificados
		031	Lavar-se e vestir-se
		039	Outros cuidados pessoais
11	trabalho principal em atividade com rendimentos	111	Tempo de trabalho principal em atividades com rendimentos
		112	Café e outros intervalos (ou paradas) no emprego principal
		911	Viagem como parte durante o emprego principal
12	segundo trabalho em atividade com rendimentos	121	Tempo de trabalho na segunda atividade principal
		122	Café e outros intervalos na segunda atividade com rendimento
		912	Viagem como parte durante o segundo emprego
13	atividades relacionadas ao trabalho com rendimentos	130	Atividades não especificadas relacionadas ao trabalho principal
		131	Intervalo para almoço
		132	Funções administrativas e de execução
		139	Outras atividades especificadas relacionadas ao trabalho principal
30	cuidados com domicílio e a família (não especificados)	141	Trabalho familiar não remunerado
20	atividades relacionadas a estudos (não especificadas)	200	Estudo não especificado
		211	Aulas e palestras
21	atividades relacionadas a estudo e/ou instituição de ensino	212	Dever de casa
		219	Outras atividades especificadas relacionadas a escola/universidade
22	estudo no tempo livre	221	Estudar no tempo livre
30	cuidados com domicílio e a família (não especificados)	300	Cuidados não especificados com o domicílio e a família
		310	Manejo não especificado de alimentos
31	manejo de alimentos	311	Preparar alimentos
		312	Assar
		313	Lavar vasilhas
		319	Outros modos especificados de manejo de alimentos
32	manutenção do domicílio	320	Manutenção não especificada do domicílio
		321	Limpeza da residência
		322	Limpeza do quintal
		323	Aquecimento e água
		324	Arrumações diversas
		329	Outros modos especificados de manutenção de domicílio
33	manufatura e cuidados com têxteis	330	Manufatura e cuidados não-especificados com têxteis
		331	Lavar
		332	Passar a ferro
		333	Trabalhos manuais e manufatura de têxteis
		339	Outros tipos especificados de manufatura e cuidados têxteis
34	jardinagem e cuidados com animais de estimação	340	Atividades não especificadas jardinagem/cuidados animais
		341	Jardinagem
		342	Cuidar de animais domésticos
		343	Cuidar de animais de estimação
		344	Passear com o cachorro
35	construção e consertos	351	Construção e reforma de casa
		352	Consertos da residência
		353	Fabricação, consertos e manutenção de equipamentos
		354	Manutenção de veículo
		359	Outras atividades especificadas de construção e consertos
36	compras e serviços	360	Compras e serviços não-especificados
		361	Fazer compras
		362	Serviços comerciais e administrativos
		363	Serviços pessoais
37	gerenciamento do domicílio	371	Gerenciamento do domicílio
38	cuidado de crianças (do domicílio)	380	Cuidado não-especificado de crianças
		381	Cuidados físicos e supervisão de crianças
		382	Ensinar a criança
		383	Ler, jogar e conversar com criança
		384	Acompanhar criança
		389	Outras atividades especificadas de cuidados com crianças
39	ajuda a um membro adulto da família	391	Ajudar um membro adulto da família
40	trabalho voluntário (não especificado)	400	Trabalho voluntário e reuniões não especificados
		410	Trabalho organizacional não especificado
41	trabalho voluntário	411	Trabalho para uma organização
		412	Trabalho voluntário através de uma organização

Apêndice B

42	ajuda informal a outros domicílios	420	Ajuda informal não-especificada		
		421	Gerenciamento de alimentos como ajuda		
		422	Manutenção de domicílios como ajuda		
		423	Jardinagem e cuidados com animais como ajuda		
		424	Construção e consertos como ajuda		
		425	Compras e serviços como ajuda		
		426	Ajuda no serviço e em fazendas		
		427	Cuidados com criança como ajuda		
		428	Ajudar um adulto de outro domicílio		
429	Outra ajuda informal especificada				
43	atividades participativas (excluídas "atividades religiosas")	430	Atividades participativas não especificadas		
		431	Reuniões		
		439	Outras atividades participativas especificadas		
44 **	atividades religiosas	432	Atividades religiosas		
50	vida social e atividades culturais (não especificados)	500	Vida social e lazer não especificado		
51	vida social	510	Vida social não especificada		
		511	Socialização com a família		
		512	Visitar e receber visitas		
		513	Festas		
		514	Conversar ao telefone		
		519	Outras vida social especificada		
		520	Lazer e cultura não especificados		
52	atividades culturais	521	Cinema		
		522	Teatro e concertos		
		523	Exposições de arte e museus		
		525	Eventos esportivos		
		529	Outras atividades especificadas de lazer e cultura		
		53	descanso (tempo sem atividade)	531	Descanso - tempo sem atividade
		60	esportes a atividades ao ar livre (não especificados)	600	Esportes e atividades ao ar livre não especificados
61	exercício físico	610	Exercício físico não especificado		
		611	Caminhada e excursão a pé		
		612	Fazer Cooper e correr		
		613	Andar de bicicleta, esquiar e patinar		
		614	Jogos com bola		
		615	Ginástica		
		616	Exercício físico com equipamento		
		617	Esportes aquáticos		
		619	Outros exercícios físicos especificados		
		62	exercícios produtivos	621	Caçar e pescar
62		622	Colher frutas silvestres, cogumelos e ervas		
63	atividades relacionadas a esportes	631	Atividades relacionadas a esportes		
70	hobbies e jogos (não especificados)	700	Hobbies e jogos não especificados		
71	artes	711	Artes visuais		
		712	Artes cênicas		
		713	Artes literárias		
72	hobbies	721	Colecionar		
		722	Computação e programação		
		723	Informação por computador		
		724	Comunicação por computador		
		725	Outro uso do computador		
		726	Correspondência		
		729	Outros hobbies especificados		
73	jogos	730	Jogos especificados		
		731	Jogos e brincadeiras individuais		
		732	Jogos e brincadeiras de salão (em dupla ou em grupo)		
		733	Jogos de computador		
		734	Jogos de azar		
		739	Outros jogos especificados		
80	uso de meios de comunicação de massa (não especificados)	800	Meios de comunicações de massa não-especificados		
81	leitura	810	Leitura não especificada		
		811	Leitura de periódicos		
		812	Leitura de livros		
		819	Outras leituras especificadas		
		821	Assistir televisão		
82	televisão e vídeo	822	Assistir vídeo		
		830	Audição não-especificada de rádio e de música		
83	rádio e música	831	Ouvir rádio		
		832	Ouvir gravações		
		900	Viagem com objetivo não especificado		
900	deslocamento (objetivo não especificado)	900	Viagem com objetivo não especificado		
901	deslocamento relacionado a cuidados pessoais	901	Viagem relacionada a cuidados pessoais		
913	Viagem para desde o trabalho	913	Viagem para desde o trabalho		
921	Viagem para desde a escola ou universidade	921	Viagem para desde a escola ou universidade		
922	Viagem relacionada a estudo no tempo livre	922	Viagem relacionada a estudo no tempo livre		
931	Viagem relacionada a cuidados com domicílio	931	Viagem relacionada a cuidados com domicílio		
936	Viagem relacionada a compras e serviços	936	Viagem relacionada a compras e serviços		
938	Transporte de uma criança	938	Transporte de uma criança		
939	Transporte de um adulto membro da família	939	Transporte de um adulto membro da família		
941	Viagem relacionada a trabalho organizacional	941	Viagem relacionada a trabalho organizacional		
942	Viagem relacionada a ajuda informal a outros domicílios	942	Viagem relacionada a ajuda informal a outros domicílios		
943	Viagem relacionada a atividades participativas	943	Viagem relacionada a atividades participativas		
951	Viagem relacionada a vida social	951	Viagem relacionada a vida social		
952	Viagem relacionada a lazer e cultura	952	Viagem relacionada a lazer e cultura		
961	Viagem relacionada a esportes e atividades no ar livre	961	Viagem relacionada a esportes e atividades no ar livre		
971	Viagem relacionada a hobbies	971	Viagem relacionada a hobbies		
981	Viagem relacionada a mudança temporária de residência	981	Viagem relacionada a mudança temporária de residência		
982	Dirigir por prazer	982	Dirigir por prazer		
995	Preenchimento do diário de uso do tempo	995	Preenchimento do diário de uso do tempo		
999	Uso do Tempo não especificado	999	Uso do Tempo não especificado		

* Devido às próprias características do sistema de classificação utilizado na PUTBH, os códigos de atividades relacionados a deslocamentos foram mantidos com 3 dígitos.

** O código de 3 dígitos para "atividade religiosas" (432) foi substituído pelo código de 2 dígitos relacionado (44). Este último não existia anteriormente e foi incluído para os propósitos da comparação entre PUTBH e ATUS.

Apêndice C

QUADRO 4 - Combinação dos códigos de 2 e 3 dígitos da Pesquisa de Usos do Tempo em BH com os códigos de 6 dígitos do ATUS-2003

PUTBH (2001)		ATUS (2003)			
Códigos (2 e 3 dígitos)*	Categorias de Atividades	Códigos (6dígitos)	Categorias de Atividades Registradas no Survey		
00	cuidados pessoais (não especificados)	t019999	personal care (n.e.c.)		
01	dormir	t010101	sleeping		
		t010102	sleeplessness		
		t110101	Eating and drinking		
02	comer e beber	t110201	Waiting associated w/eating & drinking at home		
		t110202	Waiting assoc. w/eating & drinking at a restaurant, bar, or other place of purchase		
		t110204	Eating and drinking, n.e.c.		
		t110299	Eating and drinking, n.e.c.		
		t119999	Eating and drinking, n.e.c.		
03	outros cuidados pessoais	t010201	whasing, dressing and grooming oneself		
		t010299	grooming (n.e.c.)		
		t010301	health related self care		
		t010399	self care (n.e.c.)		
		t010401	personal/private activities		
		t010499	personal activities (n.e.c.)		
		t050199	Working, n.e.c.		
10	atividade com rendimentos (não especificadas)	t050301	Income-generating hobbies, crafts, and food		
		t050302	Income-generating performances		
		t050303	Income-generating services		
		t050304	Income-generating rental property activities		
		t050399	Other income-generating activities, n.e.c.		
		t059999	Work and work-related activities, n.e.c.		
		t170502	Work-related travel, not commuting		
		t170599	Travel related to work, n.e.c.		
		11	trabalho principal em atividade com rendimentos	t050101	Work, main job
				t050103	Security procedures related to work
t050201	Socializing, relaxing, and leisure as part of job				
t050202	Eating and drinking as part of job				
t050203	Sports and exercise as part of job				
t050204	Security procedures as part of job				
t050299	Work-related activities, n.e.c.				
12	trabalho secundário em atividade com rendimentos	t050102	Work, other job(s)		
13	atividades relacionadas ao trabalho com rendimentos	t050401	Active job search		
		t050402	Other job search activities		
		t050403	Job interviewing		
		t050404	Waiting associated with job search or interview		
		t050499	Job search and interviewing, n.e.c.		
20	atividades relacionadas a estudos (não especificadas)	t060103	Waiting associated with taking classes		
		t060104	Security procedures rel. to taking classes		
		t060199	Taking class, n.e.c.		
		t060399	Waiting associated with research/homework		
		t060401	Administrative activities: class for degree		
		t060402	Administrative activities: class for personal interest		
		t060403	Waiting associated w/admin. activities (education)		
21	atividades relacionadas a estudo e/ou instituição de ensino	t060499	Administrative for education, n.e.c.		
		t069999	Education, n.e.c.		
		t060101	Taking class for degree		
		t060201	Extracurricular club activities		
		t060202	Extracurricular music & performance activities		
		t060203	Extracurricular student government activities		
		t060299	Education-related extracurricular activities, n.e.c.		
22	estudo no tempo livre	t060301	Research/homework for class for degree		
		t060102	Taking class for personal interest		
30	cuidados com domicílio e a família (não especificados)	t060302	Research/homework for class for pers. interest		
		t020199	household (n.e.c.)		
31	manejo de alimentos	t020999	Household management, n.e.c.		
		t029999	Household activities, n.e.c.		
		t020201	food and drink preparation		
		t020202	food presentation		
		t020203	kitchen and food clean-up		
32	manutenção do domicílio	t020299	food and drink preparation, presentation and clean-up, n.e.c.)		
		t020101	interior cleaning		
		t020104	storing interior household items, including food		
		t020303	heating and cooling		
		t020401	Exterior cleaning		
		t020502	Ponds, pools, and hot tubs		

Apêndice C

33	manufatura e cuidados com têxteis	t020102	laundry		
		t020103	sewing, repairing and maintaining textiles		
		t020501	Lawn, garden, and houseplant care		
34	jardinagem e cuidados com animais de estimação	t020599	Lawn and garden, n.e.c.		
		t020601	Care for animals and pets (not veterinary care)		
		t020699	Pet and animal care, n.e.c.		
		t080701	Using veterinary services		
		t080702	Waiting associated with veterinary services		
35	construção e consertos	t020301	interior arrangement, ecoration and repairs		
		t020302	building and repairing furniture		
		t020399	Interior maintenance, repair, & decoration, n.e.c.		
		t020402	Exterior repair, improvements, & decoration		
		t020499	Exterior maintenance, repair & decoration, n.e.c.		
		t020701	Vehicle repair and maintenance (by self)		
		t020799	Vehicles, n.e.c.		
		t020801	Appliance & tool set-up, repair, & maintenance (by self)		
		t020899	Appliances and tools, n.e.c.		
		36	compras e serviços	t010501	personal care emergencies
				t020901	Financial management
t070101	Grocery shopping				
t070102	Purchasing gas				
t070103	Purchasing food (not groceries)				
t070104	Shopping, except groceries, food and gas				
t070105	Waiting associated with shopping				
t070199	Shopping, n.e.c.				
t070201	Comparison shopping				
t070299	Researching purchases, n.e.c.				
t079999	Consumer purchases, n.e.c.				
t080101	Using paid childcare services				
t080102	Waiting associated w/purchasing childcare svcs				
t080201	Banking				
t080202	Using other financial services				
t080203	Waiting associated w/banking/financial services				
t080299	Using financial services and banking, n.e.c.				
t080301	Using legal services				
t080302	Waiting associated with legal services				
t080401	Using health and care services outside the home				
t080402	Using in-home health and care services				
t080403	Waiting associated with medical services				
t080499	Using medical services, n.e.c.				
t080501	Using personal care services				
t080502	Waiting associated w/personal care services				
t080599	Using personal care services, n.e.c.				
t080601	Activities rel. to purchasing/selling real estate				
t080602	Waiting associated w/purchasing/selling real estate				
t089999	Professional and personal services, n.e.c.				
t090101	Using interior cleaning services				
t090102	Using meal preparation services				
t090103	Using clothing repair and cleaning services				
t090104	Waiting associated with using household services				
t090199	Using household services, n.e.c.				
t090201	Using home maint/repair/décor/construction svcs				
t090202	Waiting associated home main/repair/décor/constr				
t090299	Using home maint/repair/décor/constr services, n.e.c.				
t090301	Using pet services				
t090302	Waiting associated with pet services				
t090401	Using lawn and garden services				
t090501	Using vehicle maintenance or repair services				
t090502	Waiting associated with vehicle main. or repair svcs				
t090599	Using vehicle maint. & repair svcs, n.e.c.				
t099999	Using household services, n.e.c.				
37	gerenciamento do domicilio			t160103	Telephone calls to/from education services providers
				t160104	Telephone calls to/from salespeople
				t160105	Telephone calls to/from professional or personal care svcs providers
				t160106	Telephone calls to/from household services providers
				t020902	Household & personal organization and planning
				t020903	Household & personal mail & messages (except e-mail)
				t020905	Home security
				t100101	Using police and fire services
				t100102	Using social services
				t100103	Obtaining licenses & paying fines, fees, taxes
				t100301	Waiting associated with using police/fire services
t100302	Waiting associated w/obtaining licenses				
t160107	Telephone calls to/from paid child or adult care providers				
t160108	Telephone calls to/from government officials				

Apêndice C

38	cuidado de crianças (do domicílio)	t030101	Physical care for household children		
		t030102	Reading to/with household children		
		t030103	Playing with household children, not sports		
		t030104	Arts and crafts with household children		
		t030105	Playing sports with household children		
		t030106	Talking with/listening to household children		
		t030107	Helping/teaching household children (not rel. to educ.)		
		t030108	Organization & planning for household children		
		t030109	Looking after household children (as a primary activity)		
		t030110	Attending household children's events		
		t030111	Waiting for/with household children		
		t030112	Picking up/dropping off household children		
		t030199	Caring for & helping household children, n.e.c.		
		t030201	Homework (household children)		
		t030202	Meetings and school conferences (household children)		
		t030203	Homeschooling of household children		
		t030204	Waiting associated with household children's education		
		t030299	Activities related to household child's education, n.e.c.		
		t030301	Providing medical care to household children		
		t030302	Obtaining medical care for household children		
		t030303	Waiting associated with household children's health		
		t030399	Activities related to household child's health, n.e.c.		
		39	ajuda a um membro adulto (do domicílio)	t030401	Physical care for household adults
				t030402	Looking after household adult (as a primary activity)
				t030403	Providing medical care to household adult
				t030404	Obtaining medical and care services for household adult
t030405	Waiting associated with caring for household adults				
t030499	Caring for household adults, n.e.c.				
t030501	Helping household adults				
t030502	Organization & planning for household adults				
t030503	Picking up/dropping off household adult				
t030504	Waiting associated with helping household adults				
t030599	Helping household adults, n.e.c.				
t039999	Caring for & helping household members, n.e.c.				
41	trabalho voluntário			t150101	Computer use
				t150102	Organizing and preparing
		t150103	Reading		
		t150104	Telephone calls (except hotline counseling)		
		t150105	Writing		
		t150106	Fundraising		
		t150199	Administrative & support activities, n.e.c.		
		t150201	Food preparation, presentation, clean-up		
		t150202	Collecting & delivering clothing & other goods		
		t150203	Providing care		
		t150204	Teaching, leading, counseling, mentoring		
		t150299	Social service & care activities, n.e.c.		
		t150301	Building houses, wildlife sites, & other structures		
		t150302	Indoor & outdoor maintenance, repair, & clean-up		
		t150399	Indoor & outdoor maintenance, building & clean-up activities, n.e.c.		
		t150401	Performing		
		t150402	Serving at volunteer events & cultural activities		
		t150499	Participating in performance & cultural activities, n.e.c.		
		t150501	Attending meetings, conferences, & training		
		t150599	Attending meetings, conferences, & training, n.e.c.		
		t150601	Public health activities		
		t150602	Public safety activities		
		t150699	Public health & safety activities, n.e.c.		
		t159999	Volunteer activities, n.e.c.		

Apêndice C

42	ajuda informal a outros domicílios	t040101	Physical care for nonhousehold children
		t040102	Reading to/with nonhousehold children
		t040103	Playing with nonhousehold children, not sports
		t040104	Arts and crafts with nonhousehold children
		t040105	Playing sports with nonhousehold children
		t040106	Talking with/listening to nonhousehold children
		t040107	Helping/teaching nonhousehold children (not rel. to educ.)
		t040108	Organization & planning for nonhousehold children
		t040109	Looking after nonhousehold children (as primary activity)
		t040110	Attending nonhousehold children's events
		t040111	Waiting for/with nonhousehold children
		t040112	Dropping off/picking up nonhousehold children
		t040199	Caring for and helping nonhousehold children, n.e.c.
		t040201	Homework (nonhousehold children)
		t040202	Meetings and school conferences (nonhousehold children)
		t040203	Homeschooling of nonhousehold children
		t040301	Providing medical care to nonhousehold children
		t040302	Obtaining medical care for nonhousehold children
		t040303	Waiting associated with nonhousehold children's health
		t040399	Activities related to nonhousehold child's health, n.e.c.
		t040401	Physical care for nonhousehold adults
		t040402	Looking after nonhousehold adult (as a primary activity)
		t040403	Providing medical care to nonhousehold adult
		t040404	Obtaining medical and care services for nonhousehold adult
		t040405	Waiting associated with caring for nonhousehold adults
		t040499	Caring for nonhousehold adults, n.e.c.
		t040501	Housework, cooking, & shopping assistance for nonhousehold adults
		t040502	House & lawn maintenance & repair assistance for nonhousehold adults
		t040503	Animal & pet care assistance for nonhousehold adults
		t040504	Vehicle & appliance maintenance/repair assistance for nonhousehold adults
		t040505	Financial management assistance for nonhousehold adults
		t040506	Household management & paperwork assistance for nonhousehold adults
		t040507	Picking up/dropping off nonhousehold adult
		t040508	Waiting associated with helping nonhousehold adults
t040599	Helping nonhousehold adults, n.e.c.		
t049999	Caring for & helping nonhousehold members, n.e.c.		
43	atividades participativas (excluídas "atividades religiosas")	t100201	Civic obligations & participation
		t100299	Civic obligations & participation, n.e.c.
		t100303	Waiting associated w/civic obligations & participation
		t100399	Waiting assoc. w/govt svcs or civic obligations, n.e.c.
44	atividades religiosas	t120304	Television (religious)
		t140101	Attending religious services
		t140102	Participation in religious practices
		t140103	Waiting associated w/religious & spiritual activities
		t149999	Religious and spiritual activities, n.e.c.
50	vida social e atividades culturais (não especificadas)	t120501	Waiting assoc. w/socializing & communicating
		t120502	Waiting assoc. w/attending/hosting social events
		t120503	Waiting associated with relaxing/leisure
		t120504	Waiting associated with arts & entertainment
		t120599	Waiting associated with socializing, n.e.c.
		t129999	Socializing, relaxing, and leisure, n.e.c.
		t130302	Waiting related to attending sporting events
		t130402	Security related to attending sporting events
51	vida social	t120101	Socializing and communicating with others
		t120199	Socializing and communicating, n.e.c.
		t120201	Attending or hosting parties/receptions/ceremonies
		t120202	Attending meetings for personal interest (not volunteering)
		t120299	Attending/hosting social events, n.e.c.
		t160101	Telephone calls to/from family members
t160102	Telephone calls to/from friends, neighbors, or acquaintances		
t169999	Telephone calls, n.e.c.		

Apêndice C

		t120401	Attending performing arts
		t120402	Attending museums
		t120403	Attending movies/film
		t120404	Attending gambling establishments
		t120499	Arts and entertainment, n.e.c.
		t130202	Watching baseball
		t130203	Watching basketball
		t130205	Watching billiards
		t130206	Watching boating
		t130207	Watching bowling
		t130209	Watching dancing
		t130210	Watching equestrian sports
		t130212	Watching fishing
		t130213	Watching football
		t130214	Watching golfing
		t130215	Watching gymnastics
		t130216	Watching hockey
		t130217	Watching martial arts
		t130218	Watching racquet sports
		t130219	Watching rodeo competitions
		t130220	Watching rollerblading
		t130221	Watching rugby
		t130222	Watching running
		t130223	Watching skiing, ice skating, snowboarding
		t130224	Watching soccer
		t130225	Watching softball
		t130226	Watching vehicle touring/racing
		t130227	Watching volleyball
		t130229	Watching water sports
		t130230	Watching weightlifting/strength training
		t130231	Watching people working out, unspecified
		t130232	Watching wrestling
		t130299	Attending sporting events, n.e.c.
52	atividades culturais	t120301	Relaxing, thinking
		t120302	Tobacco and drug use
53	descanso (tempo sem atividade)	t130301	Waiting related to playing sports or exercising
		t130399	Waiting associated with sports, exercise, & recreation, n.e.c.
60	esportes e atividades ao ar livre (não especificados)	t130401	Security related to playing sports or exercising
		t139999	Security related to sports, exercise, & recreation, n.e.c.
		t130101	Doing aerobics
		t130102	Playing baseball
		t130103	Playing basketball
		t130104	Biking
		t130105	Playing billiards
		t130106	Boating
		t130107	Bowling
		t130109	Dancing
		t130110	Participating in equestrian sports
		t130113	Playing football
		t130114	Golfing
		t130115	Doing gymnastics
		t130116	Hiking
		t130117	Playing hockey
		t130118	Hunting
		t130119	Participating in martial arts
		t130120	Playing racquet sports
		t130122	Rollerblading
		t130124	Running
		t130125	Skiing, ice skating, snowboarding
		t130126	Playing soccer
		t130127	Softball
		t130128	Using cardiovascular equipment
		t130129	Vehicle touring/racing
		t130130	Playing volleyball
		t130131	Walking
		t130132	Participating in water sports
		t130133	Weightlifting/strength training
		t130134	Working out, unspecified
		t130136	Doing yoga
		t130199	Playing sports n.e.c.
61	exercício físico	t130112	Fishing
62	exercícios produtivos	t120399	Relaxing and leisure, n.e.c.
70	hobbies e jogos (não especificados)	t120309	Arts and crafts as a hobby
71	artes	t120313	Writing for personal interest

Apêndice C

72	hobbies	t020904	Household & personal e-mail and messages
		t120308	Computer use for leisure (exc. Games)
		t120310	Collecting as a hobby
		t120311	Hobbies, except arts & crafts and collecting
73	jogos	t120307	Playing games
81	leitura	t120312	Reading for personal interest
82	televisão e vídeo	t120303	Television and movies (not religious)
83	rádio e música	t120305	Listening to the radio
		t120306	Listening to/playing music (not radio)
900	deslocamento (objetivo não especificado)	t171701	Security procedures related to traveling
		t171799	Security procedures related to traveling, n.e.c.
		t179999	Traveling, n.e.c.
901	deslocamento relacionado a cuidados pessoais	t170101	Travel related to personal care
		t170199	Travel related to personal care, n.e.c.
913	deslocamento desde/para trabalho com rendimentos	t170501	Commuting to/from work
921	deslocamento para/desde instituição de ensino	t170601	Commuting to/from school
		t170602	Education-related travel, not commuting
		t170699	Education travel, n.e.c.
931	deslocamento relacionado a cuidados com domicílio	t170201	Travel related to housework
		t170299	Travel related to household activities, n.e.c.
		t170901	Travel related to using household services
		t170902	Travel related to using home main./repair/décor./construction svcs
		t170903	Travel related to using pet services (not vet)
936	deslocamento relacionado a compras, serviços e gerenciameto do domicílio	t170202	Travel related to household management
		t170701	Traveling to/from the grocery store
		t170702	Traveling to/from other store
		t170799	Travel related to consumer purchases, n.e.c.
		t170801	Travel related to using childcare services
		t170802	Travel related to using financial services and banking
		t170803	Travel related to using legal services
		t170804	Travel related to using medical services
		t170805	Travel related to using personal care services
		t170806	Travel related to using real estate services
		t170807	Travel related to using veterinary services
		t170899	Travel rel. to using prof. & personal care services, n.e.c.
		t170905	Travel related to using vehicle maintenance & repair services
		t170999	Travel related to using household services, n.e.c.
		t171001	Travel related to using police/fire services
		t171002	Travel related to using social services
		t171003	Travel related to obtaining licenses and fines/fees
		t171099	Travel rel. to govt svcs & civic obligations, n.e.c.
		t171101	Travel related to eating and drinking
t171199	Travel related to eating and drinking, n.e.c.		
938	transporte de criança	t170301	Travel related to caring for & helping household children
939	transporte de um adulto do domicílio	t170302	Travel related to caring for & helping household adults
		t170399	Travel rel. to caring for & helping household members, n.e.c.
941	deslocamento relacionado ao trabalho organizacional	t171501	Travel related to volunteering
		t171599	Travel related to volunteer activities, n.e.c.
942	deslocamento relacionado a ajuda informal a outros domicílios	t170401	Travel related to caring for and helping nonhousehold children
		t170402	Travel related to caring for and helping nonhousehold adults
		t170499	Travel rel. to caring for & helping nonhousehold members, n.e.c.
943	deslocamento relacionado a atividades participativas	t171004	Travel related to civic obligations & participation
		t171401	Travel related to religious/spiritual practices
		t171499	Travel rel. to religious/spiritual activities, n.e.c.
951	deslocamento relacionado a vida social e atividade culturais	t171201	Travel related to socializing and communicating
		t171202	Travel related to attending or hosting social events
		t171203	Travel related to relaxing and leisure
		t171299	Travel rel. to socializing, relaxing, & leisure, n.e.c.
		t171601	Travel related to phone calls
952	deslocamento relacionado a atividades culturais	t171699	Travel rel. to phone calls, n.e.c.
961	deslocamento relacionado a esportes e atividades ao ar livre	t171204	Travel related to arts and entertainment
		t171301	Travel related to participating in sports/exercise/recreation
		t171302	Travel related to attending sporting/recreational events
999	uso do tempo não especificado	t171399	Travel related to sports, exercise, & recreation, n.e.c.
		t500101	Insufficient detail in verbatim
		t500102	Recorded activity using incorrect words (ex. Going, went, in, at)
		t500103	Missing travel or destination
		t500104	Recorded simultaneous activities incorrectly
		t500105	Respondent refused to provide information/"none of your business"
		t500106	Gap/can't remember
t500107	Unable to code activity at 1st tier		
t509999	Data codes, n.e.c.		

* Devido às próprias características do sistema de classificação utilizado na PUTBH, os códigos de atividades relacionados a deslocamentos foram mantidos com 3 dígitos.